

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

CHRISTIANNE LOBATO RAMALHO DA SILVA

**O *ORGANIZING* DAS ARTESÃS DE FILÉ DO PONTAL DA BARRA,
EM MACEIÓ/AL**

VITÓRIA

2017

CHRISTIANNE LOBATO RAMALHO DA SILVA

**O *ORGANIZING* DAS ARTESÃS DE FILÉ DO PONTAL DA BARRA,
EM MACEIÓ/AL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva.

VITÓRIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Silva, Christianne Lobato Ramalho da, 1974-
S586o O organizing das artesãs de filé do Pontal da Barra, em
Maceió/AL / Christianne Lobato Ramalho da Silva. – 2017.
179 f. : il.

Orientador: Alfredo Rodrigues Leite da Silva.
Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e
Econômicas.

1. Artesanato. 2. Cotidiano. 3. Organizing. I. Silva, Alfredo
Rodrigues Leite da, 1973-. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 65



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO



Programa de
Pós- Graduação
em Administração
UFES
Mestrado e Doutorado

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Programa de Pós - Graduação em
Administração
Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus
Universitário - Goiabeiras
CEP. 290075.910-ES-Brasil-Telefax (27)
3335.7712
E-Mail ppgadm@gmail.com
www.ppgadm.ufes.br

“O Organizing das Artesãs de Filé do Pontal da Barra, em
Maceió/Alagoas”

Christianne Lobato Ramalho da Silva

*Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Administração da
Universidade Federal do Espírito Santo
como requisito parcial para obtenção do
Grau de Mestre em Administração.*

Aprovada em: 20/07/2017

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Drª Letícia Dias Fantinel
Universidade Federal do Espírito Santo

por videoconferência
Professora Drª Marina Dantas Figueiredo
Universidade de Fortaleza

Aos meus pais, José e Jael, que me deram vida
e a quem agradeço o que hoje sou.

A minha avó, Judite Lobato (*in memoriam*),
fundamental na minha criação e formação.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus, que sempre me auxilia como uma força a me fortalecer interiormente, possibilitando-me a superação de desafios internos e externos.

Aos meus pais, José Ramalho e Jael Lobato, pelo amparo constante, viagens e paciência com as necessárias ausências, sempre acreditando em meu potencial e me acolhendo continuamente nas idas e vindas em virtude do mestrado.

Aos meus irmãos, Carlo, Cynthia e Cássia; cunhados, Antônio Fausto e Michelle, e sobrinhos, que entenderam a necessidade da distância e sempre me apoiaram e me acolheram nas oportunidades em que pudemos compartilhar momentos em família.

As minhas tias, Fátima, Socorro, ao meu tio João, aos parentes queridos, primos e primas, juntamente com os tios e prima de coração, Paulo, Cibele e Adriana, que por meio da tecnologia me transmitiram mensagens de incentivo e pensamentos positivos, os quais me auxiliaram em vários momentos difíceis, acentuados pela distância da família, da cidade e dos amigos.

As pontuais orientações recebidas do Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva, a quem agradeço, inclusive, pelo incentivo recebido a partir do primeiro artigo aprovado, o qual representou significado relevante, com consequências positivas ao meu desempenho no decorrer deste mestrado.

Ao Prof. Dr. César Tureta, pela participação da banca de qualificação contribuindo com direcionamentos assertivos ao desenvolvimento deste trabalho, os quais também foram proporcionados pela Profa. Dra. Letícia D. Fantinel, cujos ensinamentos foram extensíveis na banca de defesa. Também a Profa. Dra. Marina D. Figueiredo, que também me honrou com seus conhecimentos e importantes observações ao participar da banca de defesa desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Eraldo de Souza Ferraz (Ufal), com seu modo encorajador, fez orientações iniciais em meu projeto que, quando do processo seletivo ao curso, foram imprescindíveis à minha aprovação.

Às filezeiras, que gentilmente colaboraram em dar sua parcela de contribuição, em especial, às entrevistadas, proprietárias das lojas participantes, presidente e associadas da Associação

dos Artesãos do Pontal da Barra. Enfim, aos moradores do bairro que direta ou indiretamente contribuíram ao desenvolvimento deste trabalho.

A Márcia de Mello Fonseca Corvino, que me auxiliou a encontrar uma inicial morada, além de todo o apoio que recebi dela e de sua família, durante minha estadia em Vitória/ES.

Aos meus colegas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), pelo companheirismo, pelos momentos compartilhados e amizades construídas, as quais espero que sejam mantidas, apesar da distância.

Aos meus colegas da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), agradeço todas as dicas recebidas, em especial, a Renata Mendes, Faustino Júnior e Carla Rosiane, só tenho a agradecer pela compreensão sobre o período em que estive distante geograficamente e em pouco contato, não permitindo que isso um fosse obstáculo à manutenção de nossa amizade.

Por fim, agradeço à bibliotecária Maria Helena Mendes Lessa, cujas orientações durante e após o curso de ABNT, ministrado na Ufal, foram fundamentais na fase final deste trabalho de pesquisa.

RESUMO

O artesanato se caracteriza como uma prática em que os indivíduos desenvolvem um *modus operandi* no seu cotidiano que origina eventos da e para a sua sobrevivência. Essas “maneiras de fazer” artesanal, oportunizam aos sujeitos sociais a constituição de uma organização, que envolvida numa rede de relações, possibilita-lhes transformar sua realidade coletivamente, constituindo uma rede de conexões que permeia o artesanato produzido pelos atores sociais participantes, numa dinâmica contínua contextualizada. O estudo dessas práticas cotidianas que permeiam um ofício de relevância local permite compreender dinâmicas específicas de determinado *organizing* (processo organizativo), como no caso do artesanato bordado conhecido como filé, originário do estado de Alagoas. Nesse sentido, o objetivo desta dissertação é compreender o processo organizativo do artesanato produzido nas redes de ação decorrentes das práticas cotidianas das artesãs de filé do bairro do Pontal da Barra, no município de Maceió, estado de Alagoas. A articulação teórica que fundamenta a presente discussão se baseia na abordagem de Michel de Certeau – sobre o cotidiano dos atores sociais envolvidos - e na de redes de ação, de Barbara Czarniawska - com a análise das inúmeras conexões existentes no contexto pesquisado. Na investigação empírica, foi utilizada como técnica de coleta de dados a observação participante e a *shadowing* (técnica da sombra), além de dados coletados por documentos. A pesquisa de campo ocorreu de junho a outubro de 2016, por meio da observação participante em duas lojas de artesanato localizadas no bairro e o acompanhamento de reuniões na Associação dos Artesãos do Pontal da Barra. A *shadowing* foi adotada por um período de seis dias corridos com a presidente da Associação. Após a coleta dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo na modalidade temática, com categorias definidas *a posteriori*. Os resultados demonstraram que o *organizing* do artesanato estudado se desenvolve mediante a conexão de diversas redes de ação, atuando em todas as fases do processo, devido ao fato da atividade artesanal receber influências da produção de sentido desde a fase inicial, como quando da caracterização da prática como terapia, apresentando uma sociomaterialidade que se mostra marcada pela heterogeneidade da comunidade e, principalmente, pelas interferências interacionais dos indivíduos. Diante disso, seu processo organizativo ocorre por meio dessa sociomaterialidade inerente a um processo de produção que possibilita às praticantes a contraposição aos termos impostos pela sociedade, ao tempo em que as auxilia na formação da identidade de artesãs de bordado Filé do Pontal da Barra.

Palavras-chave: Artesanato. Cotidiano. Rede de ação. Produção de sentido. Sociomaterialidade.

ABSTRACT

Handcraft is characterized as a practice in which individuals develop a *modus operandi* in their daily life that gives rise to events from and for their survival. These ways of making crafts makes possible the constitution of an organization to social subjects, which is involved in a network of relationships, enables them to transform their reality through collective actions, constituting a network of connections that permeates the handcraft produced by the participating social actors, in a continuous dynamic that encompasses its context. The study of these daily practices that permeates a work with local relevance allows us to understand specific dynamics of certain organizing, as in the case of the embroidered handicraft known as *filé*, originating in the state of Alagoas. In this sense, the objective of this dissertation is to understand the organizational process of the handcraft produced in the action nets resulting from the daily practices of the *filé* artisans of the neighborhood of Pontal da Barra, in the municipality of Maceió, state of Alagoas. The theoretical articulation that underlies this discussion is based on Michel de Certeau's approach - about the daily life of the involved social actors - and the action nets approach, by Barbara Czarniawska - with the analysis of the innumerable connections existing in the researched context. In the empirical investigation, participant observation and shadowing were used as data collection techniques, as well as data collected by documents. The field work was carried out from June to October 2016, during which was realized a participant observation in two handcraft stores located in the neighborhood and the attendance of meetings in the Artisans' Association of Pontal da Barra was also performed. The shadowing took place for a period of six consecutive days with the president of the Association. After the data collection, the content analysis was used in the thematic modality, with categories defined *a posteriori*. The results showed that the organization of the handicraft studied is developed through the connection of several action nets, acting in all phases of the process, due to the fact that the craft activity receives influences from sensemaking from the initial phase, such as when characterizing the practice as therapy, presenting a sociomateriality that is marked by the heterogeneity of the community and, mainly, by the interactional interferences of the individuals. Therefore, organizing takes place through this sociomateriality inherent in a production process that enables practitioners to oppose the terms imposed by society, while helping them to form the identity of *Filé* embroidery artisans from Pontal da Barra.

Keywords: Handcraft. Daily life. Action nets. Sensemaking. Sociomateriality.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Localização dos locais de observação, praça da igreja e estacionamento..... | 86 |
| Figura 2 – Processo de produção da rede de bordado Filé | 90 |
| Figura 3 – Processo de produção do bordado Filé..... | 91 |
| Figura 4 – Distribuição dos artesãos que produzem o bordado Filé no Estado de Alagoas..... | 93 |

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | |
|--|-----|
| Fotografia 1 – Lojas de artesanato onde ocorreram a observação..... | 67 |
| Fotografia 2 – Loja de artesanato principal da observação participante | 84 |
| Fotografia 3 – Sede da Colônia de Pescadores (um dos locais de reunião da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra)..... | 88 |
| Fotografia 4 – Residência de filezeira associada – Espaço utilizado para reuniões da Associação. Filezeiras organizando material para ser enviado para uma feira | 88 |
| Fotografia 5 – Peças de filé sobre o girau, secando no quintal de uma loja..... | 92 |
| Fotografia 6 – Procissão de São Pedro com os habitantes locais e a igreja do bairro ao fundo | 95 |
| Fotografia 7 – Participante da procissão soltando fogos de artifício e a charola com a imagem de São Pedro sendo carregada durante a procissão..... | 95 |
| Fotografia 8 – Entrada do bairro do Pontal da Barra..... | 101 |
| Fotografia 9 – Hotel 1. Mesa para duas filezeiras localizada próxima à piscina e à entrada do restaurante | 123 |
| Fotografia 10 – Hotel 5. Mesa para uma filezeira, localizada próxima à recepção, à rampa que leva ao restaurante, à passagem da piscina e aos elevadores | 123 |
| Fotografia 11 – Logotipo da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra impresso em sacolas para utilização em feiras..... | 142 |
| Fotografia 12 - Rede com marca-textos bordados para atendimento de encomenda, dos quais, dois deles foram bordados pela pesquisadora | 147 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|----------|--|
| AMAPA | Associação dos Moradores e Amigos do Pontal da Barra |
| APA | Arquivo Público em Alagoas |
| EBP | Estudos Baseados em Prática |
| EO | Estudos Organizacionais |
| Falarte | Federação Alagoana dos Artesãos |
| FBES | Fórum Brasileiro de Economia Solidária |
| IG | Indicação Geográfica |
| IHGAL | Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas |
| Inbordal | Instituto do Bordado Filé da Região das Lagoas Mundaú-Manguaba |
| INPI | Instituto Nacional da Propriedade Industrial |
| Iphan | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| LER | Lesões por Esforço Repetitivo |
| Misa | Museu da Imagem e do Som do Estado |
| PAB | Programa do Artesanato Brasileiro |
| Sebrae | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas |
| Sedetur | Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo |
| SEMTABES | Secretaria Municipal do Trabalho, Abastecimento e Economia Solidária |
| TAR | Teoria Ator-Rede |
| Ufal | Universidade Federal de Alagoas |
| Uncisal | Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas |
| Unesco | Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 1.2 | OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 20 |
| 1.3 | JUSTIFICATIVA | 21 |
| 2 | OS ESTUDOS DOS PROCESSOS ORGANIZATIVOS (<i>ORGANIZING</i>)..... | 24 |
| 2.1 | OS ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA E O <i>ORGANIZING</i> | 24 |
| 2.2 | O <i>ORGANIZING</i> NUMA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA..... | 26 |
| 2.3 | O ESTUDO DO <i>ORGANIZING</i> COM ENFOQUE NAS REDES DE AÇÃO | 30 |
| 2.4 | MICHEL DE CERTEAU E SUAS CONTRIBUIÇÕES AO <i>ORGANIZING</i> | 39 |
| 3 | RELACIONANDO O ARTESANATO E SEU CONTEXTO ÀS ABORDAGENS DO <i>ORGANIZING</i> E DE MICHEL DE CERTEAU | 47 |
| 3.1 | A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS FAZERES INCIDENTES NO ARTESANATO..... | 52 |
| 3.2 | O ARTESANATO ATUANDO NA SOBREVIVÊNCIA DOS ARTESÃOS..... | 56 |
| 4 | METODOLOGIA..... | 62 |
| 4.1 | A APROXIMAÇÃO COM O CAMPO | 62 |
| 4.2 | A COLETA DE DADOS | 63 |
| 4.2.1 | Questões Éticas..... | 73 |
| 4.2.2 | Limitações..... | 74 |
| 4.2.3 | Tabela de Diários de Campo..... | 74 |
| 5 | PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS..... | 77 |
| 6 | FAZENDO PARTE DO COTIDIANO LOCAL | 80 |
| 6.1 | CONHECENDO O BAIRRO | 80 |
| 6.2 | CONHECENDO OS LOCAIS DE OBSERVAÇÃO | 83 |
| 6.2.1 | As lojas de artesanato | 83 |
| 6.2.2 | A Associação dos Artesãos do Pontal da Barra | 86 |
| 6.3 | CONHECENDO O ARTESANATO BORDADO FILÉ | 89 |
| 7 | O COTIDIANO BUCÓLICO EM SEU DINAMISMO REGIDO PELA SOBREVIVÊNCIA..... | 94 |
| 7.1 | BATALHADORAS – ESTRATÉGICAS E TÁTICAS NUMA LUTA CONTÍNUA | 109 |

| | | |
|-----------|--|------------|
| 8 | PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS ISOLADAS E VINCULADAS A UMA COMUNIDADE ARTESÃ..... | 121 |
| 8.1 | A MULTIPLICIDADE DE LUGARES E A CONVERGÊNCIA GERENCIAL COMPONDO O AMBIENTE ORGANIZACIONAL | 121 |
| 8.2 | ESTRATÉGIAS E TÁTICAS ENTRE ARTESÃS ASSOCIADAS E CONCORRENTES..... | 128 |
| 9 | DÚVIDAS E EXPECTATIVAS ENCONTRADAS NA COMUNIDADE ARTESÃ | 134 |
| 10 | A SOCIOMATERIALIDADE OPERANTE NO ARTESANATO BORDADO FILÉ DO PONTAL DA BARRA | 140 |
| 10.1 | OS ELEMENTOS NÃO HUMANOS E SUA SIGNIFICÂNCIA NO ARTESANATO BORDADO FILÉ DO PONTAL DA BARRA | 140 |
| 10.2 | O BORDADO FILÉ COM EFEITOS NO CORPO, NA MENTE E NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO..... | 145 |
| 11 | O BORDADO FILÉ, SUAS REDES DE AÇÃO E AS ARTICULAÇÕES ENVOLVIDAS..... | 153 |
| 12 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 160 |
| | REFERÊNCIAS..... | 169 |
| | APÊNDICES | 176 |

1 INTRODUÇÃO

A sobrevivência se caracteriza por uma necessidade vital dos atores sociais humanos, os quais precisam auferir meios de organização para alcançá-la e mantê-la. Uma dessas maneiras se apresenta na atividade artesanal, sendo não apenas um meio de sobrevivência dos indivíduos, mas uma forma de perceber significados representativos dos sujeitos e de sua cultura.

Ao mesmo tempo em que o artesanato oferece a possibilidade de funcionar como elemento de inclusão social, viabilizando a profissionalização do ofício de artesão (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014), trata-se também de uma técnica vinculada à questão cultural e ao estilo de vida (SENNETT, 2009). Desse modo, a atividade artesanal, possibilita ao artesão oportunidades de atuação, oriundas de suas ações cotidianas, que podem ser determinantes para sua condição social, bem como, para as áreas econômica e turística de determinado local, derivando em uma gama de relações que envolvem o contexto em que ele convive.

Quando existente numa comunidade artesã, por sua vez, o artesanato é o resultado da interação cotidiana de um conjunto de atores sociais com objetivos em comum, desencadeando práticas autônomas e vinculadas, ou não, ao atendimento das necessidades do grupo ou comunidade da qual o artesanato faz parte.

Partindo-se de uma visão grupal de uma comunidade de artesãos e pescadores (ALAGOAS, 2016a), localizada na cidade de Maceió/AL, onde é inevitável a existência de diferentes realidades sociais em um único contexto, tem-se, por consequência, uma necessidade organizativa para que torne possível o alcance de objetivos do grupo ou comunidade. Direcionando-se o enfoque aos artesãos, a organização é concretizada, portanto, pelas práticas adotadas pelo grupo, as quais podem estar associadas a atividade artesanal. Essa organização, ao tempo em que resulta da interação das pessoas em seu cotidiano, remete a uma reflexão acerca de tais práticas e a forma como tal organização pode se dar.

Dessa forma, adota-se a concepção de organização “[...] mais próxima da ideia de movimento, complexidade e ação [...]” (BISPO; SANTOS, 2014, p. 380), que invoca o dinamismo inerente ao processo organizativo no ambiente analisado, comungando, assim, com o novo olhar sobre organizações proporcionado pelo *organizing* no campo dos Estudos Organizacionais (EO) (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Essa abordagem se volta para uma perspectiva heterogênea e processual, reconhecendo a existência de múltiplas realidades

organizacionais e auxilia na compreensão de fenômenos a partir dos resultados do organizar (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). O foco se volta para como uma organização pode ser produzida, tornando possível a compreensão acerca do processo organizativo de uma comunidade, cujas práticas se encontram vinculadas a uma atividade artesanal específica constituída como parte característica de seu contexto.

Um exemplo desse tipo de comunidade é a comunidade do bairro do Pontal da Barra, do município de Maceió, estado de Alagoas. “Com rotina voltada para o artesanato e a pesca” (ALAGOAS, 2016a), dentre os artesanatos produzidos no local, destaca-se o trabalho artesanal do bordado filé, objeto deste trabalho. Por ser uma forma específica de produção artesanal, o bordado filé possui uma identidade própria, diretamente ligada ao contexto cotidiano de seus criadores, grande parte de mulheres, que fazem sua arte e se organizam entre si. Inclusive, considerando a predominância do sexo feminino no trabalho dos sujeitos inseridos no contexto estudado, aliada à notória denominação popular auferida à generalidade de artesãos de filé, ora chamados rendeiras (MACEIÓ, 2013a), ora filezeiras (INBORDAL, [2015?])¹, ora bordadeiras de filé (RAMOS, 2013), optou-se por utilizar os termos filezeira ou artesã de filé, no feminino.

Nacionalmente reconhecido como um bordado rico com muitas combinações de pontos, o saber-fazer do filé registra uma singularidade alagoana (INBORDAL, [2015?]).

Segundo Certeau (1998, p. 41), “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”. Assim, no que diz respeito às filezeiras do Pontal da Barra/AL, atuando como usuárias de sua própria arte, elas se utilizam de sua técnica particular e ocupam seu espaço, ao tempo em que também representam uma cultura, contextualizada nos objetos produzidos como resultado de suas práticas sociais. Tais práticas, por sua vez, apresentam-se como de um conhecimento enriquecedor a ser descoberto, tendo em vista um contexto social rico em significados garantidores da sobrevivência econômico-social dessas artesãs.

Convivendo com seu ofício e artefatos materiais e simbólicos, interagindo em comunidade e transformando continuamente suas realidades por meio de suas práticas, essas artesãs se caracterizam por atores sociais “[...] que fazem parte da vida social organizada, o que abre possibilidades para refletir acerca das práticas cotidianas desses atores [...]” (BISPO; SANTOS, 2014, p. 380). Essas práticas, por sua vez, remetem os sujeitos a determinadas

¹ Instituto do Bordado Filé da Região das Lagoas Mundaú-Manguaba.

ações, as quais se processam numa continuidade de eventos (CZARNIAWSKA, 2004), possibilitando a ocorrência de fenômenos constitutivos da realidade derivada da prática do artesanato.

Diante desse cenário adere-se à teoria do *organizing*, tendo como fundamento teórico principal as ideias de Czarniawska (2004, 2008), relativas às redes de ação (*action nets*). Para o desenvolvimento deste estudo, essas ideias foram articuladas com a abordagem de Michel de Certeau (1998) sobre a vivência cotidiana dos indivíduos. A organização analisada foi tratada como um tipo de produto final, e não como um ponto de partida (CZARNIAWSKA, 2004). A partir dos pressupostos teóricos das abordagens acima mencionadas, entendeu-se a possibilidade de uma análise de como as artesãs de filé podem se constituir como organização, além de tornar possível a compreensão acerca da rede existente entre as práticas dos indivíduos e seus arranjos materiais. Tais arranjos, por sua vez, têm como destaque o artesanato, tendo-se em vista este último ter as características de atuar como artefatos materiais e “[...] simbólicos que influenciam e identificam tais práticas” (BISPO; SANTOS, 2014, p. 380).

Introduzido por Karl E. Weick, em 1969, o *organizing* possibilita enfatizar a heterogeneidade existente nas micropráticas, permitindo a consideração de uma dinâmica contínua de processos precários constitutivos de fenômenos heterogêneos emergentes, formadores de múltiplas realidades (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Observa-se, nesse ponto, uma oportunidade investigativa a partir das ações das filezeiras do Pontal da Barra/AL visto que se parte do princípio de que cada filezeira se caracteriza por uma artesã com seu trabalho peculiar e, conforme complementa Bispo (2014, p. 162), tem-se que “[...] a prática individual é situada num amplo campo de práticas as quais se ramificam em todas as direções, do individual para o organizacional e o institucional, assim como qualquer outro sistema complexo”.

Complementando-se à abordagem do *organizing*, a visão *certeuniana* enfoca as práticas da vida mundana dos indivíduos no sentido de compreender as “maneiras de fazer” que constituem as práticas comuns cotidianas, explorando-as, inclusive em sua linguagem, usos, estratégias, táticas e significados ligados à arte do fazer. Desse modo, entendeu-se que através deste teórico foi possível perceber microdiferenças nas práticas, que outros não conseguem ver (GIARD, 1998), podendo-se, assim, identificar o vínculo existente do sentido das práticas

cotidianas de artesãs e o processo organizativo vivente em seu artesanato, derivado de tais práticas, foco desta dissertação.

A investigação a partir do *organizing* possibilitou um olhar direcionado ao entendimento da produção da organização, sendo a organização vista como um produto final ou resultado de uma produção (DUARTE; ALCADIPANI, 2016), permitindo-se, assim, a análise a partir da dinâmica existente nas atividades cotidianas do contexto pesquisado com enfoque nas ações dos sujeitos. Em paralelo, as atividades inseridas no contexto da prática artesanal das filezeiras, as quais influenciam a venda, a cultura, a economia e o turismo local, puderam ser melhor analisadas de acordo com uma visão *certeauniana*.

Diante desses aspectos, tal investigação foi conduzida pelo seguinte problema de pesquisa: **como ocorre o processo organizativo do artesanato produzido nas redes de ação decorrentes das práticas cotidianas das artesãs de filé do bairro do Pontal da Barra, no município de Maceió, estado de Alagoas?** Nesse caminho investigativo, destacam-se as práticas cotidianas, com observância aos fenômenos sociais que permeiam a comunidade pesquisada como o artesanato, o turismo cultural, a cultura e questões relacionadas à sobrevivência, os quais se alinham em sua dinamicidade. Em vista disso, oferece-se uma análise que ao tempo em que busca discutir as relações existentes entre eles, comunga com a ideia de que “[...] a organização é um produto de ações realizadas em meio às práticas existentes [...]” (DUARTE; ALCADIPANI, 2016, p. 7).

A análise desenvolvida, segundo a abordagem teórica de Certeau (1998), foi amparada em conformidade com uma visão que considere a organização do artesanato das filezeiras como um resultado de suas práticas cotidianas. Devido o enfoque do estudo se encontrar nas práticas, tornou-se pertinente a consideração acerca da intersubjetividade inserida nessas práticas. Dessa forma, possibilitou-se uma melhor compreensão sobre o artesanato como prática e como ocorre o seu processo organizativo (*organizing*) em torno das ações das artesãs de filé do bairro do Pontal da Barra e de outros atores em construções sociais que envolvem os aspectos relacionados ao trabalho artesanal.

Constituindo-se numa técnica de bordado europeu, o filé tem sido difundido entre as gerações dos moradores da região do complexo das lagoas Mundaú e Manguaba no estado de Alagoas (INBORDAL, [2015?]). O bairro do Pontal da Barra/AL, localizado às margens da Lagoa Mundaú, constitui-se num local de comunidade de artesãos e pescadores, cujo trabalho mais conhecido é o bordado filé, um trabalho artesanal típico, através do qual são criadas peças de

cama, mesa, banho e vestuário “[...] sobre a superfície de fios tramados e não sobre um tecido já constituído, sendo essa sua característica peculiar” (INBORDAL, [2015?], p. 17).

Não se limitando ao filé, o trabalho dos artesãos se apresenta como criativo em variados produtos e com características distintas (MACEIÓ, 2013a) de modo que, tendo em vista o destaque das mulheres no ofício, as filezeiras movimentam o comércio do bairro. Este comércio, inserido no roteiro turístico da cidade de Maceió/AL, tem o trabalho artesanal com o filé compondo o cenário cultural do estado e se apresentando como atuante, destacadamente no contexto da comunidade do Pontal da Barra/AL, o qual atua como um dos pontos turísticos da capital.

Diante do cenário apresentado, observou-se a existência de inúmeros aspectos que permeiam o trabalho dessas artesãs. Além de se encontrarem legalmente representadas por várias associações ao longo do complexo lagunar Mundaú-Manguaba, e dentre elas, a Associação dos Artesãos do Pontal da Barra (ALAGOAS, 2016a), elas conseguem se organizar em meio ao seu cotidiano. Ao seu modo, as 450 artesãs associadas² (Informação verbal) identificam a sua arte, atraem o turista interessado em conhecer a cultura local, garantem a sua sobrevivência econômico-social e constroem significados através da conjuntura cotidiana da vida em comunidade.

Ao analisar conjuntamente as ações das filezeiras da comunidade com as dos membros da Associação dos Artesãos, buscou-se a composição da rede que envolve o artesanato local, assim como as inúmeras conexões que a permeiam. Assim se entendeu, tendo em conta que o artesanato produzido pelas filezeiras do Pontal da Barra/AL adquire seu significado uma vez que, segundo os estudos baseados em prática, a realidade se encontra ligada a artefatos materiais, vinculando o social, tanto aos seres humanos, quanto a artefatos culturais e simbólicos (BISPO, 2013b). Sendo produzido no bairro do Pontal da Barra, tal artesanato é o resultado das práticas de atores que convivem num local constituído por casas simples, de comércio predominantemente artesanal e voltado para o turismo, onde podem ser encontrados restaurantes de comidas típicas e ofertas de passeios de barcos e jangadas ao longo da Lagoa Mundaú/AL.

Dessa forma, as características da comunidade, oportunamente estudadas nessa pesquisa, dão ensejo a uma gama de análises direcionadas a um grupo que, através de seu trabalho e

² FILÉ, Ana. Informação concedida à autora pela Presidente da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra em Maceió, em março de 2016.

organização, tenta ocupar o seu lugar. Tal lugar, teoricamente, pode ser compreendido sob à luz de Certeau (1998), como uma ordem na qual são distribuídos elementos em relações de coexistência situados num lugar próprio. Eles remetem à possibilidade de descoberta acerca de como cada sujeito, ocupa o seu espaço e como os grupos de sujeitos, no caso, as artesãs de filé, organizam-se para também ter o seu lugar dentro da sociedade, indo de encontro à dinâmica social opressora para com grupos sociais marginalizados.

Nessa perspectiva, tem-se no trabalho dessas artesãs, uma associação com o turismo cultural que abarca o estilo de vida de um determinado povo ou região (VIEIRA; RODRIGUES; TEIXEIRA, 2015), além de também ser concebido como uma forma de turismo alternativo que engloba uma comercialização da cultura (SANTANA TALAVERA, 2003). Tais aspectos, vinculantes tanto ao artesanato, como à cultura, envolvem a atividade desenvolvida, delineando fenômenos nas relações de sobrevivência da comunidade estudada.

Uma vez que a prática de um ofício tanto pode ser transmitida de geração a geração, como também desenvolvida e praticada como uma possibilidade de sobrevivência, obtém-se um campo investigativo de análise que aborda as interações ocorridas no contexto do artesanato bordado Filé, considerando tanto o ambiente institucional, como o da comunidade local. Nesse ambiente estudado, considerou-se a importância da atuação dos atores sociais, humanos e não humanos, como uma forma de melhor perceber suas influências nas ações envolvidas no processo organizativo do artesanato analisado.

Esse caminho investigativo com base em elementos da abordagem *certeuniana* como as táticas, estratégias, trampolinagens e bricolagens, tendo em vista a diversidade de tempo e lugar (CZARNIAWSKA, 2004), possibilitou a realização das conexões que se inserem no contexto, de modo a possibilitar a identificação das variadas redes que se conectam ao artesanato local. Assim se procedeu, destacando-se os relatos dos sujeitos sociais, relacionando-os ao contexto, lugar e tempo no qual eles se inserem buscando-se, desse modo, a compreensão das diversas relações que se processam na rede.

Isto posto, o conhecimento acerca de como tais práticas se organizam no cotidiano da comunidade, influenciando o cenário local e regional, além de se caracterizar como um assunto de interesse dos Estudos Baseados em Prática (EBP) motivou o estudo proposto, que, por sua vez, atraiu a necessidade de observação dos eventos ocorridos no grupo a ser estudado, de modo que esta investigação se caracteriza como uma pesquisa qualitativa que se utilizou de técnicas da pesquisa etnográfica. O procedimento investigativo se desenvolveu,

principalmente, através das técnicas de observação participante, *shadowing* (CZARNIAWSKA, 2008), conversações e entrevistas junto às filezeiras participantes da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra sendo, o material obtido, posteriormente analisado através da análise de conteúdo na abordagem temática (BARDIN, 1979; GODOY, 1995; MINAYO, 2004; TRIVIÑOS, 1987).

Com base nas ideias acima aduzidas, foi possível abordar elementos que relacionam o *organizing* com os EBP, explorando-o conjuntamente com aspectos ontológicos, com a abordagem de redes de ação (CZARNIAWSKA, 2004) e o relacionando com as contribuições oferecidas pela abordagem de Michel de Certeau. Tendo em vista o enfoque direcionado ao artesanato, as relações deste com o *organizing* e a abordagem *certeuniana* também se apresentaram indispensáveis ao desenvolvimento da pesquisa, ao tempo em que os fatores institucionais e vinculados à sobrevivência, também foram tratados, possibilitando-se serem observados em posterior análise da investigação desenvolvida de acordo com os objetivos descritos a seguir.

1.2 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esta pesquisa teve como objetivo geral: **compreender o processo organizativo do artesanato produzido nas redes de ação decorrentes das práticas cotidianas das artesãs de filé do bairro do Pontal da Barra, no município de Maceió, estado de Alagoas.**

Para tanto, o estudo se desenvolveu pelos seguintes objetivos específicos:

- a) Descrever as atividades decorrentes das práticas, as pessoas e os artefatos que dão suporte ao processo organizativo do artesanato filé do Pontal da Barra, em Maceió, estado de Alagoas;
- b) Descrever a dinâmica dos lugares, compreendendo as simultaneidades e multiplicidades que permeiam o artesanato filé do Pontal da Barra;
- c) Descrever as produções de sentido relacionadas à dinâmica do processo que envolve o artesanato filé do Pontal da Barra;
- d) Descrever as redes de ação relacionadas ao artesanato filé do Pontal da Barra;

1.3 JUSTIFICATIVA

O direcionamento do estudo à prática do bordado filé se justifica tendo em vista o reconhecimento de tal arte como patrimônio cultural imaterial de Alagoas, em 20 de junho de 2012, pelo Conselho Estadual de Cultura (ALAGOAS, 2012), conforme a lei ordinária 7.285/2011, a qual institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural Alagoano (ALAGOAS, 2011). Assim, oficialmente reconhecida a sua importância cultural e econômica no estado, o filé se estabelece como referência local e se caracteriza como “[...] carro-chefe no mercado de bens artesanais com grande expressão simbólica e viabilidade econômica” (INBORDAL, [2015?], p.10)

Visto que as ações de organizar também são praticadas por grupos informais (DUARTE; ALCADIPANI, 2016), tais como, no caso, o grupo de filezeiras do Pontal da Barra/AL, percebeu-se no trabalho dessas artesãs uma oportunidade de investigação para a melhor compreensão das práticas cotidianas de um ofício de relevância local, conforme a visão de Certeau (1998). A escolha deste autor se justifica uma vez que sua abordagem busca afastar qualquer sentido de passividade das práticas, analisando-as de forma detalhada no contexto social no qual elas ocorrem. Desse modo, pelo direcionamento às práticas cotidianas das filezeiras que produzem e consomem arte artesanal, classificada como patrimônio cultural imaterial local, oferece-se uma contribuição ao campo da abordagem da prática, com foco na temática das atividades artesanais.

Adicione-se a tal aspecto o fato que a temática de pesquisa vinculada ao cotidiano, com apenas 3,5% de artigos publicados de 2002 a 2014 (BISPO; SOARES; CAVALCANTE, 2014), apresenta uma oportunidade de ampliação investigativa e contribuição ao campo dos EO. Assim, o enfoque teórico na abordagem de Certeau (1998) possibilita uma análise aprofundada das práticas cotidianas, segundo seu entendimento destas práticas tal como procedimentos a serem definidos em relação ao discurso. A abordagem *certeauniana* também parte de análises baseadas em teóricos relevantes para os estudos das práticas como Foucault e Bourdieu, extrapolando suas limitações, segundo o próprio Certeau (1998).

Bispo, Soares e Cavalcante (2014) destacam que a diversidade de pesquisadores interessados pelo estudo das práticas atraiu vantagens e desvantagens para o desenvolvimento do tema. De acordo com esses autores, apesar da ampliação do conhecimento proporcionada por tal diversidade, confusões filosóficas e metodológicas também surgiram havendo, pois, uma

necessidade de domínio acerca dos pressupostos para o real desenvolvimento de um estudo em conformidade com as lentes das práticas. Ademais, observa-se que ainda existem poucos pesquisadores direcionados à abordagem das práticas, na produção acadêmica brasileira, considerando os aspectos filosófico e metodológico (BISPO; SOARES; CAVALCANTE, 2014). Nesse sentido, entendeu-se que oferecendo uma contribuição que observe as orientações teóricas de conceituados pesquisadores, oportuniza-se o desenvolvimento dos pressupostos de uma forma mais direcionada, de modo a se evitar a continuidade de confusões teóricas observadas.

A relevância da discussão do *organizing* se destaca tendo em vista a escassez da produção brasileira na abordagem sobre as práticas a qual se concentra nos temas da estratégia como prática e aprendizagem e conhecimento (BISPO; SOARES; CAVALCANTE, 2014). No intuito de possibilitar o estudo a ser desenvolvido na abordagem do *organizing*, em seu sentido dinâmico, pretendeu-se obter uma melhor visão acerca das construções sociais que influenciam os fenômenos sociais existentes neste determinado grupo artesão.

Ao tempo em que Certeau (1998, p. 202) entende “o espaço como um lugar praticado”, também se oportuniza, por este teórico, uma análise acerca dos significados atribuídos ao trabalho e aos produtos feitos de uma forma artesanal particular. Isso se dá considerando que as práticas do grupo não apenas contribuem estrategicamente para uma identidade própria, como lhe possibilita uma atuação social incidente na economia, cultura e turismo local, possibilitando assim, a contínua construção da realidade pela prática de um ofício. Enfocando a análise nas ações do “homem ordinário” (CERTEAU, 1998), ou seja, do sujeito em sua vida mundana, indivíduo comum e, no caso, na artesã inserida na comunidade.

Dessa forma, compreender a atuação da artesã enquanto sujeito por uma visão *certeuniana* é aspecto importante, que evidencia a produção e consumo do artesanato, bem como, o contexto cultural no qual a artesã se encontra inserida. À vista disso, a observação dos atores sociais como sujeitos do processo organizativo e sua atuação na comunidade junto ao artesanato, à cultura e ao turismo cultural se caracteriza como essencial para o estudo do *organizing*.

Nesse sentido, representando inúmeras práticas cotidianas estabelecidas em fenômenos sociais, estas “maneiras de fazer” se originam de trabalhos singulares que se ramificam para uma coletividade. Esta coletividade é formadora de uma realidade permeada de construções sociais para a efetivação da identidade, da atuação social e da luta pela sobrevivência e insere-se em uma dinâmica processual organizada a ser identificada. Desse modo, as artesãs de filé

do Pontal da Barra/Maceió/AL, a partir de suas práticas, oferecem um potencial articulado, conclusão desta pesquisa, contribuindo para o campo dos EO.

Ademais, observou-se um potencial contributivo para a compreensão de como as artesãs de filé do Pontal da Barra/Maceió/AL, por meio de suas práticas cotidianas, utilizam-se de um processo organizativo que as possibilita, através de seu artesanato, resistir às opressões, à marginalização e exclusão sociais geralmente impostas às classes mais pobres. De tal sorte, os resultados auferidos poderão despertar nos indivíduos pesquisados a importância de suas ações e as relações destas com o seu artesanato, dentro dos fins sociais da comunidade.

Uma vez expostas as devidas justificativas, apresenta-se, a seguir, o quadro teórico que embasou a pesquisa.

2 OS ESTUDOS DOS PROCESSOS ORGANIZATIVOS (*ORGANIZING*)

2.1 OS ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA E O *ORGANIZING*

As reflexões que levaram aos estudos baseados na prática foram iniciadas na década de 1950, com Garfinkel, sendo influenciadas pela etnomedologia, fenomenologia, pelas ideias de Wittgenstein, elementos marxistas e outros pensamentos mais contemporâneos, como os de Bourdieu e Giddens (BISPO, 2013a). Esse ponto de vista de utilização das práticas na área da administração é considerado recente, somente em 1998, num simpósio da *Academy of Management*, pesquisadores perceberam a semelhança de pressupostos referenciais e teóricos que possibilitaram aos EBP destacarem a relevância das práticas como um meio de compreensão do conhecimento, da aprendizagem e das organizações (BISPO, 2013a).

Com vistas a essa compreensão, baseada em um sistema de atividades que compõem as práticas (BISPO, 2013a), Feldman e Orlikowski (2011) mencionam que as abordagens empírica, teórica e filosófica compõem três maneiras de estudá-las, as quais se destacam nos estudos organizacionais com a utilização de uma lente prática, sendo um ou outro foco enfatizado de acordo com o estudo e o pesquisador.

Com um enfoque nas práticas cotidianas das organizações, ou seja, no que as pessoas fazem, a abordagem empírica responde ao “o que” da lente prática, reconhecendo a importância das ações no que diz respeito aos resultados obtidos nas organizações, além de se importar com as práticas que se encontram em operação no ambiente organizacional (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). A abordagem teórica, por sua vez, com seu foco na atividade cotidiana, como destacam Feldman e Orlikowski (2011), preocupa-se com uma explicação específica dessa atividade, ou seja, “como” as práticas são produzidas, reforçadas ou modificadas, bem como suas consequências, em paralelo às articulações das relações que explicam a dinâmica dessas atividades diárias. Por último, ainda de acordo com os autores, a abordagem filosófica foca nas atividades diárias, entendendo que são as atividades cotidianas que formam o mundo social, ou seja, ela responde ao “porquê” de uma lente prática, na medida em que as práticas constituem a realidade social.

Qualquer que seja a abordagem adotada, o aspecto fundamental da abordagem sociológica se encontra na ideia de que “[...] o conhecimento não está nas mentes dos indivíduos, mas é produto de uma estrutura” (BISPO, 2013a, p. 137), a qual é caracterizada pelo resultado das

interações sociais, direcionando, assim, a uma visão epistemológica de que o processo de aprendizagem acontece na estrutura, visto ser nela onde o conhecimento se localiza.

Fundamentos das ideias de teóricos como Bourdieu e Foucault podem ser observados em aplicações da Teoria da Prática em variados campos de conhecimento, principalmente no que diz respeito aos EO. O primeiro, considera que a estrutura temporal da prática, “o seu ritmo, o seu tempo e, acima de tudo, a sua direcionalidade é constitutiva de seu significado” (BOURDIEU, 1990, p. 81, tradução nossa). Já Foucault, ao identificar o discurso como uma prática discursiva, caracteriza-o como pertencente a um “sistema de relações materiais que o estruturam e o constituem” (FOUCAULT et al., 2008, p. 51). De acordo com o autor, as referidas relações determinam um feixe de relações mantidas pelo discurso e que o caracterizam como prática. Ambos os teóricos, com suas respectivas abordagens e contribuições aos EO, servem de inspiração para as análises de Certeau (1998).

Considerando as diversas contribuições teóricas que compõem os estudos das práticas, nos estudos contemporâneos da Teoria das Organizações há uma corrente de estudiosos que entende que através de uma lente prática, com foco na dinâmica e relações, pode-se obter ferramentas analíticas para melhor compreender as organizações (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011). Em busca dessa compreensão, com um raciocínio mais atualizado sobre o assunto, Duarte e Alcadipani (2016) argumentam que entender a organização de uma forma objetiva, privilegiando a estabilidade e rotina, além de negar os problemas e conflitos existentes no ambiente organizacional, direciona a uma visão tradicional, embora dominante no campo dos EO.

Dessa forma, tendo em vista ser impossível ignorar as complexidades existentes no ambiente organizacional, observa-se que as práticas moldam múltiplas realidades, compostas por processos de organizar, reveladoras de uma aparente estabilidade dessas realidades, mas uma estabilidade que, em virtude das práticas, está inserida em um processo de permanente construção (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Observa-se o vínculo entre as práticas e os processos de organizar que relevam a importância dos atores sociais, humanos e não humanos, pois eles performam suas atividades e, segundo Mol (1999), através de suas práticas cotidianas, formam as realidades.

Ao se buscar estudar fenômenos organizacionais reconhecendo essa dinâmica, defende-se a necessidade de adotar uma visão processual das organizações “[...] compreendidas como processos ou práticas de organização (*organizing*), os quais se mostram heterogêneos, difusos

e complexos, em constantes fluxo e transformações” (DUARTE; ALCADIPANI, 2016, p. 4). Evidencia-se, nesse sentido, a importância da análise das práticas cotidianas na presente pesquisa. Tais práticas são elemento-chave para o estudo do processo organizativo e ao serem investigadas através da abordagem *certeuniana* são tratadas nesta pesquisa em uma visão detalhada do cotidiano dos atores sociais envolvidos. Para que fique claro quais foram as contribuições da abordagem *certeuniana* para os estudos sobre o processo organizativo, a seguir será realizada uma discussão sobre o *organizing* para, posteriormente, tratar das contribuições que as ideias *certeunianas* podem oferecer a essas organizações.

2.2 O ORGANIZING NUMA PERSPECTIVA ONTOLÓGICA

O entendimento de organização como sendo estática, racional, objetiva e com fronteiras delimitadas tem dado lugar a uma perspectiva que prioriza a ideia de processo e reflexividade e que passou, desde a década de 1970, a influenciar os Estudos Organizacionais (EO) (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). A introdução do *organizing* por Karl Weick, em 1979, avocou um progresso aos EO quanto a equívocos existentes nos estudos das organizações (CZARNIAWSKA, 2004). Isso se deu uma vez que o *organizing* trouxe o entendimento de que o “estudo do *organizing* salienta que as organizações são reificações temporárias, pois a organização não cessa, enquanto que o estudo das organizações significa negar este fato” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 780, tradução nossa), considerando que este se aproxima de um caráter estático, ao invés do dinâmico, sugerido pelo *organizing*.

O caráter estático dos estudos antropológicos foi percebido pelos próprios antropólogos, o qual procuraram modificar, sendo tal modificação de interesse tanto da antropologia, como dos EO, com estudos relacionados a assuntos de ambos os campos, envolvendo pessoas em movimento, lugares, organizações e gestão (CZARNIAWSKA; 2008). Nos EO essa preocupação é convergente com o estudo dos processos organizativos (*organizing*), ele se orienta inicialmente ao raciocínio de necessidade de afastamento de qualquer pré-concepção conceitual para o entendimento da abordagem, em paralelo ao direcionamento da ideia de complexidade e simultaneidade de acontecimentos em diferentes lugares no que diz respeito às ações nas organizações (DUARTE; ALCADIPANI, 2016).

Duarte e Alcadipani (2016) ressaltam que se tratando de uma abordagem vinculada às perspectivas pós-moderna e pós-estruturalista, o *organizing* é visto como um olhar inovador

tanto sobre as organizações como em relação aos seus fenômenos, sendo estes compreendidos “como realizações, resultados de processos heterogêneos contínuos e precários que, por estarem em constante produção, geram uma aparente estabilidade” (DUARTE; ALCADIPANI, 2016, p.1). Dessa maneira, releva-se uma concepção de que quando as organizações não são o objeto do estudo se torna mais fácil estudá-las como produtos (CZARNIAWSKA, 2004).

Para Duarte e Alcadipani (2009), a perspectiva ontológica do *organizing* se encontra vinculada à visão da organização como fenômeno social, à ideia de permanente construção sob a simetria da materialidade da Teoria Ator-Rede (TAR) (ALCADIPANI; TURETA, 2009) e ao conceito de redes de ação (CZARNIAWSKA, 2004). Assim, com o raciocínio de que a organização de uma prática se apresenta como sendo característica da própria prática (SCHATZKI, 2005), releva-se a importância da compreensão sobre o que envolve seu contexto, oportunizando melhor explorar a perspectiva ontológica mencionada.

Schatzki (2005, 2006) se caracteriza como o responsável pelo surgimento da ontologia contextual (ou *site ontology*) nas últimas três décadas, a qual se apresentou como uma inovadora abordagem da ontologia social a ser utilizada na análise das organizações (SCHATZKI, 2005). Segundo essa abordagem, nexos de práticas humanas e arranjos materiais compõem o local da vida social, sendo esta uma parte de um contexto (SCHATZKI, 2005). Assim, a ontologia contextual considera como vida social a convivência humana, ligada intrinsecamente a um tipo de contexto (ou *site*) no qual ela acontece (SCHATZKI, 2005). Desse modo, a convivência humana acontece como parte de um contexto de um tipo particular, que é central para analisar e explicar fenômenos sociais.

O contexto, por sua vez, consiste em arenas ou conjuntos mais amplos de fenômenos como sendo parte de algo, de modo que não se pode limitá-lo a determinado local, ou localização, nem considerá-lo espacial (SCHATZKI, 2005). Dessa forma, ao tempo em que as ações ocorrem num contexto espacial, as práticas não possuem contexto espacial. Correlacionando, assim, o contexto à análise organizacional, ele se encontra ligado a uma entidade contextualizada, um constituindo o outro.

As práticas se encontram localizadas numa multiplicidade de ações espaço-temporais estruturadas, possuindo nas ações e na estrutura seus dois componentes básicos (SCHATZKI, 2006). As práticas são dinâmicas e evoluem na medida em que ocorrem mudanças, intencionais ou conhecidas, ou não, por seus participantes, incorrendo em alterações nos

feixes de prática de uma organização (SCHATZKI, 2005). Desse modo, a dualidade no tempo dobra as formas em que a ação é realizada, possibilita a experimentação e compreensão do tempo, constitui-se num tempo real, remetendo à ideia da realidade das organizações do *organizing*. Essa ontologia social possui implicações para esse estudo das organizações na medida em que é possível se basear nela para a identificação das ações que compõem a organização, capacitando uma compreensão a respeito desta (SCHATZKI, 2005) e, por consequência, auxiliando na análise das ações a serem observadas no contexto que envolve o artesanato do Pontal da Barra.

Em paralelo, o pós-estruturalismo proporcionou novas compreensões ao fenômeno organizacional por meio de outras alternativas epistemológicas, como a TAR, evitando julgamentos *a priori* e se apresentando como uma nova perspectiva nos EO (ALCADIPANI; TURETA, 2009). Na abordagem da TAR, os objetos ganham significado pela ação humana sendo, esta última, determinada e influenciada pelas estruturas sociais, ao mesmo tempo em que a ação humana influencia essas estruturas (ALCADIPANI; TURETA, 2009).

Nesse sentido, a ideia de simetria na TAR atua como ferramenta heurística e não de negação dos direitos e responsabilidades humanas, e se constitui como um de seus mais importantes princípios (ALCADIPANI; TURETA, 2009). A simetria diz respeito à consideração de que os não humanos se encontram associados aos humanos, ambos participando de uma rede heterogênea, considerados inseparáveis em todas as situações empíricas, sendo ambos de importância igualitária apenas no plano analítico (ALCADIPANI; TURETA, 2009).

Considerando a heterogeneidade presente nas organizações, Duarte e Alcadipani (2016) por sua vez, interpretam que este princípio se encontra vinculado à análise social sobre o conhecimento tido como o verdadeiro ou como o falso. Com base nesse entendimento, acreditou-se que a utilização de um raciocínio que considerasse todos os tipos de conhecimento, identificados na realidade das artesãs, possibilitaria uma investigação mais aprofundada.

Visto que a perspectiva da TAR entende o fenômeno organizacional como dotado de unicidade, incertezas e complexidade, ela intenta auxiliar nessa compreensão, ao tempo em que busca trazer a especificidade e singularidade do fenômeno analisado, entendendo que as práticas organizativas “nunca são universais, são sempre específicas” (ALCADIPANI; TURETA, 2009, p. 657). Portanto, entender a organização de uma forma objetiva, privilegiando a estabilidade e rotina, além de negar os problemas e conflitos existentes no

ambiente organizacional, direciona a uma visão tradicional e dominante no campo dos EO (DUARTE; ALCADIPANI, 2016).

A preocupação em romper com essa visão tradicional levou à discussão acerca da ontologia do *organizing*. Duarte e Alcadipani (2016) ressaltam que a natureza paradigmática dos EO foi evidenciada diante de uma perspectiva voltada para as realidades organizacionais, destacando-se, portanto, o foco nas ações humanas e uma compreensão processual e difusa dos fenômenos. Diante dos pontos observados, nota-se que a abordagem da TAR contribui na ideia de permanente construção da realidade, direcionando ao enfoque na articulação e ordenação contínua das atividades das filezeiras.

Caracterizada a visão da organização como fenômeno social e os aspectos relacionados à simetria da TAR, cumpre a referência sobre a última teoria vinculada à perspectiva ontológica do *organizing* aqui destacada, qual seja, a abordagem de redes de ação (*action nets*). Com conceito definido por Czarniawska (2004), especificamente para os estudos organizacionais, a *action nets* tenta evitar dificuldades encontradas na TAR (CZARNIAWSKA, 2004). Essa abordagem deriva da combinação da teoria institucional e da sociologia da tradução (ou translação); assim como da TAR (CZARNIAWSKA, 2004).

Czarniawska (2004) se baseia na ideia da existência de um conjunto de instituições, em cada tempo e lugar, as quais ditam as ações que devem ser ligadas, formando um conjunto. De acordo com a autora, a compreensão acerca das interações entre os atores sociais (humanos e não humanos) e das redes formadas por tais interações seria facilitada, caso a TAR tivesse dado enfoque às ações e não aos atores.

Observa-se um contraponto entre a TAR, abordagem que contribuiu à ontologia do *organizing*, e a ideia vigente acerca da *action nets*. Comungando-se com o entendimento de Czarniawska (2004), entende-se que, direcionando-se aos atores sociais, a TAR dificultou a compreensão acerca das interações e das redes existentes no contexto. Nesse seguimento, o enfoque nas ações, proporcionado pela *action nets*, concentrando-se nas ações dos atores sociais, possibilita a visão sobre o movimento exercido na rede de interações entre os atores, facilitando, assim, sua compreensão. Tal abordagem, por conseguinte, tem os atores ou organizações que se encontram inseridos nas redes de ação como produtos de análise do *organizing* e não como enfoque principal, ao tempo em que as identidades organizacionais são produzidas pelas redes de ação e em seu interior (CZARNIAWSKA, 2004).

Segundo Czarniawska (2004), os termos atores e redes são mais comumente adotados pelos praticantes dos EO e não o termo *action nets*. Apesar disso, a autora entende que as *action nets* devem ser o ponto inicial de uma pesquisa. Nessa medida, a noção de redes de ação relativa ao campo organizacional diz respeito às interações entre os atores organizacionais ocorrendo no tempo e no espaço, no sentido de que tais interações, decorrentes de suas ações, produzem os atores sociais que as praticam e formam novas conexões, ou interações (CZARNIAWSKA, 2004). Dessa forma, para a compreensão da abordagem, urge uma necessidade de se afastar a ideia de prática apenas relacionada a rotinas, hábitos e atividades humanas e se aproximar da compreensão de ações coletivas, de humanos e não humanos, em uma contínua relação, a qual se renova ininterruptamente (LINDBERG; WALTER, 2013).

Nessa lógica, uma vez que as redes de ação podem também envolver “agrupamentos/ordenamentos de atuantes humanos e não humanos” (DUARTE; ALCADIPANI, 2016, p. 10), tendo-se, nesse contexto, práticas humanas e arranjos materiais compondo a vida social, constata-se por meio das abordagens mencionadas, contribuições teóricas diversificadas à teoria dos processos organizativos (*organizing*). Desse modo, acredita-se que a abordagem de redes de ação contribuiu quanto à observância das conexões das várias ações coletivas existentes entre os indivíduos artesãos pesquisados. Permite-se, assim, valorar as inovações ocorridas em suas práticas, afastando qualquer aproximação com a concepção de inércia ou estabilidade, as quais são contrárias às ideias do *organizing*.

Tendo em vista a exposição acerca da perspectiva ontológica do *organizing*, entende-se oportuno versar, na sequência, sobre aspectos que podem ser explorados por tal abordagem teórica, inclusive em estudos empíricos. Assim, procede-se à apresentação de alguns pontos de vista existentes sobre o *organizing*, comparando-os e destacando particularidades relacionadas à pesquisa junto às filezeiras do Pontal.

2.3 O ESTUDO DO *ORGANIZING* COM ENFOQUE NAS REDES DE AÇÃO

A obra de Weick (2012) direciona à compreensão de que as histórias dominantes numa organização, tanto influenciam o *sensemaking*, como o *organizing* que nelas se processam. Para Weick (2012), “a questão central no *sensemaking* (produção de sentido) são as maneiras pelas quais as pessoas refazem conceitos, a fim de afastar percepções cegas, e redirecionam percepções para afastar concepções vazias” (WEICK, 2012, p. 151, tradução nossa). Segundo

o autor, as histórias organizacionais podem auxiliar as organizações na medida em que direcionam a um autoconhecimento, invocando conceitos que podem ser processados e estruturados, possibilitando explicações necessárias e auxiliadoras ao entendimento acerca da realidade organizacional. Dessa forma, preferindo utilizar o verbo ao substantivo, Weick (2012) busca focar no processo organizacional, considerando-o como processos interativos em que ocorre a ininterruptividade da ação humana.

Duarte e Alcadipani (2016), por sua vez, identificam em Weick (2012) o direcionamento ao estudo dos processos com o organizar prevalecendo sobre as organizações. Os autores, classificam seu trabalho como “[...] um retorno ao organizar como o estudo do que as pessoas fazem quando agem coletivamente a fim de se atingir algo” (DUARTE; ALCADIPANI, 2016, p. 5), chamando a atenção, inclusive, para o entendimento de que a visão processual não se caracteriza exatamente com o pós-estruturalismo.

A partir de um resumo objetivo acerca do princípio central da obra de Weick (2012) na teoria das organizações, Czarniawska (2006) destaca uma das contribuições originais do teórico. Segundo ela, é graças à perseverança de sua obra que o estudo organizacional não se encontra direcionado para as pessoas, objetos ou pseudo-objetos, mas sim, para as estruturas de eventos.

Outras contribuições ultrapassam os limites da abordagem de Weick (2012). Nesse sentido, ela é, atualmente, “associada às perspectivas pós-moderna e pós-estruturalista” (DUARTE; ALCADIPANI, 2016, p. 5) e tem recebido constantes contribuições, tendo em Czarniawska (2004, 2008) um dos mais respeitados nomes do *organizing* contemporâneo. Nessa perspectiva, discorrendo acerca do *organizing* nos EO, Czarniawska (2004) esclarece o direcionamento investigativo quando do estudo de redes de ação nos EO. Para ela, o estudo de redes de ação deve estar dirigido aos seguintes enfoques: fenômenos (*events*), lugares (*places*), pessoas (*people*) e questões (*issues*), os quais são pontuados a seguir, buscando-se explorar os aspectos teóricos considerados mais relevantes e aplicáveis ao estudo empírico, ora desenvolvido.

Os fenômenos, ou eventos (*events*) são considerados por Czarniawska (2004) o foco de estudo mais promissor do *organizing*. Segundo a autora, os fenômenos tornam possível a “combinação da percepção do pesquisador com a dos atores no campo” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 779, tradução nossa). Deve-se estudar a corrente de eventos que ocorrem na organização, graças à atuação dos atores sociais. Assim, evita-se a observância de

eventos isolados, o que dificultaria a compreensão do *organizing* (CZARNIAWSKA, 2004).

Dessa forma, diante do raciocínio de que uma organização, como qualquer fenômeno social, é um conjunto de práticas e disposições materiais (SCHATZKI, 2006), entende-se que a concepção de fenômenos sociais constituídos por práticas e arranjos materiais se alinha com a ideia das práticas cotidianas das artesãs, sujeitos do presente estudo. Assim ocorre, uma vez que o exercício de seu trabalho artesanal constitui “ações e atividades” (DUARTE; ALCADIPANI, 2016, p. 8) e os artefatos, por elas utilizados, caracterizam “os materiais que as suportam” (DUARTE; ALCADIPANI, 2016, p. 8). Destarte, tais aspectos proporcionam questionamentos acerca das interações existentes entre os atores sociais (humanos e não humanos), dando ensejo a possibilidades de análises teóricas no campo dos EO, possíveis de serem operacionalizadas à luz do *organizing*.

O segundo ponto mencionado por Czarniawska (2004), relativo aos lugares (*places*), direciona seu raciocínio ao ambiente organizacional de modo que a autora entende que ao tempo em que existe a necessidade de se estar em um lugar para a realização do estudo de determinado objeto, o que frequentemente ocorre é o estudo do lugar como objeto de análise. No *organizing*, entretanto, tal estudo acontece em diversos lugares ao mesmo tempo (CZARNIAWSKA, 2004), possibilitando-se, assim, uma análise respeitando a dinâmica, multiplicidade de lugares e simultaneidade de ocorrências inerentes aos fenômenos da abordagem dos processos organizativos.

Nessa acepção, a questão do tempo, de acordo com Czarniawska (2004), é algo problemático nos estudos organizacionais, visto que não há como prever o tempo certo para a realização de uma pesquisa, ou seja, quanto tempo é necessário permanecer em campo para a obtenção dos dados suficientes a uma boa investigação. Czarniawska (2004), portanto, conclui que não é na realização de uma pesquisa de campo por um longo período de tempo que está a solução de tal problemática, mas no estudo do mesmo objeto em locais diferentes e ao mesmo tempo.

Desse modo, relativo ao estudo em lugares simultâneos, a autora menciona que “os estudos do *organizing* precisam inventar a sua própria etnologia móvel – meios de estudar as formas de trabalho das pessoas que se deslocam rapidamente de um lugar para outro” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 788, tradução nossa). A autora abre o espaço a novas formas de pesquisa para a resolução dessa problemática, oferece sugestões sobre como este tipo de estudo pode ser feito, e destaca a utilização da técnica de *shadowing* (sombra) aliada à observação participante. Assim, ela ressalta que “o tempo atual e o múltiplo, a

simultaneidade de eventos que ocorrem em diferentes contextos e a invisibilidade de uma parte crescente das operações” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 787, tradução nossa) atuam como peculiaridades do *organizing* moderno. Deve ficar claro que a autora não afirma ter achado a abordagem ideal para os estudos organizacionais, mas cita uma necessidade dos EO encontrarem formas de estudar o trabalho das pessoas, considerando seu rápido deslocamento para os mais diversos lugares.

Como um terceiro ponto destacado por Czarniawska (2004), têm-se as pessoas (*people*), no sentido individual ou grupal. Segundo a autora, a investigação das pessoas produz um conhecimento que pode fortalecer os estudos de *organizing*, não limitando as pesquisas, entretanto, ao conhecimento das idiossincrasias dos sujeitos ou das interações entre eles. Nesse sentido, entende-se que uma vez que os estudos do *organizing*, expandem-se aos grupos, percebe-se uma gama de possibilidades investigativas valorizando o aspecto concernente à interação entre os sujeitos. Tais interações, por sua vez, tanto remetem à importância do sentido de coletividade, como fortalecem aspectos identitários relativos ao grupo e sua atuação na sociedade.

Aliando o argumento de que “precisamos entender cada um para entender o outro” (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005, p. 410, tradução nossa), com o raciocínio supramencionado de Czarniawska (2004) acerca da interação entre as pessoas, encontra-se o prosseguimento das ideias precursoras sobre o *organizing*, segundo as quais não é na mente dos sujeitos que se dá o *locus* do conhecimento, mas entre os indivíduos, conhecimento este, que se mostra de forma gradual (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005). À vista disso, observa-se que para existir conhecimento tem que existir relações entre os sujeitos e uma vez se relacionando ocorre também a comunicação, a qual traz consigo as complexidades inerentes às interações humanas representadas pelas ações.

Destaca-se, pois, um dos aspectos cruciais na abordagem do *organizing* nos EO, as ambiguidades existentes nas organizações, que muitas vezes surgem durante mudanças organizacionais. Considerando-se a existência de grupos no ambiente organizacional, Weick, Sutcliffe e Obstfeld (2005) exemplificam que a possibilidade de aceitação de determinada mudança para um grupo de gerentes pode não ter a mesma receptividade para os funcionários, destacando, desse modo, possíveis ambiguidades e obstáculos encontrados em mudanças culturais. Essas questões relacionadas às reações dos sujeitos às mudanças refletem em seus comportamentos. Esse entendimento remete à necessidade de se buscar identificar reações das

artesãs – abordadas na delimitação empírica deste estudo – diante de possíveis mudanças em seu contexto, analisando-se seus comportamentos e a receptividade, ou não, às mudanças, tendo em vista potenciais modificações em seu cotidiano.

Considerando que as mudanças implicam novas perspectivas dentro da organização, oportunamente se abre um adendo acerca da relação entre o *organizing* e o *sensemaking* no modelo de Weick (2012). Segundo o autor, as organizações com conceitos fixos e centralizados ao processo de produção de sentido (*sensemaking*) afetam possibilidades de perspectivas organizacionais. Isso ocorre diante de uma paralisia decorrente da ausência de projeção de futuro com base numa conformada estabilidade que direciona a caminhos tidos como aqueles que devem ser seguidos pela organização. Weick, Sutcliffe e Obstfeld (2005) mencionam que o *sensemaking* é tido como um processo significativo do *organizing*. De acordo com os autores, além de proporcionar enfoque determinante ao comportamento humano, o *sensemaking* destaca pontos existentes no contexto organizacional como a comunicação, plausibilidade e identidade organizacional.

Do ponto de vista do *sensemaking*, o agir e o interpretar são moldados por aquilo que os atores organizacionais pensam que são, ou seja, sua identidade (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005), este agir e interpretar afetam a imagem e o tratamento dispensados pelos demais aos atores organizacionais, interferindo diretamente de forma positiva, ou negativa, na identidade desses sujeitos (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005). Entende-se que a observância da relação entre o agir e os atores sociais auxilia no que diz respeito à compreensão, principalmente, de sua autoimagem e entendimento acerca das características identitárias.

Diante dos inúmeros aspectos que envolvem os estudos sobre o *organizing*, entende-se ser relevante destacar um aspecto vinculado ao *organizing* e aos sujeitos, evidenciado por Weick e Putnam (2006). Em um trabalho no qual foram investigados os processos de atenção dos pensamentos oriental e ocidental à luz do *organizing*, os autores enfatizam a importância de práticas com capacidade de meditação que intensificam a concentração, atribuindo uma atenção necessária e útil às ações organizacionais. Os autores mencionam que a meditação auxilia na capacidade de atenção e no direcionamento do foco dos objetivos organizacionais, ao tempo em que melhora as habilidades mentais dos indivíduos que compõem a organização. Para eles, a necessidade de valorizar a meditação, traz habilidade à mente dos indivíduos e benefícios à própria organização.

Ao discorrer sobre pesquisas com a abordagem do *organizing* surgem as questões (*issues*), caracterizadas como o último objeto focado por Czarniawska (2004). Para a autora, elas compõem um dos principais aspectos da organização. Segundo Czarniawska (2004), as questões organizacionais perpassam por constantes processos de transformação. Elas envolvem uma diversidade de atos de tradução por ocorrerem devido às transformações que se dão no ambiente organizacional (CZARNIAWSKA, 2004), lembrando que a tradução (ou translação) “é o processo pelo qual diferentes atores partilham um objetivo em comum e constroem uma rede de relações a fim de que tal objetivo seja alcançado” (ALCADIPANI; TURETA, 2009, p. 654). Assim, mediante as inúmeras definições e transformações que se processam na organização, muitas vezes contraditórias, as questões buscam uma melhor compreensão sobre o *organizing*, atraindo o interesse de estudiosos organizacionais (CZARNIAWSKA, 2004).

Ao tempo em que as questões envolvem vários atos de tradução, ela ocorre em pontos de conexão de ações que se modificam quando conectadas. Remete-se, portanto, ao raciocínio acerca de rede de ação (*action net*) a qual, assim como a TAR, sugere que “[...] as ações – ligadas pela tradução – podem produzir atores, redes e atores macro, ou seja, ator-rede” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 782, tradução nossa). Infere-se, portanto, que a organização pode ser usada como um termo geral que abrange vários grupos organizados, caracterizando-se o coletivo como um subtipo de organização, ou seja, algo que não poderia ser realizado sem a ação conjunta de agentes humanos e não humanos (WILHOIT; KISSELBURGH, 2015).

Em um trabalho no qual aborda aspectos concernentes à materialidade nos EO, Orlikowski (2007) invoca uma maior valorização à ligação de tal aspecto com a organização cotidiana. A autora sugere uma visão alternativa da materialidade no *organizing*, numa perspectiva de que o social e o material se encontram intrincados na vida cotidiana. Tal entendimento, por sua vez, não se procede privilegiando humanos ou não humanos, não no sentido de reciprocidade, mas no sentido integrante de que “[...] não há o social onde não exista o material e não há o material onde também não exista o social” (ORLIKOWSKI, 2007, p. 1437, tradução nossa).

Através de exemplos empíricos Orlikowski (2007) destaca, primeiramente, a interdependência existente entre a funcionalidade do motor de busca do Google ser dependente da criação cotidiana, através da atuação humana em páginas de atualização da web resultando, segundo a autora, no “emaranhado constitutivo do sociomaterial” (*constitutive entanglement of the social and the material*) (ORLIKOWSKI, 2007, p. 1440, tradução nossa). Assim, destacando

as restrições de busca existentes nos acessos às pesquisas na *webpage* do Google de países como China, França e Alemanha, cujos governos possuem histórico de ordenar a omissão de resultados pesquisados à população, a autora legitima empiricamente sua proposta. Segundo ela, tais restrições impostas aos sujeitos representam um emaranhado sociomaterial efetivo, incidindo, portanto, diretamente em suas práticas cotidianas quando da realização de uma pesquisa na internet.

Com base nessas proposições, Orlikowski (2007) sugere que as investigações devem abordar as práticas sociais, no lugar das práticas organizacionais, entendendo que assim se possibilita uma melhor aproximação à perspectiva do emaranhamento constitutivo nos estudos organizacionais. Segundo a autora, o material não é intrínseco ao *organizing*, mas sim, concebe “as práticas organizacionais como emaranhadas ao social e ao material na vida organizacional cotidiana” (ORLIKOWSKI, 2007, p. 1438, tradução nossa). Ela propõe que todas as práticas sejam sempre e em toda parte sociomateriais e que “[...]essa sociomaterialidade é constitutiva, moldando os contornos e possibilidades do *organizing* cotidiano” (ORLIKOWSKI, 2007, p. 1444, tradução nossa), observando-se, nesse sentido, uma atuação efetiva dos objetos que ocupam uma posição de participantes do processo contínuo da organização (LINDBERG; WALTER, 2013).

Em outro estudo realizado sobre processos de inovação no setor de jogos de computador, Scarbrough, Panourgias e Nandhakumar (2015) identificaram que a organização de múltiplas tarefas colaborativas com vistas a um resultado final, considerando restrições de tempo e recurso, pode ser auxiliada pelas relações entre os objetos. Através de estudo empírico realizado em três diferentes empresas de desenvolvimento de jogos, os autores identificaram que relações entre objetos podem desempenhar um papel relevante na coordenação de múltiplas tarefas na organização. Segundo os autores, na medida em que tal relação possibilita uma estabilidade e coordenação do processo, também preserva as práticas necessárias para o alcance das metas estabelecidas.

Entende-se que tanto no trabalho de Orlikowski (2007), como no de Scarbrough, Panourgias e Nandhakumar (2015), tem-se a existência de redes de ação atuando nos processos analisados. No primeiro, além da vinculação do *organizing* ao fenômeno da tradução, observa-se a caracterização dos atores por humanos e não humanos, comungando com a abordagem de redes de ação no sentido de que, tal como atores sociais que são, os não humanos demonstram sua significância, considerando que são eles que, em conjunto com os humanos, realizam as

ações. Assim, percebe-se na sociomaterialidade uma abordagem recepcionada pela *action nets*, considerando-se a possibilidade de ocorrência empiricamente observada por Orlikowski (2007), no que diz respeito ao emaranhado existente entre os atores sociais, atuando em suas práticas cotidianas.

Nessa continuidade, concernente às observações de Scarbrough, Panourgias e Nandhakumar (2015), fica claro a importância do desempenho positivo entre os atores sociais nas práticas organizativas, tornando possível, inclusive, uma estabilidade processual. Com foco na análise das relações entre objetos sem, entretanto, sobrepor-las aos humanos, os autores observam uma oportunidade de afastar um dos pontos mais relevantes no ambiente organizacional, qual seja, as ambiguidades organizativas, através de uma situação colaborativa entre os atores sociais. Os autores reconhecem, desse modo, a rede de relações existente no contexto organizacional. Eles revelam a pactuação com a ideia de que certas ações se conectam e suas conexões se tornam estabilizadas (LINDBERG; WALTER, 2013), conforme defende Czarniawska (2004).

A partir dessas e das demais contribuições mais recentes sobre o *organizing* aqui apresentadas, apreende-se diferenciais entre a abordagem inicial e a contemporânea. Percebe-se que a dinâmica processual atual existente nas contribuições contemporâneas, além de persistir no enfoque processual e dinâmico, volta-se para fatores ausentes na abordagem original, quais sejam, as ações dos atores sociais (humanos e não humanos), com o enfoque nas interações, considerando os aspectos comportamentais e identitários que permeiam as ambiguidades existentes nas organizações. Outro aspecto que se destaca é a vinculação do *sensemaking* ao *organizing* de Weick (2012), na medida em que este, auxiliado pelas histórias internas da organização, auxilia na compreensão dos conceitos organizacionais e, por consequência, oferece dados auxiliares ao manejo das complexidades existentes na organização.

Apesar de não negar a atividade do *sensemaking* nos fenômenos organizacionais, o *organizing* contemporâneo direciona o enfoque à atuação dos atores sociais (humanos e não humanos) que se processam em rede. Nesse aspecto, através de uma visão macro das complexidades que envolvem a organização, ele possibilita uma visão mais abrangente, na medida em que realça o estudo nos fenômenos (*events*), lugares (*places*), pessoas (*people*) e questões (*issues*) (CZARNIAWSKA, 2004).

Tal como defendido por Czarniawska (2004), entende-se plausível a concepção da autora acerca de uma maior facilidade em compreender as interações entre os atores sociais uma vez que o enfoque sejam suas próprias ações. Além de afastar os aspectos cognitivos que permeiam as singularidades dos sujeitos relativos ao foco do estudo, direciona-se a visão para as ações que se processam continuamente no contexto organizacional, as quais resultam nos fenômenos ocorridos mediante as interações dos indivíduos que constroem a realidade.

Um exemplo que evidencia esses aspectos é o estudo de Lindberg e Walter (2013, p. 212, tradução nossa) que conceituam o *organizing* como “a construção e manutenção de redes de ação”. Os autores realizaram um estudo empírico originado da falha de uma bomba de infusão gota – equipamento utilizado em terapia intravenosa – ocorrido em um hospital na Suíça. O foco do estudo eram as ações e suas subseqüentes conexões e efeitos. Através da investigação, os autores identificaram a relação de interdependência existente entre os objetos e as práticas organizativas. A partir dessas relações, eles observaram a existência de uma dada rede de ações, composta por ações coletivas, as quais se encontravam legitimadas em uma rede que sofreu uma reconstrução decorrente do incidente da bomba de infusão. Tendo em vista que a investigação do incidente requereu a adoção de novas práticas para a garantia e segurança dos pacientes, observou-se que uma nova rede foi reconstruída, na qual atores foram excluídos e novos incluídos, os quais passaram a adotar um novo processo organizativo, coordenando-se entre si.

Tal processo renovado, ao tempo em que também resultou em novas recomendações advindas de uma agência nacional, mesmo após a adoção de práticas internas na organização em que ocorreu o fato, não se restringiu aos limites do local onde se deu o incidente, envolvendo novas organizações, estabilizando e institucionalizando a nova rede de ações formada. Observou-se que não houve modificação da organização formal das entidades envolvidas, modificando-se apenas alguns de seus procedimentos. Dessa forma, os pesquisadores constataram que além da possibilidade de um determinado objeto, no caso, uma bomba de infusão gota, transformar uma rede de ação, a dinamicidade das ações é capaz de ir além das fronteiras organizacionais, formando novas redes, com a inclusão e exclusão de atores sociais.

Em vista do exposto, observa-se que as contribuições dos autores revelam as diversas possibilidades que a abordagem contemporânea do *organizing* oferece, indo além de aspectos relacionados aos fenômenos intraorganizacionais, incluindo uma gama de fatores que se relacionam e que podem resultar em possibilidades investigativas diversas no campo a ser

estudado. Apesar das perspectivas apresentadas relacionadas ao estudo, considerou-se a necessidade de direcionamento investigativo a fim de possibilitar a viabilidade da pesquisa em tempo hábil. Desse modo, entende-se que o conceito de rede de ações (*action nets*) oferece uma adequação teórica em conformidade com os objetivos de pesquisa mencionados.

Ao tempo em que a abordagem de redes de ação tem por foco as ações dos sujeitos, ressalta-se que ela possibilita a descrição das ações realizadas em torno do artesanato das artesãs de filé da comunidade do Pontal, visto o direcionamento investigativo à execução das atividades dos indivíduos em seu cotidiano, ou seja, ao que elas fazem diariamente para a prática da produção do artesanato bordado filé. Considerando que essas ações se dão no dia a dia das artesãs, através das quais o artesanato é produzido, percebe-se a relevância do conhecimento sobre o que ocorre no cotidiano, ao tempo em que é nele que essas ações se processam e formam a realidade das filezeiras.

Assim, por meio das contribuições de Michel de Certeau para os estudos dos processos organizativos, serão buscados subsídios aplicáveis ao *organizing* e às características que envolvem o artesanato. Nesse caminho, ao aliar as abordagens de redes de ação com a *certeuniana*, aprofundada na subseção a seguir, entende-se ter sido possível o alcance do objetivo estabelecido no que diz respeito à compreensão do processo organizativo do artesanato produzido nas práticas cotidianas das artesãs de filé do bairro do Pontal da Barra, no município de Maceió, estado de Alagoas.

2.4 MICHEL DE CERTEAU E SUAS CONTRIBUIÇÕES AO *ORGANIZING*

A abordagem de Certeau (1998) proporciona questionamentos acerca das práticas e a relação com o cotidiano dos atores/sujeitos sociais. Tratando-se de uma obra plural, com contribuições de vários teóricos como Foucault e Bordieu, ela explora conceitos vinculados à etnologia. Sua abordagem se encontra direcionada às práticas comuns, procurando seguir um caminho que delimite espaços e maneiras e busque um trajeto minucioso de análise que proporcione uma aprendizagem, dotada de uma visão inovadora para enxergar as ações e as práticas.

Estudar o cotidiano a partir das práticas significa ter uma nova forma de pensar em como se dão as ações dos sujeitos nos diversos cotidianos, proporcionando problemáticas acerca das

ações implícitas às inter-relações das práticas e dos intervalos presentes nos processos organizacionais (OLIVEIRA; CAVEDON, 2013). Nessa linha de raciocínio, encontra-se em Certeau (1998) uma possibilidade de realização desse tipo de estudo, na medida em que sua abordagem proporciona uma visão consciente sobre a análise das práticas. Na abordagem do autor

[...] a análise se ordena em três níveis: as modalidades da ação, as formalidades das práticas, os tipos de operação especificados pelas maneiras de fazer. Cada proposição teórica é logo submetida ao teste de uma prática concreta, aqui o modo de caminhar na cidade, ali a descrição de uma moradia, alhures a leitura silenciosa (GIARD, 1998, p.20).

Nesse sentido, considerando que o estudo das práticas tem como centro o foco nas relações estrutura-agência (OLIVEIRA; CAVEDON, 2013), a abordagem de Certeau (1998) vai além dessa dualidade. Seu enfoque da análise das práticas não está no indivíduo, mas sim nas ações desses indivíduos sociais que se inter-relacionam, ou seja, nos “[...] modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é o seu autor ou seu veículo” (CERTEAU, 1998, p. 38).

Discorrendo acerca da abordagem de Karl Weick sobre o *organizing*, Czarniawska (2006, p. 1672, tradução nossa) destaca como interesse do autor: “compreender a vida cotidiana de todas as mulheres e homens, que usualmente tendem a estarem a serviço ou de qualquer forma envolvidos nas atividades do organizar”. Através do referido trecho, depreende-se pontos em comum entre Karl Weick e Michel de Certeau, tendo-se em vista não apenas a preocupação de Weick (2012) no que diz respeito à compreensão da vida cotidiana dos sujeitos sociais nas suas práticas corriqueiras, mas também a consideração desses sujeitos, de forma significativa, nas atividades organizacionais. Assim, ao conciliar a abordagem de Certeau (1998) com a dos estudos dos processos organizativos (*organizing*), tem-se um direcionamento com enfoque nas ações humanas em seu dia a dia, aliada a uma perspectiva voltada às realidades organizacionais.

Na medida em que Weick (2012), por meio do *sensemaking*, observa os conceitos que podem ser refeitos no interior das organizações, tem-se que tais conceitos se processam no dia a dia dos atores sociais. A vida mundana desses atores, na qual incide uma variedade de fenômenos, carece de uma compreensão detalhada, obtida pela abordagem *certeuniana*, possibilitando-se, desse modo, uma visão direcionada sobre a realidade que se processa para esses atores sociais. Visto que as histórias organizacionais, valorizadas por Weick (2012) também são formadas pelo que ocorre no cotidiano desses atores, não há como separar o

conhecimento detalhado sobre esse cotidiano, obtido por meio de Certeau (1998), de forma a possibilitar o autoconhecimento organizacional, valorizado no *organizing*.

Considerando que o *organizing* proporciona uma visão processual das organizações, ele possibilita uma forma de pensar a ação humana em termos difusos e processuais sem uma concepção pré-definida da realidade (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Por conseguinte, o afastamento de uma concepção estática ou homogênea que invoca uma ideia de constante transformação constitui uma das ideias de Certeau (1998), adequando-se à teoria dos processos organizativos. Certeau (1998) não se limita às ações das práticas cotidianas pois também pensa a ação humana considerando os processos que a permeiam, tendo em vista a constante transformação e capacidade adaptativa do sujeito à sua realidade.

A sua maneira, ele menciona “a pesquisa se dedicou sobretudo às práticas de espaço, às maneiras de frequentar um lugar, aos processos complexos da arte culinária e aos mil modos de instaurar uma confiabilidade nas situações sofridas [...]” (CERTEAU, 1998, p. 50). Observe-se que além de considerar a existência de processos nas ações humanas, acatando os interstícios que permeiam os processos inseridos na prática investigada por ele, a arte de cozinhar, Certeau (1998) também valoriza o aspecto adaptativo do sujeito, pelos seus mil modos de se adaptar às situações de sua realidade.

Utilizando-se de um dado contexto social e histórico, Certeau (1998) apresenta diversas “maneiras de fazer” as quais se caracterizam como configurações dos sujeitos e de sua construção social. A realidade dos sujeitos para o autor, constitui-se nas práticas do cotidiano, as quais são questionadas (através de micopráticas) e analisadas pelo autor. Para ele, é no cotidiano e por meio de suas práticas que os sujeitos sociais interagem, organizam-se, desenvolvem suas maneiras de fazer e compõem suas idiossincrasias em conformidade com o contexto histórico, tecendo essa realidade que se constrói dia a dia por meio de suas ações.

Nessa perspectiva, percebe-se no autor uma sensibilidade e reconhecimento da capacidade de adaptação do sujeito ao que se apresenta no cotidiano do ator social, ao tempo em que bricolagens se fazem presentes nessa realidade. Essas, por sua vez, caracterizam-se pelos meios de os usuários manobram regras de forma a atender seus interesses, apresentando-se como relevantes nas ações dos atores, na medida em que aspectos morais e políticos se fazem presentes e atuantes no cotidiano dos indivíduos.

Nessa medida, o autor reconhece, dentro das inúmeras situações enfrentadas na vida mundana de uma coletividade, a existência de dificuldades, presentes na necessidade de encontrar meios de sobreviver, ultrapassando os processos ou obstáculos advindos. Esses obstáculos podem se fazer presentes em inúmeros fatores, por exemplo, em relação à investigação empírica desenvolvida, como uma possível falta de divulgação ou de valorização da arte artesanal, podendo tal ausência de apoio se encontrar não apenas no meio externo à comunidade, mas, também, inserida na própria comunidade.

Existe uma valorização do senso coletivo na obra de Michel de Certeau. Segundo o autor, “ao ‘esquecer’ o trabalho coletivo no qual se inscreve, ao isolar de sua gênese histórica o objeto de seu discurso, um ‘autor’ pratica, portanto, a denegação de sua situação real. Ele cria a ficção de um lugar próprio” (CERTEAU, 1998, p. 110). Ao tempo em que na teoria das práticas, o conhecimento é considerado como mediado por relações sociais (GHERARDI, 2001), infere-se em Michel de Certeau uma valorização da interação existente entre os atores sociais possibilitando-se, assim, uma consequente produção do conhecimento. No mesmo trecho, portanto, observa-se a menção quanto ao lugar próprio. Esse, por sua vez, pode ser definido como um espaço determinado onde atuam estratégias e táticas, compostas por ações dos sujeitos, atuantes dentro dessa coletividade. Assim sendo, confirmando a ligação das estratégias com as ações, o autor dispõe do seguinte:

as estratégias são portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem [...]. **Privilegiam portanto as relações espaciais** (CERTEAU, 1998, p. 102, grifo nosso).

Nesse sentido, uma vez que as ações derivam em práticas, e as estratégias são concebidas como ações por Certeau (1998), define-se as estratégias como práticas sociais. Assim, as estratégias, tal como práticas que são, privilegiam as relações sociais que se dão em comunidade, num dado lugar, mas que se encontram ao mesmo tempo, em constante dinâmica entre os atores que de tais relações fazem parte. Essas relações, por sua vez, permeiam relações de poder, não apenas um poder do saber ou que torna possível o conhecimento, mas também o de produzir esse conhecimento, produzir a realidade por meio das ações dos indivíduos. Infere-se, assim, que as práticas devem ser dotadas de estratégias, enquanto ações que são, para tornar possível o processo do *organizing*, partindo do princípio de que os processos organizativos são decorrentes das ações dos sujeitos.

Analizadas as estratégias na visão *certeuniana*, no que diz respeito às táticas, nas palavras de Certeau (1998, p. 100, grifo nosso): “[...] chamo por **tática** a ação calculada que é determinada pela **ausência de um próprio**. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. **A tática não tem lugar** senão o do outro”. Essa ausência de um próprio se refere a uma ausência espacial, direciona a uma caracterização das táticas como sem autonomia própria para interferir na ação dos sujeitos. Por conseguinte, uma vez que a astúcia, existente na tática, é imediatista, depreende-se que a tática se caracteriza como uma simples ação, não se inserindo no contexto de uma prática, visto a ausência de frequência, repetição, periodicidade, mas apenas fazendo parte dela. Assim sendo, tem-se que a tática, apesar de se fazer presente por ações, não apresenta a capacidade de provocar interferências significativas no processo organizativo, fazendo parte de um conjunto. Ela faz parte e não pode ser ignorada do contexto, mesmo que não componha uma prática relevante ao processo.

Dessa forma, definindo a tática pela ausência de poder e a estratégia como sendo organizada pelo postulado do poder, Certeau (1998) reflete sobre as estratégias o que não encontra nas práticas. Existe nas estratégias uma capacidade de transformação do aparelho social uma vez que, diante da heterogeneidade a elas inerente, como práticas que são, mostram-se resistentes e com características contingenciais ao contexto. Como define Leite (2010, p. 747, grifo do autor): “a noção de cotidiano como *práticas*, em Certeau, portanto, permite que se analise formas distintas de apropriação do espaço, a formação de lugares e o rompimento de fronteiras que demarcam socioespacialmente a vida urbana”. Dessa forma, a visão *certeuniana* complementa-se ao *organizing* possibilitando um olhar mais apurado às ações dos sujeitos pesquisados.

Faz-se relevante mencionar, inclusive, que a linguagem, na obra de Certeau (1998) é destacada, uma vez que o autor, privilegiando o ato de falar, refere-se a tal ato dizendo que “este opera no campo de um sistema linguístico; [...] instaura um presente relativo a um momento e a um lugar; e estabelece um contrato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações” (CERTEAU, 1998, p. 40). O autor entende a linguagem como definidora da historicidade, caracterizando-a como um conjunto de práticas (DURAN, 2007), ao tempo em que considera a visão de rede aliada a aspectos relativos a lugar e a relações. Um entendimento que aproxima as contribuições do autor da perspectiva de redes de ação (*action nets*), defendida por Czarniawska (2004).

Tendo em vista que a *action nets* se trata de uma perspectiva que se refere às interações entre os atores organizacionais (decorrentes de suas ações), as quais ocorrem no tempo e no espaço, produz atores sociais praticantes de ações, forma inovadoras conexões, ou interações (CZARNIAWSKA, 2004) e percebe-se, em ambas as abordagens, as relações existentes entre rede, lugar e tempo, possibilitando vínculos. Destaca-se, pois, a consideração de redes formada por atores humanos e não humanos, facilitando a compreensão acerca das relações existentes no contexto estudado. Certeau (1998) evidencia essas relações em seus estudos, como fica claro quando ele afirma:

Lembro-me do maravilhoso Shelburne Museum, de Vermont, EUA, onde pululam, nas trinta e cinco casas de uma aldeia reconstituída, todos os sinais, utensílios e produtos da vida cotidiana no século XX, desde o trem de cozinha e as prateleiras de remédios até aos instrumentos para costurar objetos de toalete e os brinquedos de criança. O inumerável das coisas familiares, polidas, deformadas ou embelezadas pelo uso, multiplicava também as marcas das mãos ativas e dos corpos laboriosos ou pacientes de que essas coisas compunham as redes diárias: presença obsessiva de ausências traçadas em toda a parte. Ao menos essa aldeia abarrotada de objetos abandonados e recolhidos remetia, por eles aos murmúrios ordenados de cem aldeias passadas ou possíveis, e o visitante se punha a sonhar com esses traços imbricados com mil combinações de existências (CERTEAU, 1998, p.82).

Observe-se que assim como defendido na abordagem dos estudos do *organizing* aqui adotada, Certeau considera os não humanos existentes no contexto no qual eles se fazem presentes, interferindo nas ações dos humanos, auxiliando a compor uma realidade social. Inclusive, enquanto de um lado é característica do estudo sobre o *organizing* a ideia de práticas de organização em permanente fluxo e transformações (DUARTE, ALCADIPANI, 2016), do outro, tem-se a perspectiva de constante movimento das práticas no cotidiano na abordagem de Certeau (1998). O autor discute a concepção de “[...] cotidiano como rotinização para dar lugar à ideia de cotidiano como *movimento*” (LEITE, 2010, p. 746, grifo do autor).

Na medida em que Czarniawska (2004) direciona sua abordagem ao estudo do que acontece em diversos lugares ao mesmo tempo, percebe-se vinculações entre uma pesquisa com base no cotidiano e a abordagem de rede de ações (*action nets*). Tendo como base o raciocínio de que “[...] o cotidiano é similar à categoria ‘espaço’ na teoria social em geral [...]” (LEITE, 2010, p. 739), observa-se que a ocorrência investigativa em todos os lugares onde se dá o cotidiano dos sujeitos sociais associa-se à multiplicidade espacial da *action nets*.

Dessa forma, o estudo no cotidiano, além de considerar as ações, estará influenciado por aspectos relevantes a este cotidiano analisado, os quais não poderão ser ignorados tendo em vista os inevitáveis significados provocados nas ações dos indivíduos, considerando-se o ambiente onde residem, a linguagem utilizada e a cultura a qual fazem parte. Diante desse

cenário, Certeau (1998, p. 144) entende que nas “‘oficinas’ artesanais bem como naquelas do inconsciente jaz um saber fundamental e primitivo que antecede o discurso esclarecido, mas ao qual falta uma cultura própria”.

Assim, urge a necessidade de observância dos motivos pelos quais os sujeitos executam suas ações, as quais podem se fundar nas mais diversas razões, desde questões de sobrevivência, para atender a determinada demanda, ou pelo simples prazer da prática do ofício. De tal modo procedendo, tornar-se-á possível a análise acerca do relacionamento entre o fazer artesanato, com os sujeitos sociais inseridos no contexto, e a consequente identificação das conexões existentes no processo organizativo que se faz presente no ambiente analisado.

Desse modo, ao ponderar a relevância da arte das filezeiras, abordada empiricamente na análise deste estudo, mediante o reconhecimento como patrimônio cultural imaterial, tem-se que suas as ações exercem influência não apenas no bairro do Pontal, mas também se desenvolvem no contexto da capital alagoana, com possibilidade de produzir reflexos nos aspectos culturais, turísticos e econômicos da cidade. Por isso, a relação entre a ação e o sujeito analisada sob a perspectiva do *organizing*, tem em Certeau (1998), não apenas uma correspondência de raciocínio pela relevância dessa conexão na rede de ação existente mas, também, um sustento teórico considerando a busca pelos significados e sentidos desse fazer dos sujeitos em seus cotidianos. Um fazer que tem implicações na economia, no turismo e na cultura local através do ofício de uma arte na vida dos indivíduos.

Dessa forma, por meio das contribuições de Certeau (1998), é possível articular pressupostos do *organizing* e das práticas de forma implícita, afastando qualquer sentido de inércia ameaçadora de uma visão contrária à contínua construção da realidade de uma comunidade. Por conseguinte, encontrando-se o dinamismo do *organizing* em Certeau, presente nas práticas artesanais das filezeiras, destaca-se a contribuição de sua abordagem a uma visão de reflexão acerca das maneiras de fazer dessas artesãs em seu cotidiano, inclusive, no que diz respeito aos seus procedimentos diante das redes de vigilância dos aparelhos que exercem o poder e que interferem em sua sobrevivência.

Como último ponto a ser observado sobre a obra *certeauniana*, entende-se relevante mencionar a compreensão do autor ao narrar sobre as maneiras como os oprimidos reagem contra os opressores. Certeau (1998) utiliza a palavra “trampolinagem” associando-a ao modo de lidar com aspectos do cotidiano da seguinte forma:

Mil maneiras de *jogar/desfazer o jogo do outro*, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas (CERTEAU, 1998, p. 79, grifo do autor).

Pode-se perceber que além do reconhecimento sobre a capacidade de adaptação dos indivíduos diante de dificuldades encontradas, o autor proporciona uma reflexão. Esta reflexão contempla a habilidade de grupos irem de encontro às forças sociais opressoras e dominantes que lhes impõem situações sociais preconceituosas, oferecendo uma perspectiva que pressupõe relações de poder, as quais podem ser combatidas por meio da cultura popular.

O autor associa sabedoria à trampolinagem, não no sentido pejorativo ou de aproximação à ideia de ações ilícitas. A significação utilizada em sua abordagem pode ser vinculada com o que se traduz aqui por habilidade possível ao grupo de artesãs, através de ações coletivas, refletidas num artesanato representativo de uma cultura, auxiliando-as a vencer os termos dos contratos sociais. Além de tal possibilidade de superação, as trampolinagens podem proporcionar a obtenção de destaque social por meio do artesanato, tornando os indivíduos atuantes na sociedade e lhes possibilitando ocupar o seu espaço.

Por fim, associa-se essa “trampolinagem”, inclusive, a um meio utilizado no processo organizativo para o alcance de finalidades em comum. Isso se processa, uma vez que o intuito da trampolinagem resulta em benefício coletivo com vistas a destacar a importância social do grupo, combatendo, desse modo, imposições sociais e, assim, exercendo uma luta pela sobrevivência. Desse modo, tendo em vista que a sobrevivência se caracteriza como um aspecto atuante na realidade das filezeiras, tais reflexões oferecidas por Certeau (1998) são passíveis de análise no estudo empírico desenvolvido.

Com base no exposto, infere-se que a consideração de um cotidiano dotado de práticas de organização heterogêneas, difusas e complexas (DUARTE; ALCADIPANI, 2016), não apenas se alia à perspectiva do *organizing*, mas também à visão *certeuniana* acerca dos fenômenos existentes na comunidade estudada. À vista disso, pensar o cotidiano nas artes de fazer das artesãs de filé do Pontal da Barra, com base em Certeau (1998), significa buscar compreender as singularidades da comunidade pesquisada, procurando entender suas regras, significações, linguagem, práticas, maneiras de pensar e de fazer sua arte, enfocando-se nos processos que organizam a realização de uma prática, caracterizada como um trabalho artesanal que tem implicações na cultura, economia, turismo local e na sobrevivência dos envolvidos. Tais aspectos implicados na atividade artesanal das artesãs de filé serão explorados na seção a seguir.

3 RELACIONANDO O ARTESANATO E SEU CONTEXTO ÀS ABORDAGENS DO *ORGANIZING* E DE MICHEL DE CERTEAU

No estudo das redes de ação (*action nets*), a conexão se caracteriza como uma atividade essencial na organização (CZARNIAWSKA, 2004). Essa perspectiva possibilita o estudo de todos os tipos de conexões (LINDBERG; WALTER, 2013). Em vista disso, percebe-se o potencial dessa abordagem para se considerar os aspectos que se conectam e fazem parte da rede que envolve o contexto da prática artesanal do bordado filé do Pontal da Barra. Tal potencial permite investigar a conexão das várias ações coletivas existentes e passíveis de análise, considerando que uma rede de ação pode envolver uma grande variedade de organizações ou pessoas organizadas em grupos (LINDBERG; WALTER, 2013).

Tendo em vista as inúmeras conexões possíveis que também se processam nas práticas, Figueiredo e Cavedon (2015) entendem que a vivência de práticas formais e institucionalizadas sofre influência da cultura e de circunstâncias históricas e sociais do ambiente que fazem parte do seu contexto. Desse modo, tanto o cotidiano dos sujeitos envolvidos, como seus processos de comunicação, influenciam nessas práticas, formais ou informais, por meio das quais, analisadas pela abordagem *certeauniana*, possibilita-se uma visão mais detalhada dos fenômenos nelas ocorridos. Nessa linha de raciocínio, compreende-se que a prática artesanal do bordado filé, ora pesquisada, tal como prática institucionalizada que é, diante da existência de associações de artesãos formalizadas, recebe influências tanto da cultura como de outros aspectos que o permeiam, como o turismo e os relacionados à sobrevivência dos indivíduos (aqui se inserindo os fatores históricos da comunidade).

Nessa ótica, o turismo cultural se apresenta envolvendo o artesanato com múltiplas possibilidades em termos das dinâmicas que vão marcar a organização de suas práticas. Direcionando-se a aspectos culturais de maneira específica, em uma abordagem difundida a partir dos anos 1980 (VIEIRA; RODRIGUES; TEIXEIRA, 2015), essa modalidade de turismo diz respeito à compreensão do homem sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre as inúmeras relações existentes entre eles (ROBINSON; SMITH, 2006).

A possibilidade que a temática do turismo oferece de investigar os atores humanos amplia seu potencial de análise no contexto do artesanato do Pontal da Barra. Reconhece-se no turismo cultural um processo que vincula a natureza cultural ao papel do turismo, considerando as práticas relacionadas ao comportamento dos humanos na sociedade, concatenadas às

significações atribuídas aos símbolos e objetos (ROBINSON; SMITH, 2006). Isso se observa, tendo em vista que a atividade se volta para a dinâmica da cultura local para ofertar produtos e serviços, nessa medida, a oportunidade de, à luz do *organizing*, desenvolver uma análise que considere aspectos relacionados ao *sensemaking*, trazendo enfoques ao comportamento humano, à comunicação e à identidade organizacional (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005).

Além dos humanos, o estudo do turismo relacionado ao artesanato, neste trabalho, permite um aprofundamento específico em como o artesanato se insere naquela dinâmica cultural nas relações entre humanos e não humanos. Também possibilita realizar a análise de sua atuação como inserido nas relações e práticas da sociedade, além de auxiliar na compreensão de dinâmicas sociais diferentes, considerando os não humanos como fazendo parte de tais relações, com significados sociais e simbólicos próprios (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014). Tais relações comporão a rede a ser interpretada e compreendida, na qual atores sociais (humanos e não humanos) interagem no tempo e no espaço do segmento do turismo, por meio de ações, as quais formam novas conexões, ou interações (CZARNIAWSKA, 2004). Ao identificar essas redes de ação (CZARNIAWSKA, 2004) é possível observar as conexões das várias ações coletivas existentes entre as artesãs pesquisadas, ao tempo em que se permite valorar as inovações ocorridas em suas práticas, afastando qualquer aproximação com a concepção de inércia ou estabilidade, as quais são contrárias às ideias do *organizing*.

Considerando as diversas conexões existentes e passíveis de análise, com a construção do trabalho artesanal, no qual estão incluídas em sua dinâmica as práticas relacionadas ao turismo, torna-se importante compreender as modificações no desenvolvimento do trabalho das artesãs de filé do Pontal da Barra, trazendo consequências nas características do artesanato produzido, que pode se aproximar mais do que Sennett (2009) chama de “correção” ou de “funcionalidade”.

Sennett (2009) menciona a diferença entre a correção e a funcionalidade no trabalho, não reputando uma exclusividade dessas diferenças como existente apenas no trabalho do artesão. De acordo com o autor, a correção está vinculada à qualidade do trabalho realizado, na medida em que o sujeito preza pelos detalhes bem feitos, ou seja, pela maestria em seu trabalho, em conformidade com sua percepção, de forma a atingir sua satisfação pessoal pelo resultado obtido com a perfeição de seu produto. A funcionalidade, por sua vez, encontra-se aliada ao atendimento de prazos. Nesse caso, o sujeito se preocupa com que seu produto

atenda à função que lhe é definida, estando pronto dentro do prazo estabelecido sem, entretanto, existir uma preocupação no concernente à excelência na feitura. O autor apresenta esses aspectos caracterizando-os como “padrões conflitantes” (SENNETT, 2009) na medida em que discute a existência do “conflito entre fazer bem e conseguir acabar” (SENNETT, 2009, p. 58), como uma dicotomia vinculada à qualidade do trabalho e inserida, tanto no cotidiano do sujeito social, quanto institucionalmente.

Tais aspectos remetem à possibilidade de observância ao que ocorre no trabalho das artesãs de filé do Pontal da Barra referente à correção e funcionalidade de seu artesanato sem, portanto, o intuito de se reputar juízo de valor quanto à qualidade deste trabalho. Ao tempo em que a linha teórica aqui assumida reconhece que não há uma realidade concreta mas sim, uma mudança, permeada de construções sociais na qual o artesanato se altera, referida análise é vista como oportuna. Dessa forma, na busca de desvelar como ocorre essa dinâmica, encontra-se a resposta ao problema desta pesquisa, considerando os inúmeros fatores que influenciam o artesanato analisado, bem como, a rede na qual as filezeiras se encontram inseridas, fatores estes que, certamente, influenciam em suas ações na produção do filé pois é entendido que “o artífice frequentemente enfrenta padrões objetivos de excelência que são conflitantes; o desejo de fazer alguma coisa bem pelo simples prazer da coisa benfeita pode ser comprometido por pressões competitivas, frustrações ou obsessões” (SENNETT, 2009, p. 19-20).

Considerando-se que a luta pela sobrevivência se constitui num elemento presente na comunidade do Pontal da Barra, uma análise que observe o *sensemaking* existente no artesanato pesquisado há de observar se “o pensamento e o sentimento estão contidos no processo do fazer” (SENNETT, 2009, p.17) e como eles são influenciados pelo contexto onde os sujeitos se encontram. Tal aspecto se torna relevante ao considerar que o comportamento dos indivíduos se destaca no processo organizativo, o qual pode intervir de variadas formas nesse processo e trazer uma gama de consequências, numa dinâmica inevitável.

Tais interferências, no caso, podem advir das próprias filezeiras quando atuam, em grande maioria, como gestoras do próprio negócio. Davel, Cavedon e Fischer (2012), identificam variadas limitações necessárias de reconhecimento na prática por parte do gestor contemporâneo, desde as relativas à perspectiva ecológica e sustentável em relação aos materiais; até as da saúde e vitalidade, relacionado às pessoas. Esta última, no caso, chama a atenção pelo possível questionamento acerca das ações das filezeiras em relação à própria

saúde quando da feitura do filé, considerando a possibilidade de ocorrência de lesões por esforço repetitivo (LER) quando da realização de trabalhos artesanais (PENA; FREITAS; CARDIM, 2011), na medida em que tal aspecto pode acarretar até uma perda de dignidade por parte do indivíduo (GRAVINA, 2002), vindo a interferir em seu comportamento e atingindo, por consequência, a produção de seu artesanato.

Nesse sentido, têm-se formas diferentes de se comportar sendo transmitidas pelo trabalho artesanal e pelo artesão, que pode expor o seu comportamento através de seu ofício. A peça artesanal materializa um significado produzindo uma linguagem, uma conversa e uma comunicação (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005) com a sociedade como um todo, representando uma tomada de sentido (*sensemaking*) através das intenções e comportamentos do artesão nela refletidos.

Considere-se que “o artesanato, elemento da cultura material, apresenta-se como uma complexa composição, abrangendo uma multiplicidade de fenômenos sociais que traduzem uma apropriação desigual, real e simbólica da história vivenciada e construída por um povo” (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014, p. 143). Dessa forma, entende-se que não se pode desvincular o artesanato, mesmo o desprendido de arte, da contemporaneidade que se apresenta ligada a ele por meio da história formadora da realidade do artesão.

Tal entendimento se baseia no aspecto de que a contemporaneidade representa o tempo atual do sujeito, ou seja, a sua realidade temporal, a qual mesmo que não se mostre de maneira objetiva, visível na peça artesanal, pode influenciar na sua feitura, bem como, nos fenômenos incidentes no artesanato produzido em determinado contexto. Essa concepção vai ao encontro da ontologia do *organizing* que considera a realidade organizacional envolvida e possibilita a relevância das ações humanas por uma compreensão processual e difusa dos fenômenos (DUARTE; ALCADIPANI, 2016). Desse modo, a contemporaneidade do trabalho do artesão promove um direcionamento voltado para a heterogeneidade existente no contexto no qual ele se encontra, formado por atores sociais, humanos e não humanos que dele fazem parte.

Isso se percebe no trabalho de Barbosa e D'Ávila (2014), no qual foram exploradas questões relacionadas às profissionais artesãs do povoado de Bichinho/MG. As pesquisadoras identificaram que a cultura material local se tratava de uma marca, tanto da identidade cultural, como afetiva das pesquisadas, de modo que se vinculava aos seus costumes, hábitos e táticas cotidianas. Tanto o próprio objeto artesanal quanto a criação do objeto artesanal fazem parte da cultura material no sentido de que, além da importância do trabalho artesanal

realizado, seu processo de realização se encontra dotado de significados que desvelam aspectos de seu criador (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014).

Em vista disso, considerando que “toda habilidade artesanal baseia-se numa aptidão exercida em alto grau” (SENNETT, 2009, p. 30), ressalta-se a importância do conhecimento sobre a atividade para que seja possível seu exercício no artesanato e uma vez que, segundo os Estudos Baseados em Prática (EBP), o conhecimento implica em dominar a ação (GHERARDI, 2009), ele se faz necessário para que o saber do ofício se evidencie e o ofício possa ser executado. Desse modo, para a compreensão do processo de incorporação do conhecimento, faz-se necessário a identificação não apenas das práticas, mas também do contexto original delas, bem como, entender o que a história apresenta como motivos para que as pessoas se engajem à aquisição do conhecimento (FIGUEIREDO; CAVEDON, 2015).

Sennett (2009, p. 62) conceitua a incorporação como “um processo essencial a todas as habilidades artesanais, a conversão da informação e das práticas em conhecimento tácito”. Portanto, o fazer artesanal exige do artífice que sua aprendizagem advenha de um processo mentalmente idealizado havendo, ao mesmo tempo, uma incorporação por meio de uma agilidade estética e física na produção (DAVEL; CAVEDON; FISCHER, 2012). Assim ocorrendo, o artesão demonstra o seu fazer produtivo na sociedade, um saber que é simultaneamente reprodutivo (GHERARDI, 2009), incidindo numa prática ou, mais especificamente, numa prática artesanal, que se faz presente no meio social. Essa prática classifica o indivíduo ou o grupo no qual ela se destaca como sujeito, ou sujeitos, que produzem o artesanato.

Implica ressaltar que a ideia presente nos EBP a respeito do social como um mediador entre os sujeitos para transmitir conhecimento (GHERARDI, 2000), evidencia o conhecimento sendo gerado pelas interações sociais e não como um simples resultado do aprendizado do ofício de artesão. Desse modo, tem-se tanto a aprendizagem do ofício artesanal, como o conhecimento sobre o ofício, como uma consequência das interações entre os sujeitos. Dessa maneira, uma vez que “quando o *locus* do conhecimento e da aprendizagem está situado na prática, o foco se move para uma teoria social da ação” (GHERARDI, 2001, p. 134, tradução nossa). Assim, uma vez que a habilidade artesanal reúne o fazer manual ao pensamento, estabelecendo uma conexão (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014), justifica-se o foco nas ações dos sujeitos, no caso, dos sujeitos que dominam o ofício do artesanato.

Considerando-se o aspecto de que as práticas discursivas se compõem por uma variedade de atos comunicativos, verbais e não verbais, como histórias, rituais, retórica, sinais, arquitetura, além de outros (RIGG, 2005), a linguagem utilizada no artesanato, nesse sentido, inserida no contexto das práticas discursivas, abrange atos comunicativos que conectam a ação da atividade artesanal com o mundo. Tal ação, desenvolvida pela “linguagem ordinária” (CERTEAU, 1998) dos artesãos por meio de suas práticas cotidianas, encontra-se contida de significados trazidos ao meio social, refletindo numa dinâmica interativa que incide no processo artesanal e podendo, ou não, imergir por meio de uma coerência temática aplicada no artesanato produzido.

O artesanato envolve, portanto, objetos (ou peças) capazes de representar, no mínimo, uma parte de uma sociedade ou cultura. Eles são dotados de significados sociais e simbólicos, que se encontram localizados na história e inseridos em relações sociais devendo ser compreendidos como um processo (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014) no qual o contexto humano e social se encontra em constante movimento. Essas relações ocorrem entre os próprios artesãos, entre eles e os turistas consumidores, entre eles (artesãos) e o contexto que os permeia, resultando na produção do conhecimento que pode ser utilizado em prol do artesão e da comunidade da qual faz parte. À vista disso, outros fatores, passíveis de análise, envolvendo aspectos institucionais e o comportamento dos sujeitos, fazem parte do contexto do artesanato com possibilidade de investigação quando da análise dos dados obtidos, os quais passam a ser explorados na subseção a seguir.

3.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS FAZERES INCIDENTES NO ARTESANATO

Os fazeres artesanais implicam em singularidades. Tal afirmativa se fundamenta na ótica de que histórias de vida, redes de conexões, matérias-primas, movimentos corporais, narrativas e sotaques se constituem em elementos com características que muitas vezes são exclusivamente encontradas em lugares específicos, caracterizando-se em descobertas únicas quando do estudo de fazeres artesanais (DAVEL; CAVEDON; FISCHER, 2012).

Em vista da presente análise estar relacionada a uma técnica artesanal representativa de uma cultura, observa-se a possibilidade de caracterizá-la como um procedimento técnico de produção utilizado para o alcance de fins organizacionais (MEYER; ROWAN, 1977). Tal caracterização se sustenta, considerando o fato do bordado filé não mais se limitar a ser uma

simples prática reconhecida no local, sendo atualmente classificado como patrimônio cultural imaterial.

Tendo em vista a questão relacionada à patrimonialização cultural, em 1945 foi criada a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Como parte de suas ações, em 1972 ocorreu a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, sendo criado o Comitê do Patrimônio Mundial em 1976, com os primeiros inscritos em 1978. No ano de 2003, foi adotada pela comunidade internacional a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, [200-?]). Assim, foi criada a ideia do Patrimônio Mundial para a proteção dos sítios de valor universal excepcional. A Unesco, conhecida como a agência “intelectual” das Nações Unidas (UNESCO, [200-?]), atualmente, adota a seguinte definição sobre Patrimônio Cultural Imaterial, estabelecida no art. 2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial:

refere-se a práticas, representações, expressões, conhecimentos, habilidades – bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes estão associados – que comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos reconhecem como parte de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural é imaterial, transmitido de geração a geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em resposta ao seu ambiente, suas interações com a natureza e suas histórias, e lhes proporciona um sentido de identidade e continuidade, ao tempo em que promove respeito pela diversidade cultural e criatividade humana (UNESCO, 2003, p. 2, tradução nossa).

Diante desse cenário internacional, de acordo com a Unesco, observa-se que a caracterização como patrimônio não se apresenta mais exclusivo aos objetos culturais concretos, sendo também aplicável para a maneira de fazer, para as pessoas portadoras de determinado conhecimento e para os aspectos de vida dentro de uma comunidade (VALLARD, 2011). Em paralelo, a representação da Unesco no Brasil, também disponibiliza a seguinte conceituação sobre o tema: “[...] o Patrimônio Cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes” (UNESCO, [200-?]).

Tem-se, portanto, no enquadramento da atividade feita à mão, a possibilidade de reconhecimento de determinada maneira de produção artesanal como patrimônio, o que inclui, tanto a maneira de fazer de definida arte, quanto aspectos culturais inerentes a dada comunidade.

Buscando a compreensão sobre os aspectos patrimoniais envolvidos no artesanato, Martini (2007) realizou uma análise na qual pôde vivenciar o registro do acarajé como bem imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Durante o desenvolvimento de sua pesquisa, o autor observou que tal registro atuou como “uma institucionalização que se pretende guardiã do saber fazer acarajé de maneira artesanal, porém sem interferir em sua dinâmica e transformações” (MARTINI, 2007, p. 241), as quais obtiveram mais relevância nas questões relacionadas à limpeza. Segundo o autor, a tipicidade e o fazer artesanal do acarajé passaram a sobreviver condicionados à realização da assepsia.

A patrimonialização também faz parte da dinâmica do artesanato, mas não se assume aqui um julgamento de valor simplista que a caracterize como algo sempre positivo ou negativo. Na abordagem aqui adotada se considera que os efeitos são sempre múltiplos, nunca singulares. Reconhece-se, portanto, a existência de construções sociais fazendo parte da prática do artesanato de maneiras específicas, direcionando, dessa forma, ao caminho para o objetivo deste trabalho de investigação da dinâmica das práticas artesanais. Ressalte-se, entretanto, que tal perspectiva afasta uma visão local de abordagem comum de artesanato como tradição, para “uma abordagem social e política em termos de patrimônio, herança, inventário e preservação” (VALLARD, 2011, p. 239, tradução nossa).

Considerando a importância dessa forma de patrimônio, a Unesco vem estimulando governos, ONGs e comunidades locais a “reconhecer, valorizar, identificar e preservar o seu patrimônio cultural imaterial” (UNESCO, [200-?]). Nessa acepção, derivando de uma decisão do Conselho Estadual de Cultura do Estado de Alagoas, datada de 20 de junho de 2012, através da lei ordinária 7.285/2011, a qual institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural Alagoano (ALAGOAS, 2011), o bordado filé se encontra registrado como patrimônio cultural imaterial do estado a partir de março de 2014 (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2014)³.

À vista disso, apesar de não se tratar de um reconhecimento por parte da Unesco, em nível internacional, ele existe em nível estadual, caracterizando essa atividade artesanal com as prerrogativas inerentes aos conceitos definidos pela Unesco e consistindo atualmente numa marca alagoana (INBORDAL, [2015?]). Dessa forma, o artesanato de filé tem na classificação recebida além de uma forma de preservação do patrimônio cultural imaterial, um

³ Sebrae.

estímulo às “habilidades e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e a manutenção de seu patrimônio cultural material” (UNESCO, [200-?]).

Esse reconhecimento institucional envolve um conjunto de interesses que, ao mesmo tempo que se complementam, possuem aparências dicotômicas. Por um lado, apresentam a possibilidade do artesanato atuar como ferramenta de geração de renda, melhor qualidade de vida, atração do turismo, emprego local e promoção do aumento da autoestima dos moradores (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014). Por outro lado, a existência de intervenções que buscam incentivar a produção artesanal no Brasil, como o Sebrae por meio, principalmente, do atrelamento do artesanato com o consumo e o turismo. Nesse último caso, são intervenções que atuam como um fortalecimento da ideia de empreendedorismo no trabalho artesanal, com ênfase na gestão e na competitividade que é própria do capitalismo (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014).

Marquesan e Figueiredo (2014) entendem que a real intenção das ações que incentivam o consumo do artesanato se caracterizam como estratégias ao estabelecimento de uma ordem que, além de perpetuar diferenças sociais e comprometer manifestações culturais, ocultam interesses subsumidos numa aparente inclusão social eficaz, considerando a ausência de efeitos desta inclusão na realidade do artesão que ressignifica sua atividade. Como resultado, os autores observam haver uma tendência de perda de valores implícitos às práticas e aos fatores simbólicos do artesanato, por meio de uma ideologia gerencialista na qual o artesanato é visto como uma mera oportunidade de negócios pelos programas de políticas públicas com tal postura.

Apresentando outra percepção acerca das consequências do reconhecimento institucional, Davel, Cavedon e Fischer (2012) entendem que uma forma da gestão do trabalho artesanal reconsiderar os seus fundamentos seria por meio do regresso aos princípios deste ofício. Desse modo, ainda segundo os autores, aqueles princípios que remetem ao desejo de realização de um trabalho bem feito, advindos do legado da sociedade industrial, contrastam com as atividades contemporâneas mas representam, entretanto, uma oportunidade da gestão contribuir positivamente com o futuro de sociedades e organizações. Atuando como gestor, além de buscar novas possibilidades, o artífice não se obsta a prezar pelo aprimoramento de suas práticas artesanais, fato que promove uma articulação entre o legado cultural das práticas e o aproveitamento de oportunidades, refletindo numa capacidade gerencial de atender à cultura (DAVEL; CAVEDON; FISCHER, 2012).

Dessa forma, o artesanato de filé em Alagoas tem na classificação recebida além de uma forma de preservação do patrimônio cultural imaterial, um estímulo às “habilidades e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e a manutenção de seu patrimônio cultural material” (UNESCO, [200-?]). Assim sendo, ao considerar a dinâmica artesanal e as várias contribuições teóricas aqui articuladas, assume-se a existência de diferentes implicações em torno da patrimonialização, que se inserem na construção da prática do artesanato relativo ao contexto estudado.

3.2 O ARTESANATO ATUANDO NA SOBREVIVÊNCIA DOS ARTESÃOS

O artesanato foi produzido historicamente para atender às necessidades funcionais e cerimoniais dentro de uma comunidade artesã (POPELKA; LITTRELL, 1991) estando, nos dias atuais, dotado de um reconhecido poder de “reprodução do capital” (CANCLINI, 1983). Esse poder se insere no contexto social, capaz de destacar a importância sociocultural e socioeconômica do grupo, estabelecendo seu lugar na sociedade e, assim, auxiliando-o em sua luta pela sobrevivência.

Nessa medida, a prática artesanal, principalmente quando institucionalizada, como é o caso da existência de uma Associação de artesãos no bairro do Pontal da Barra, na capital alagoana, além de ser publicamente reconhecida, atua tanto como um meio de obtenção de capital para os participantes como uma forma de identificação do grupo, favorecendo os artesãos. A originalidade do trabalho realizado pelo artesão, a representatividade de uma cultura, a possibilidade de movimentação do turismo e do comércio local, todos esses fatores se encontram vinculados ao artesanato, não sendo diferente no que diz respeito ao bordado filé produzido no Estado de Alagoas.

Um exemplo das influências econômicas externas atuando na atividade do bordado filé é apresentado por Ramos (2013), quando menciona a produção de seis mil peças de caixas de óculos pelas artesãs de filé de Marechal Deodoro, em Alagoas, no ano de 2009. Essa atividade provocou a necessidade de adequação das artesãs às regras impostas pelas grifes no que diz respeito ao tempo e processo de produção exigidos pela marca para o atendimento do pedido (RAMOS, 2013). De acordo com o autor, a referida situação tanto alterou a produção das filezeiras, como a forma que elas se sentiam ao produzir suas peças, uma vez que “a terapia da produção do filé, relatada nos depoimentos, transformou-se em estresse...” (RAMOS, 2013, p.

55). Conforme Ramos (2013), a necessidade de sobrevivência do artesão que tem na produção de seu artesanato sua fonte de renda principal, gera uma imperceptível submissão de seu trabalho às exigências do mercado. Desse modo, a ânsia por uma melhor qualidade de vida se traduz tanto numa alienação, quanto numa submissão do trabalho artesanal àquilo que o mercado deseja e não à espontânea produção do saber artesanal (RAMOS, 2013).

Observa-se a inclusão no processo de *sensemaking* das artesãs de fatores externos que passaram a fazer parte do seu meio, para o atendimento das necessidades do mercado e obtenção de renda. Na medida em que os sentidos criados pelo fazer artesanal sofrem interferências de condições externas, percebe-se uma possibilidade de alteração dos significados das peças criadas.

Existem vários exemplos dessas interferências externas que passam a fazer parte do cotidiano do processo de produção das filezeiras do Pontal da Barra, em particular, observa-se a existência de uma atuação conjunta de instituições públicas e privadas, representadas pela Secretaria Municipal de Promoção do Turismo (SEMPTUR) e pelo Sebrae, colaborando no desenvolvimento do artesanato bordado filé no apoio junto a grifes nacionais (MACEIÓ, 2013b). Em 2013, por exemplo, a inclusão do bordado filé na coleção Verão 2014 da grife Cantão (MACEIÓ, 2013b) ocorreu através da união de entidades públicas e privadas, interferindo na vida das filezeiras pois, além de inserir o bordado filé na alta costura brasileira, comprovou aos empresários brasileiros a possibilidade de unir arte à sustentabilidade (MACEIÓ, 2013b). Isso se reforça considerando que este tipo de ação tanto contribui ao desenvolvimento da comunidade, com a possibilidade de geração de renda, como também interfere nas ações dos indivíduos artesãos que passam a ter sua atividade atrelada a regras de conduta de empresas e instituições, interferência que implica em modificações no seu cotidiano (RAMOS, 2013).

Aqui não se busca um julgamento de valor, no sentido de avaliar que possíveis interferências estariam mudando negativamente a arte e a cultura, pois, como ficam claras nas ideias *certeunianas*, elas se inserem em um contínuo processo de reconstrução, com ou sem os fatores externos, e os fatores externos não têm o poder de simplesmente determinar essa reconstrução. Procura-se, portanto, apenas considerar essas influências externas e seus resultados na produção cotidiana, sem reputá-las como o único ou principal elemento desse processo.

Dentre essas influências, além das iniciativas de instituições que atingem seus objetivos de fomento ao artesanato, já mencionadas, Ramos (2013) destaca uma série de dificuldades das instituições públicas, tais como: a ausência de editais, a realização de feiras ineficientes e com altos custos, inúmeros obstáculos para o recebimento de recursos do governo federal, desvalorização e falta de espaço para a transmissão dos conhecimentos dos mestres artesãos, entre outras dificuldades.

Considerando os obstáculos a serem superados pela atividade do artesanato, Leal, A. e Leal, E. (2012) realizaram uma análise sobre a forma que o Estado se organiza e a estrutura por ele oferecida às culturas populares e ao patrimônio cultural imaterial. Segundo as autoras, construir uma identidade nacional seria o foco das diversas gestões da política brasileira, diante da perspectiva de que esta identidade teria a possibilidade de representar um empenho direcionado ao desenvolvimento econômico e social do país. Entretanto, as autoras concluíram que as escassas ações culturais só se dão graças a pequenos grupos interessados, em virtude da inexistência de uma preocupação efetiva com a cultura por parte do Estado. Leal, A. e Leal, E. (2012) observam que a realidade em relação ao Estado se apresenta na sua busca pela manipulação por meio da mídia.

Mas a sobrevivência relativa a um grupo de artesãos não se apresenta relacionada exclusivamente às organizações públicas, para compreender essa dinâmica se deve considerar o fator temporal, local e identitário do grupo. Na questão temporal, considerando que a memória assegura “a sobrevivência de acontecimentos que marcaram um tempo e garante a partilha desses acontecimentos entre indivíduos de um grupo social” (SANTANA; SIMÕES, 2015, p. 92), percebe-se no termo “sobrevivência” o fator histórico se destacando. Isso se dá, uma vez que enquanto a memória conta a história da sobrevivência do grupo, ela também “contribui para a coesão social, definindo seu lugar, suas conexões, bem como seus conflitos” (SANTANA; SIMÕES, 2015, p. 91). Desse modo, ela dá a sua contribuição para a continuidade de uma comunidade artesanal e de suas atividades, mesmo que elas se alterem em uma dinâmica própria. Assim, a memória, copiosa pelo tempo, contribui à sobrevivência do artesanato e do artesão.

Diante do aspecto de que “a memória é elemento fundamental da construção identitária” (SANTANA; SIMÕES, 2015, p. 90), observa-se na pesquisa de Teixeira et al. (2011) uma possibilidade de atuação marcante da identidade de um grupo. Buscando registrar o trabalho de uma comunidade Quilombola, caracterizado pelo artesanato de retalhos de tecido, os

autores identificaram a identidade do grupo atuando de maneira relevante, combatendo o preconceito socioeconômico (derivado dos escassos recursos sociais e financeiros) e artesanal (considerando a realização do trabalho com produtos reciclados e de baixo custo). Isso ocorre diante da percepção de que a preservação e fortalecimento identitário, ressaltando o valor cultural do trabalho artesanal, são valores interessantes aos membros da comunidade, na medida em que funcionam como uma união grupal contra o preconceito (TEIXEIRA et al., 2011). Este aspecto identitário da pesquisa dos autores se caracteriza como significativo diante da importância da posse da terra para a comunidade quilombola estudada, ou seja, a um lugar. Cabe destacar que o sentido de lugar aqui não se refere a um punhado de terra, mas à condição de se estabelecer uma relação de poder privilegiada e um lugar próprio, no sentido *certeuniano* do termo, a partir dessa posse da terra.

No que se refere ao presente estudo, percebe-se a vinculação de atuação da identidade com o lugar possibilitando aos sujeitos a busca pelo seu “‘próprio’, isto é, o lugar do poder e do querer próprios” (CERTEAU, 1998, p. 99) das artesãs de filé do Pontal da Barra. Tal raciocínio se caracteriza pelo fato do bairro turístico do Pontal da Barra, conhecido como o “berço do singular bordado filé” (ALAGOAS, 2016a), além de já possuir a atividade do bordado filé vinculada ao lugar, proporciona às artesãs oportunidades de auferir benefícios pelo fortalecimento de seus valores identitários.

A busca pela compreensão das ações e fenômenos que envolvem um grupo de artesãos de uma comunidade, inseridos em seu cotidiano, oportuniza a realização de um estudo cultural que evoca um passado com lembranças e memórias que se reconstrói num processo que se faz na atualidade. A cultura, portanto, por meio do artesanato, surge como um resumo de representações que identificam os sujeitos com seu meio (SANTANA; SIMÕES, 2015) vinculando-se a aspectos temporais e espaciais, quando da interação entre os sujeitos. Considerando-se o homem como um ser conferido de inúmeros significados, tem-se na cultura estruturas significativas compostas numa rede (IPIRANGA, 2009). Essa rede consiste em formas simbólicas, que podem ser representadas por objetos artesanais, os quais incorporam significados num padrão partilhado entre os indivíduos, graças à interação entre eles (IPIRANGA, 2009).

Nessa medida, as interações existentes entre os atores sociais (humanos e não humanos), bem como, as redes formadas por tais interações (CZARNIAWSKA, 2004) compõem o universo cultural de determinado local, passível de ser explorado por meio de diversas iniciativas,

dentre as quais aquelas relacionadas com o turismo cultural, comumente associado ao artesanato, ressurgindo e se articulando, nessa subseção, às questões vinculadas à sobrevivência dos artesãos. O turismo cultural, oferece aos sujeitos a possibilidade de transpor fronteiras, expandindo o conhecimento, através da oportunidade do contato direto com outras culturas e com o próprio homem.

Portanto, ao tempo em que o artesão precisa produzir e vender para sobreviver, ele se relaciona, através de seus produtos, com os desejos do mercado consumidor, precisando o que envolve o reinventar do seu trabalho sem, entretanto, com implicações culturais pois, como bem menciona Popelka e Littrell (1991, p. 396, tradução nossa): “a arte turística reflete os objetivos econômicos, culturais e estéticos de seus produtores e as expectativas de seus consumidores”.

Na medida em que existe a possibilidade de reconhecimento pela atividade realizada, a relação do artesão com o artesanato se trata “de uma relação [...] que preenche a necessidade de equilíbrio psicológico” (RAMOS, 2013, p. 47). O artesanato possibilita ao artesão fazer parte de um grupo, obter uma identidade e constituir um sentido de comunidade, ao tempo em que também identifica o grupo, proporcionando-lhe um *status* (RAMOS, 2013) e lhe conferindo uma identidade grupal, obtida pelo artesanato.

Considerando que a identidade de um grupo também está ligada ao seu patrimônio cultural, que se “constitui, por meio da transmissão de saberes e fazeres da comunidade” (SANTANA; SIMÕES, 2015, p. 91), observa-se outra vinculação com Certeau (1998). De acordo com esse autor as “‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (CERTEAU, 1998, p. 41). As práticas incidentes nas técnicas da produção do fazer artesanal constituem aspectos do enfrentamento dos obstáculos impostos aos sujeitos. Esses, por meio do artesanato, obtêm a possibilidade de recusa à resignação social, buscando seu lugar e espaço na sociedade. Um lugar que possibilita não apenas sobreviver em comunidade, mas, também, interagir de forma coletiva, contrapondo-se a aspectos que os submetam a uma situação de submissão ou inércia social. A contraposição dos sujeitos a uma situação de inércia social, desse modo, vincula-se à dinamicidade encontrada na abordagem do *organizing* na medida em que as atividades, modificadoras de sua realidade, os direcionam à dinâmica temporal, local, de sujeitos e de objetos (CZARNIAWSKA, 2008).

Diante do exposto, com a existência de registros de prévias oportunidades oferecidas por políticas públicas (MACEIÓ, 2013b) e ações de instituições particulares (RAMOS, 2013) atuando junto ao artesanato bordado filé, percebe-se a existência de possibilidades disponibilizadas às filezeiras do Pontal para a obtenção de renda e melhorias de sua qualidade de vida, lidando com a opressão, marginalização e exclusão social. Desse modo, o artesanato produzido no local possibilita às artesãs de filé uma sobrevivência dotada de possibilidades e obstáculos.

Essa dinâmica da sobrevivência e das influências externas faz parte do *organizing* do artesanato do bordado filé do bairro do Pontal da Barra, investigado na oportunidade do trabalho empírico, desenvolvido por meio da metodologia definida, a seguir.

4 METODOLOGIA

O objetivo proposto exigiu reconhecer a importância da análise do cotidiano dos atores sociais envolvidos, tendo como objeto de estudo o artesanato bordado filé do Pontal da Barra. A coleta de dados do estudo teve uma duração total de 16 semanas. A data na qual a pesquisa de campo se iniciou foi no dia 28 de junho de 2016 e a data de encerramento foi o dia 27 de outubro de 2016, de modo que o tempo de estudo em cada lugar, com a referida técnica utilizada, encontra-se apresentado no APÊNDICE A, em anexo. Ao se observar o referido apêndice, pode-se notar a ocorrência de algumas interrupções na observação participante em decorrência da aplicação da *shadowing* e de imprevistos ocorridos durante a fase da pesquisa, mas que não prejudicaram a investigação.

Visando resguardar o anonimato dos participantes, optou-se pela utilização de códigos quando da referência aos sujeitos de pesquisa, bem como, quando forem citados trechos de seus discursos, de modo que todos serão identificados pela letra F, seguida de uma numeração como, por exemplo, F1.

O referido estudo tem como unidade de análise as ações cotidianas das filezeiras do bairro do Pontal da Barra, do município de Maceió, estado de Alagoas, ao tempo em que resultou em 54 diários de campo e contou com a utilização das seguintes técnicas de coleta de dados: análise documental, *shadowing*, observação participante, conversas informais e entrevistas semiestruturadas. Através da aplicação dessas técnicas, a seguir explanadas, buscou-se a intensificação da expressividade dos dados reunidos.

4.1 A APROXIMAÇÃO COM O CAMPO

A aproximação com o campo se deu pelos critérios da oportunidade e conveniência, uma vez que a pesquisadora conhecia e tinha contato direto com a presidente da Associação dos Artesãos do bairro do Pontal da Barra com cargo vigente na época da pesquisa, a quem será dado o nome fictício de Ana Filé para preservar sua identidade. Foi ela, inclusive, que intercedeu junto à proprietária do estabelecimento comercial para que autorizasse a realização da observação participante.

Como critério para delimitar o local da observação se adotou escolher um local cuja propriedade fosse de membro artesão participante da Associação, o que foi solicitado à Presidente a ser levado em consideração no momento anterior ao contato com o proprietário, ou proprietária, do estabelecimento. Assim, em janeiro de 2016 a pesquisadora compareceu ao campo para conhecer a dona do estabelecimento onde iria realizar as observações esta, identificada no estudo por F1. Na oportunidade, não sentiu dificuldades quanto à aceitação, considerando a existência de empatia e boa comunicação entre ela e a artesã, sujeito participante desta pesquisa. Foi percebido, inclusive, que o fato de ter sido indicada pela Presidente se mostrou como um detalhe importante à boa recepção da pesquisadora quando deste primeiro contato.

O contato inicial decorreu da intenção de assegurar a possibilidade de realização da pesquisa ainda no período anterior à finalização do projeto de estudo. Considerando que a previsão para início das observações era junho de 2016, buscou-se a manutenção do contato com ambas as partes (tanto a presidente da Associação, quanto a filezeira proprietária do estabelecimento) durante todo o interstício do tempo até o início das observações.

Tendo em mente a necessidade de um conhecimento prévio sobre o *locus* de estudo, também foi realizada uma breve pesquisa por meios eletrônicos, concomitante ao contato pessoal com pessoas que haviam realizado trabalhos anteriores junto às filezeiras do Pontal e que trabalhavam em instituições como o Sebrae, o Programa de Artesanato Brasileiro (PAB) e a Secretaria Municipal de Turismo. Os referidos contatos auxiliaram no que diz respeito ao conhecimento prévio de acontecimentos envolvendo as filezeiras do Pontal, bem como, acerca do ambiente a ser estudado.

4.2 A COLETA DE DADOS

De acordo com Minayo (2007), os instrumentos utilizados na investigação qualitativa “costumam ser facilmente corrigidos e readaptados durante o processo de trabalho no campo, visando as finalidades da investigação” (MINAYO, 2007, p. 101). Na busca de alcance dessa finalidade, optou-se por utilizar como coleta de dados as técnicas da análise documental, da *shadowing*, da observação participante, conversas informais e entrevistas semiestruturadas, entendendo-se que estas atenderiam eficientemente aos objetivos da pesquisa. Confirmando a afirmativa de Minayo (2007), foi necessária a realização de algumas adaptações no decorrer

da investigação, as quais puderam ser adequadas de acordo com os acontecimentos, sem incorrer em prejuízos futuros. As técnicas utilizadas e suas formas de aplicação no decorrer da pesquisa passam a ser especificadas a seguir.

Os **documentos escritos**, entendidos de uma forma ampla, abrangendo materiais escritos, estatísticas e elementos iconográficos, representam uma rica fonte de dados na pesquisa qualitativa (GODOY, 1995). Estes, respectivamente representados por jornais, registros ordenados de aspectos de vida e imagens ou filmes, por exemplo, podem se constituir em fontes primárias (vivenciadas pelos próprios pesquisados) ou secundárias (coletadas por agentes externos), devendo ser utilizados em conformidade com os fins da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987).

Com base na existência da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra, observou-se a possibilidade de consulta a documentos no decorrer da pesquisa, recurso que deve ser valorizado em decorrência da riqueza de informações que podem ser extraídas e resgatadas (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUIDANI, 2009). Assim, considerando a importância dos aspectos temporal e espacial relativos ao *organizing* e com vistas a um melhor direcionamento do estudo, os documentos selecionados foram os seguintes:

- a) documentos oficiais, tanto da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra, como os que informassem quaisquer dados relacionados ao estudo, como contratos, regulamentações legais e documentos burocráticos, dentre os quais se destaca o Estatuto da Associação dos artesãos do Pontal da Barra;
- b) imagens e documentos disponibilizados pelos entrevistados e obtidos no decorrer da observação;
- c) jornais, revistas e sites institucionais com informações relativas ao artesanato de filé produzido no Pontal da Barra.

Importante mencionar que os dados obtidos pelos meios eletrônicos se apresentaram como uma fonte documental inicial de grande importância, considerando que trouxeram relevantes informações para um conhecimento prévio a respeito de características do campo e dos sujeitos a serem pesquisados. Os demais documentos acima mencionados foram passíveis de obtenção no decorrer da pesquisa.

Durante seu contato inicial com o campo, a pesquisadora buscou informações sobre o local, principalmente por meio de registros ou documentos que pudessem confirmar as informações históricas recebidas através das conversas informais. Neste ponto, entretanto, observou-se certa dificuldade tendo em conta que livros ou registros a respeito do local não eram objetos que os moradores do bairro costumassem guardar. Apenas os mais antigos, ou aqueles participantes em alguma atividade associativa local, poderiam ter algum dado importante. Tais sujeitos, por sua vez, só foram conhecidos no decorrer da pesquisa e se mostraram solícitos em disponibilizar alguns poucos materiais que tiveram que ser complementados pela visita em órgãos públicos como o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), o Museu da Imagem e do Som do Estado (Misa), o Iphan e o Arquivo Público em Alagoas (APA). Apenas nas duas primeiras entidades mencionadas houve sucesso de obtenção de material referente à pesquisa.

Sendo assim, com a obtenção de uma gama de dados necessários a posterior análise, observou-se que a prática se constituiu como a menor unidade de análise a ser verificada, o que foi possível por meio da observação dos atores sociais envolvidos.

Partindo-se do princípio de que o tempo e espaço se encontram entrelaçados na prática, Czarniawska (2004) sugere o estudo do mesmo objeto em locais diferentes, ao mesmo tempo, como uma solução acerca das questões de tempo e espaço na abordagem do *organizing*. Entende-se que, no decorrer da pesquisa, esta forma de estudo se torna possível desde que também seja possível o livre deslocamento do pesquisador por vários locais e em conformidade com a dinâmica dos eventos ocorridos. Adicione ao aspecto de que a evidente impossibilidade de presença física do estudioso em vários locais ao mesmo tempo pode ser suprida pelo conhecimento acerca dos acontecimentos, obtido por meio dos discursos dos sujeitos pesquisados identificados, principalmente, pelas conversas informais. Desse modo, tendo em vista a ocorrência dessas condições na presente pesquisa, observa-se a satisfação de um estudo nos moldes do *organizing* de acordo com as orientações da autora.

Quanto ao aspecto da invisibilidade, a autora orienta como solução a técnica da observação participante. Referente a esta técnica, Minayo (2007, p. 286) menciona que ela ajuda “a vincular os fatos a suas representações e a desvendar as contradições entre as normas e regras e as práticas vividas no cotidiano do grupo”.

Em vista desses aspectos, entende-se que através da **observação participante** foi possível à pesquisadora uma maior “abertura para o grupo, sensibilidade para sua lógica e para sua

cultura, lembrando-se de que a interação social faz parte da condição e da situação da pesquisa” (MINAYO, 2007, p. 277). Buscando-se superar os possíveis obstáculos relativos à interação no grupo, a observação se deu por um período total de 15 semanas, sendo a última semana com menor periodicidade. O tempo de pesquisa previsto foi estipulado de modo a possibilitar a ocorrência de um envolvimento com o campo, facilitando um trabalho voltado para uma lente prática, aspecto que realmente ocorreu durante a observação. No decorrer das observações, buscou-se o registro de todas as conversas informais tomadas como relevantes ao estudo.

Anotações de campo foram realizadas sempre quando do comparecimento da pesquisadora ao campo, ou quando da ocorrência de qualquer procedimento relacionado à pesquisa, todas registradas em diários de campo. Nestas, foram inseridas impressões pessoais que puderam ser modificadas com o tempo, “resultados de conversas informais, observações de comportamentos contraditórios com as falas, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados” (MINAYO, 2007, p. 295), entre outros aspectos considerados relevantes.

Visando atender às orientações de Czarniawska (2004) a respeito da utilização da técnica da *shadowing* aliada à observação participante, buscou-se adaptar as referidas técnicas em conformidade com o campo. Nesse sentido, no que diz respeito ao processo de observação, torna-se relevante mencionar que este foi intercalado em duas delimitações distintas: observação tanto em lojas de artesanato, como em reuniões e a realização de *shadowing*. Assim se procedeu, considerando a intenção da pesquisa quanto à análise do cotidiano de sujeitos que também possuem uma atividade institucionalizada. Assim, a compreensão de suas práticas seria buscada tanto no dia a dia dos indivíduos, como por meio de um melhor conhecimento referente às atividades de um dos sujeitos inserido nas práticas institucionais susceptíveis de análise.

É importante mencionar que a observação participante inicialmente se concentrou em uma loja de artesanato, entretanto, o acesso ao cotidiano das lojas do Pontal foi extensível, na realidade, a duas lojas do local. Isso se deu uma vez que a proprietária do estabelecimento em que foi acordada a observação, identificada por F1, não se sentia à vontade para a pesquisadora utilizar o banheiro de sua residência, visto que se tratava de uma casa muito simples, localizada nos fundos da loja onde ela residia apenas com seu marido. Em decorrência disso, desde o primeiro dia de observação, a pesquisadora foi orientada a utilizar

o banheiro da casa de sua sogra esta, identificada por F4, que ficava a seis metros de sua casa, tendo como separação apenas outra loja entre elas, como pode ser observado na Fotografia 1 abaixo.

Fotografia 1 – Lojas de artesanato onde ocorreram a observação



Fonte: Autora, 2016.

Assim como F1, F4 também tinha sua loja de artesanato na frente da casa, residindo nos fundos da loja com sua família, marido e um de seus quatro filhos, todos homens. Ao contrário de F1, a partir das 9:00, F4 já estava com sua loja aberta, providência geralmente tomada por seu marido.

Durante a observação participante, a pesquisadora atuou como funcionária do estabelecimento comercial (loja de artesanato) de F1, para cumprir o expediente nos dias de segunda, quarta e sexta-feiras, concentrando suas observações nas atividades relacionadas ao contexto vivenciado. Ao considerar as necessidades da proprietária, em várias oportunidades ocorreu uma diversificação nos dias da semana de comparecimento ao campo, nas terças ou quintas-feiras, mas sempre buscando, entretanto, a manutenção da regularidade combinada no início das observações (segunda, quarta e sexta-feiras).

Também tendo em vista que em várias oportunidades a dona do estabelecimento costumava abrir a loja geralmente a partir das 10:30 da manhã, ou até mesmo após o horário de almoço, a pesquisadora buscou se adequar à comodidade de seus horários, mas sempre ficando até por volta das 17:00, numa média de 7 horas por dia, indo além desse horário no início das observações, perto das 18:00. Também nessa fase de conhecimento do campo, sempre

procurou fazer contato telefônico para avisar que estava se dirigindo ao local, considerando a possibilidade de chegar à loja e as portas estarem fechadas.

Os horários de almoço eram em companhia dos sujeitos pesquisados, o que facilitava a complementação do tempo de observação decorrido. Durante o almoço, inclusive, a observadora optou por comprar sua refeição como uma forma de evitar trazer prejuízos aos pesquisados. Os almoços foram inicialmente realizados na mesma loja da observação. Entretanto, certo dia, na segunda semana, a pesquisadora foi convidada a almoçar na casa de F4 por oferecer maior comodidade e pelo fato de que a loja de F1 ainda se encontrava fechada, fato que se repetia constantemente visto que F1, por vezes, precisava se ausentar para ir ao médico, resolver questões particulares ou mesmo por sua preferência em abrir a loja, muitas vezes, só após o horário do almoço.

Pôde ser observado que a irregularidade de horário para a abertura da loja de F1 era constante, por consequência, tais aspectos levaram a pesquisadora a ter que aguardá-la na loja de sua sogra por diversas vezes, o que a fez decidir por aproveitar o tempo, uma vez que já se encontrava no campo e em companhia de uma filezeira. Assim, sua presença constante em outra residência com loja a aproximou bastante de todos os demais membros da família e a possibilitou acompanhar boa parte do cotidiano do local.

Em várias oportunidades a pesquisadora precisou permanecer nos locais de observação aguardando o horário da reunião na Associação dos Artesãos, que estava marcada para aquele determinado dia e que geralmente se realizava no horário da noite. Nessas ocasiões, os sujeitos de pesquisa se mostraram solidários fechando a loja um pouco mais tarde e até mesmo convidando a pesquisadora para jantar em suas residências, ações que a auxiliaram a vencer o cansaço de permanência no campo que perdurou, em algumas oportunidades, por cerca de 10 horas num dia. Tais situações foram acarretadas por acontecimentos que poderão ser melhor compreendidos pela leitura dos parágrafos a seguir, que tratam especificamente das reuniões.

Para ampliar a possibilidade de conhecimento sobre a articulação coletiva das filezeiras do Pontal da Barra no contexto diário da sociedade foram realizadas também observações durante as reuniões da Associação dos Artesãos do bairro. Isso se justifica pela possibilidade de vinculação entre os atos comunicativos decorrentes tanto do cotidiano, quanto de um núcleo organizativo, formalmente existente no local. Fato que pode ser compreendido a partir

da concepção de Rigg (2005), ao incluir em seu estudo etnográfico a participação em reuniões que ocorriam no contexto investigado.

A participação da pesquisadora nas reuniões teve início com sua apresentação por parte da presidente da Associação dos Artesãos do bairro a membros participantes da reunião do dia. Isso ocorreu logo no primeiro dia de observação, visto a ocorrência de uma reunião, coincidentemente, no mesmo dia em que os trabalhos de campo estavam sendo iniciados. Nesse primeiro contato, buscou-se a utilização do que Bogdan e Biklen (1994) denominam de “abordagem objetiva” por meio da qual os interesses da pesquisa são explicitados buscando uma cooperação dos sujeitos na pesquisa. Isso foi feito de uma maneira muito breve, uma vez que foi dada a oportunidade de se dirigir ao grupo. A presença da pesquisadora se deu em quase todas as reuniões da Associação dos Artesãos do bairro do Pontal da Barra durante o período da pesquisa de campo, excetuando-se as reuniões da diretoria, pelo menos nas primeiras semanas de observação.

Tendo em vista a distância do bairro do Pontal da Barra e os horários que eram estipuladas as reuniões, sempre por volta das 19:00, optou-se pela extensão do período de observação, ocorrendo a presença da pesquisadora em campo desde o horário da manhã até por volta das 21:00, quando terminava a reunião da Associação dos Artesãos.

Destaque-se que as reuniões eram sempre marcadas para o mesmo dia e geralmente de última hora pela Presidente, por meio do aplicativo de celular WhatsApp, no qual havia sido criado um grupo para uma maior facilidade de comunicação entre as filezeiras associadas. Assim, o conhecimento sobre a realização de alguma reunião inicialmente se deu através da presidente e, posteriormente, pelo contato com as filezeiras com as quais a pesquisadora detinha maior proximidade. Desse modo, durante o período de pesquisa de campo a pesquisadora esteve presente num total de 12 reuniões, nas quais duas foram apenas com os membros da diretoria.

Tendo em vista que a organização do ofício das filezeiras também decorre das atividades realizadas pela Associação dos Artesãos do bairro, entende-se oportuno um conhecimento sobre o cotidiano dos sujeitos diretamente envolvidos com a entidade. Essa compreensão se fortalece, considerando-se a comprovação de Rigg (2005) acerca da importância do significado dos atos comunicativos para a compreensão sobre uma empresa, ressaltando-se, assim, a relevância das ações empreendidas na Associação dos Artesãos do bairro. Dessa forma, acredita-se que por meio da *shadowing* tornou-se possível um melhor entendimento sobre as relações entre o *organizing* do artesanato bordado filé e as atividades realizadas por

sujeitos envolvidos no núcleo organizativo dos artesãos locais, técnica que foi aplicada de acordo com os procedimentos descritos a seguir.

Conforme Czarniawska (2004), a *shadowing* possibilita uma movimentação de um ponto a outro numa rede de ação uma vez que o pesquisador busca “não uma experiência individual, mas uma construção coletiva” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 786, tradução nossa). Segundo a autora, uma vez que esta técnica não resolve os problemas de simultaneidade e invisibilidade, necessárias ao estudo do *organizing*, ela defende a união da *shadowing* com a observação participante (CZARNIAWSKA, 2004), entendimento adotado no presente estudo.

Desse modo, considerando que “como uma estratégia de coleta de dados, a *shadowing* é particularmente adequada para responder a perguntas de investigação em que a unidade de análise não é o indivíduo, mas a relação social” (QUINLAN, 2008, p. 1482, tradução nossa), ela foi realizada com a presidente da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra. A técnica foi aplicada num período de seis dias corridos, de segunda-feira a sábado, das 11:00 às 17:00, procurando-se uma adequação à rotina diária da pesquisada. Na terça-feira da semana seguinte, devido à expectativa de participação da pesquisada em reuniões internas e com instituições externas, a *shadowing* foi finalizada. Entende-se que a observação de dias úteis, com a inclusão do sábado da pesquisada, possibilitou à investigadora uma visão aproximada do cotidiano de uma das artesãs em destaque no bairro, a qual tem acesso facilitado a todas as demais artesãs do Pontal da Barra.

Considerando-se a possibilidade de uma maior interação da pesquisadora com o campo após certo período de observação participante, entende-se que a aplicação da *shadowing* após 10 semanas de pesquisa possibilitou uma melhor compreensão das atividades cotidianas das artesãs do local. Portanto, quando de sua ocorrência, na 11ª semana de pesquisa de campo, a pesquisadora suspendeu momentaneamente a observação participante em curso nos estabelecimentos comerciais.

As observações nas lojas foram reiniciadas ainda na 12ª semana de pesquisa, prolongando-se a um total de mais três semanas de observação participante após a *shadowing*. Na 15ª semana de observação considerou-se a necessidade de repetição da *shadowing* tendo em vista a participação da Presidente da Associação e mais dois membros da diretoria em um evento estadual, o qual durou dois dias, no qual a pesquisadora poderia acompanhar sem problemas. Para melhor compreensão entre os procedimentos da *shadowing* e observação participante, bem como as demais técnicas aplicadas, observe-se o APÊNDICE A, em anexo, que

apresenta o cronograma de desenvolvimento das atividades e cuja consulta possibilitará a compreensão da ocorrência das entrevistas no decorrer da pesquisa.

Foram realizadas **entrevistas semiestruturadas** e várias conversas informais. Escolheu-se este tipo de entrevista tendo-se em vista que “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Os critérios iniciais para a seleção dos entrevistados foram a de fazer parte da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra e a de ter como uma de suas práticas artesanais principais a produção do bordado filé. Entretanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, foi observado que o critério de fazer parte da Associação dos Artesãos limitaria o conhecimento sobre a rede que envolve o contexto pesquisado, além de impossibilitar a pesquisadora de ter acesso a importantes sujeitos de pesquisa.

Tal afirmativa se sustenta tendo em vista o aspecto de que apenas 36 filezeiras eram participantes efetivas da Associação, de modo que a maioria das artesãs do bairro, apesar de inscritas em tempos pretéritos, não compareciam às reuniões e nem pagavam a instituição há vários anos. Dessa forma, o critério de seleção dos entrevistados de ter como uma de suas práticas artesanais principais a produção do bordado filé foi adicionado apenas ao de ser um(a) artesão(ã) residente no bairro do Pontal da Barra, possibilitando, desse modo, uma visão mais realística sobre a rede de ação existente no universo pesquisado.

Considerando a orientação de Gaskell (2010) quanto a um limite máximo de entrevistas necessárias a serem feitas e analisadas, o que o autor considera ser entre 15 e 25 entrevistas, pretendia-se inicialmente entrevistar de 12 a 20 filezeiras durante o período da observação. Tal objetivo foi alcançado tendo em vista a realização de 21 entrevistas semiestruturadas com filezeiras no bairro.

No que diz respeito à presidente da Associação dos Artesãos, observou-se certa dificuldade na realização da entrevista, tendo em vista a incerteza constante quanto aos seus horários, optando-se por realizar sua entrevista durante a semana de realização da *shadowing*.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas de forma literal, com a utilização de um roteiro de entrevista (APÊNDICE B) o qual serviu como um guia, mas com a inclusão de

perguntas aleatórias realizadas pela pesquisadora e relacionadas ao tema. Buscando assegurar a confidencialidade das informações, foram utilizados códigos no lugar do nome dos entrevistados, os quais foram estabelecidos de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 1 – Sujeitos entrevistados e conversas informais

| ENTREVISTADO (A) | IDADE | IDADE EM QUE APRENDEU O BORDADO FILÉ | TEMPO DE ENTREVISTA | TIPO DE ENTREVISTA |
|---------------------|------------------|--|------------------------|----------------------------|
| F1 | 36 | 16 anos | 1h | Entrevista semiestruturada |
| F2 | 46 | 21 anos | 1h39min | Entrevista semiestruturada |
| F3 | 61 | 10 anos | 1h06min | Entrevista semiestruturada |
| F4 | 62 | Menos de 10 anos | 39 min | Entrevista semiestruturada |
| F5 | 43 | 23 anos | 44min | Entrevista semiestruturada |
| F6 | 45 | 12 anos | 51min | Entrevista semiestruturada |
| F7 | 76 | 20 anos | 18min | Entrevista semiestruturada |
| F8 | 60 | 7 anos | 28min | Entrevista semiestruturada |
| F9 | 57 | 24 anos | 55min | Entrevista semiestruturada |
| F10 | 59 | 7 anos | 1h13min | Entrevista semiestruturada |
| F11 | não informado | 42 anos | XX | Conversa informal |
| F12 | 21 | 10 anos | 55min | Entrevista semiestruturada |
| F13 | 74 | 6 anos | 1h54min | Entrevista semiestruturada |
| F14 | 44 | 6 anos | 1h17min | Entrevista semiestruturada |
| F15 | 54 | 18 anos | 55min | Entrevista semiestruturada |
| F16 | 21 | 8 anos | 56min | Entrevista semiestruturada |
| F17 | 62 | 8 anos | 44min | Entrevista semiestruturada |
| F18 | 34 | 9 anos | 1h10min | Entrevista semiestruturada |
| F19 | 52 | 7 a 8 anos | 47min | Entrevista semiestruturada |
| F20 | 72 | 8 anos | 42min | Entrevista semiestruturada |
| F21 | 77 | 6 anos | 37min | Entrevista semiestruturada |
| F22 | 47 | 7 anos | 1h21min | Entrevista semiestruturada |

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Uma vez que os estudos foram concentrados em lojas de artesanato do bairro e na Associação dos Artesãos do Pontal da Barra, considerou-se como participante inicial do estudo a artesã proprietária do estabelecimento onde ficou inicialmente acordada a realização da observação participante. Levando em conta que no início da pesquisa de campo a pesquisadora era sujeito desconhecido pelos membros da comunidade, e vice-versa, a partir da primeira informante foi aplicada a técnica de bola de neve (*snowball*) para as demais entrevistas.

Essa técnica possibilitou a indicação dos sujeitos tidos como os mais qualificados na atividade do bordado filé por seus pares, afastando eventual seleção inadequada, decorrente do

exclusivo acesso aos artesãos inscritos na Associação dos Artesãos do Pontal da Barra e facilitando a aproximação aos entrevistados, pela indicação realizada por pessoa já conhecida.

Recebida a indicação dos possíveis entrevistados, era realizado contato prévio e pessoal, com autorização e menção de quem o(a) indicou, explicando-se o motivo da pesquisa. Relevante mencionar a importância da confirmação quanto ao atendimento dos critérios de pesquisa neste primeiro contato por meio de uma conversa informal com o possível participante. Isso se menciona, considerando o fato de que uma das indicadas, apesar de exercer o ofício há anos e de trabalhar em uma das lojas da região, não residia no bairro. Esse detalhe só foi descoberto durante a realização da entrevista, mas que não impediu a pesquisadora de finalizar a coleta de dados que se encontrava em curso, visto a possibilidade de obtenção de importantes informações a serem futuramente aproveitadas. Assim, as informações advindas de referido sujeito (F11), não puderam ser contabilizadas como uma entrevista realizada, mas aproveitadas nas conversas informais.

Diante da aceitação como participante, a pesquisadora combinava o horário e local para um próximo encontro. Nesse, eram dirimidas quaisquer dúvidas que ainda pairassem sobre a pesquisa com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), modelo disposto no APÊNDICE C, assinatura do(a) entrevistado(a) e realização do procedimento da entrevista. Considerando a impossibilidade de transcrição de cada entrevista no mesmo dia de sua realização, optou-se por realizar anotações referentes ao comportamento e atitudes dos(as) entrevistados(as) (TRIVIÑOS, 1987) quando da elaboração dos diários de campo, de modo a viabilizar análises posteriores mais detalhadas.

Desse modo, entende-se que referidas fontes se mostraram vantajosas à pesquisa, possibilitando uma melhor compreensão sobre as mensagens e significações inseridas nas ações dos indivíduos pesquisados.

4.2.1 Questões Éticas

Todas as entrevistas foram precedidas da assinatura do TCLE por parte dos entrevistados, em conformidade com o item IV - Do Processo de Consentimento Livre e Esclarecido, da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2013).

No que diz respeito à obtenção das informações adquiridas na Associação dos Artesãos do bairro, foi providenciado um Requerimento dirigido à Associação dos Artesãos do bairro do Pontal da Barra/AL, solicitando autorização para coleta e uso de dados na instituição, o qual já se encontrava assinado pela Presidente da Associação em período anterior ao início do trabalho de campo. Assim também se procedeu em relação à proprietária do primeiro estabelecimento comercial onde foi firmada a realização da observação participante.

4.2.2 Limitações

Na busca de informações direcionadas à investigação, cabe mencionar uma aparente resistência da participante da pesquisa quando da realização da *shadowing*. Isso foi sentido uma vez que, em algumas oportunidades, a pesquisadora presumiu um sentimento de fiscalização por parte da pesquisada, tendo em vista a relutância ao fornecimento de algumas informações.

4.2.3 Tabela de Diários de Campo

Uma vez que já se tinha previsão de grande quantidade de diários de campo a serem preenchidos, desde o início da coleta de dados a pesquisadora se preocupou em manter uma organização que lhe proporcionasse uma maior agilidade quanto a esses diários e demais registros referentes ao dia.

Tendo em vista a possibilidade de utilização de recursos tecnológicos durante o período da pesquisa, na medida em que os diários eram elaborados, as informações ficavam registradas em pastas, de acordo com a semana, por meio de arquivos do Word, com o número do diário, o dia da semana e a data (Diário XX __ dia da semana __ data). Na pasta da semana, encontravam-se inseridas as dos diários, nas quais eram gravados o diário do dia e todas as imagens e registros.

Dessa maneira, com vistas a uma melhor organização dos diários de campo, elaborou-se uma tabela no EXCELL, exemplificada pelo quadro abaixo, na qual foram inseridas as seguintes informações:

Quadro 1 – Exemplo de quadro utilizado para a organização dos diários de campo

| Semana | Número do diário | Data da Observação | Dia da semana | Pontos importantes sobre o dia | Número da Reunião | Local da Reunião | Pontos importantes sobre a reunião | Hora de chegada | Hora de Saída | Tempo de Observação |
|----------|------------------|--------------------|---------------|--------------------------------|-------------------|------------------|------------------------------------|-----------------|---------------|---------------------|
| SEMANA 1 | 1 | XX/XX/XX | Segunda-feira | | | | | XXhXXmin | XXhXXmin | XXhXXmin |
| | 2 | XX/XX/XX | Quarta-feira | | | | | XXhXXmin | XXhXXmin | XXhXXmin |
| | 3 | XX/XX/XX | Sexta-feira | | | | | XXhXXmin | XXhXXmin | XXhXXmin |

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Importante mencionar a necessidade de se manter o registro de forma periódica e disciplinada, com o preenchimento da tabela logo após a preparação do diário de campo. Essa medida se mostrou conveniente tanto para se evitar o acúmulo de material e possível perda dos registros de acordo com a data da ocorrência, como para uma organização dos eventos antes da próxima entrada em campo por parte da pesquisadora. No que diz respeito às entrevistas, essas ficaram registradas em outra pasta, com subpastas denominadas em numerações subsequentes, seguidas pelo nome do entrevistado e a data de ocorrência da entrevista: ENTREVISTA XX - Nome do entrevistado - data da entrevista. As mesmas informações eram inseridas na tabela acima, na coluna **Pontos Importantes Sobre o Dia**, facilitando uma posterior consulta quanto ao momento de encontro com determinado sujeito da pesquisa.

Considerando que as informações a serem registradas dependem das necessidades de cada pesquisa, entende-se que a elaboração do quadro acima deve ser realizada em conformidade

com a conveniência do pesquisador. Procura-se, entretanto, transmitir a experiência acerca da tabela acima sugerida, bem como, da organização das pastas e subpastas, uma vez que sua utilidade pôde ser constatada na oportunidade da análise dos dados, visto a maior facilidade de localização do material e da ocorrência dos eventos.

5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A técnica de tratamento de dados adotada foi a Análise de Conteúdo. Referindo-se à análise de conteúdo, Godoy (1995, p. 23) menciona que a crescente “necessidade de interpretação dos dados encontrados fez com que a análise qualitativa também tivesse lugar dentro da técnica”. Dessa forma, a utilização da análise qualitativa inserida na técnica da análise de conteúdo foi realizada visando à compreensão das “características, estruturas e/ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tomados em consideração” (GODOY, 1995, p. 23). Assim, buscou-se entender o sentido da comunicação e as significações das mensagens (GODOY, 1995) encontradas no material de pesquisa obtido.

Nesse seguimento, os dados coletados foram analisados de acordo com a análise de conteúdo, utilizando-se a modalidade temática, com categorias definidas *a posteriori*, seguindo-se as etapas indicadas para este tipo de análise: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação (BARDIN, 1979; GODOY, 1995; MINAYO, 2004; TRIVIÑOS, 1987). Para tanto, foram consideradas as regras da homogeneidade e da pertinência (BARDIN, 1979), a partir do tipo de *corpus* obtido, optou-se por seguir orientações metodológicas que se complementam, advindas de Bardin (1979), Godoy (1995) e Minayo (2004) a seguir, descritas.

Inicialmente, na **pré-análise**, realizou-se leitura flutuante do material (GODOY, 1995), organizando-o. Nessa leitura, foi buscado um envolvimento com o conteúdo do material de campo obtido (MINAYO, 2004). Ainda nesta etapa, objetivou-se analisar a “constituição do *corpus*” pela exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência do material (MINAYO, 2004). Em outras palavras, respectivamente foi observado se o material contemplava todos os aspectos abordados no roteiro, se continha as características do universo pesquisado, se obedecia aos critérios metodológicos escolhidos e se os documentos analisados proporcionavam respostas aos objetivos do trabalho (MINAYO, 2004). Na sequência, veio a exploração, realizando-se a “codificação, classificação e categorização do material” (GODOY, 1995, p. 24).

Assim, foi realizada codificação para registrar os dados, organizando-se em blocos de categorias escolhidas (BARDIN, 1979; GODOY, 1995) pelo critério semântico e se utilizando temas para as “unidades de registro” ou “unidades de significação” (BARDIN, 1979, p. 104), representadas por “palavras, frases, temas, personagens e acontecimentos”

considerados relevantes (MINAYO, 2004, p. 317). Serviram como fontes: as entrevistas, as conversações, as notas de campo e os documentos.

Quando da **exploração do material**, procedeu-se à categorização dos dados (pelo critério semântico) (BARDIN, 1979), realizando-se uma “redução do texto às palavras e expressões significativas” (MINAYO, 2004, p. 317). Através desta, foram definidas categorias “em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado” (MINAYO, 2004, p. 317). Isso foi realizado em conformidade com o *corpus*, ou seja, uma análise para cada *corpus*, pelas etapas de inventário e classificação (BARDIN, 1979), utilizando-se temas, possibilitando-se, assim, inferências e a interpretação pela análise dos dados obtidos, conforme o referencial teórico apresentado.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), o investigador qualitativo objetiva a compreensão do comportamento e experiências humanas na medida em que procuram entender o processo por meio do qual os significados são construídos pelos sujeitos, buscando a descrição sobre a constituição desses significados. Com esta orientação em mente e tendo em vista que as fontes eram variadas, procurou-se elaborar uma tabela agrupando as informações que se conectavam e que se mostravam relevantes.

Dessa forma, iniciou-se pelas anotações dos diários de campo referentes às observações nas lojas e, em seguida, as da *shadowing*. Para tanto, a tabela criada para este agrupamento inicial, compondo-se de três colunas, destacava três informações relevantes: categorias (de acordo com o conteúdo do assunto), o número do diário de campo (que estava sendo analisado no momento) e os detalhes relevantes com as conversas informais (observando-se aquelas que se destacavam referente à categoria produzida). Isso foi realizado buscando-se separar referente ao assunto analisado, elaborando-se assim, blocos iniciais como: Associação dos Artesãos, *Shadowing*, Artesãos na Comunidade, Lojas observadas e Artesanato Filé.

Uma vez que a primeira tabela trazia grande quantidade de informações, optou-se por analisar as entrevistas construindo-se outra tabela, mas já objetivando a vinculação de ambas no que fosse possível. Para tanto, buscou-se uma organização que possibilitasse uma identificação precisa sobre a entrevista que estava sendo analisada. Seguindo essa lógica, optou-se por seguir as orientações metodológicas de Bogdan e Biklen (1994), elaborando-se outra tabela com base em seu “índice de codificação (página de exemplo)” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 240). Dessa forma, a tabela constou dos seguintes itens: a) Palavra de Código (possibilitando a identificação das categorias), Tipo (o tipo de dado analisado), Código do Sujeito (a

codificação do sujeito a ser utilizada na pesquisa), Anotação (os trechos da entrevista relevantes à categoria), Página (a página em que se encontrava o trecho selecionado), Observações (apontamentos da pesquisadora).

Na terceira fase da análise, **tratamento dos resultados e interpretação**, foram buscadas “tendências ou relações implícitas” (GODOY, 1995, p. 24) encontradas nos resultados brutos, interessando “o conteúdo latente, o sentido que se encontra por trás do imediatamente apreendido” (GODOY, 1995, p. 24). Nessa continuidade, realizou-se uma nova leitura do material selecionado, vinculando-se as categorias em comum e as que se relacionavam. Assim, foram elaboradas quatro categorias temáticas, com suas respectivas subcategorias, as quais são sintetizadas no Quadro 2 abaixo.

Quadro 2 – Categorias temáticas definidas *a posteriori*

| | |
|---|--|
| O COTIDIANO BUCÓLICO EM SEU DINAMISMO REGIDO PELA SOBREVIVÊNCIA | Batalhadoras: estratégicas e táticas numa luta contínua |
| PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS ISOLADAS E VINCULADAS A UMA COMUNIDADE ARTESÃ | A multiplicidade de lugares e a convergência gerencial compondo o ambiente organizacional |
| | Estratégias e táticas entre artesãs associadas e concorrentes |
| DÚVIDAS E EXPECTATIVAS ENCONTRADAS NA COMUNIDADE ARTESÃ | |
| A SOCIOMATERIALIDADE OPERANTE NO ARTESANATO BORDADO FILÉ DO PONTAL DA BARRA | Os elementos não humanos e sua significância no artesanato bordado Filé do Pontal da Barra |
| | O bordado Filé com efeitos no corpo, na mente e na produção do conhecimento |

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Ciente de que os fenômenos heterogêneos compõem a abordagem da pesquisa e tendo em vista que esta análise de dados possibilita a explicação dos motivos dos fenômenos por meio de uma visão holística, entendeu-se ser esta uma opção adequada ao alcance dos objetivos da investigação (GODOY, 1995).

6 FAZENDO PARTE DO COTIDIANO LOCAL

6.1 CONHECENDO O BAIRRO

O Pontal da Barra se localiza numa região de restinga, diante do canal do Calunga, o qual interliga a lagoa Mundaú (antes dessa desembocar no mar) à lagoa Manguaba (SANT'ANA, 1989) e possui a última praia do perímetro urbano, na zona sul de Maceió. O local era anteriormente tido como um bairro de pescadores que moravam em choupanas cobertas de palha, as quais se localizavam espalhadas pelo canal (LAGES et al., 1979).

O bairro existe desde 1792, na época, com apenas 30 edificações e 56 habitantes, vindo a contar com o fornecimento de energia elétrica somente em 31 de janeiro de 1954, durante o Governo Arnon de Mello (SANT'ANA, 1989). O local apresentou um grande crescimento populacional, no ano de 2010 já contava com uma população de 2.478 habitantes e 915 domicílios (CARVALHO, 2012b). Os nascidos no bairro são denominados Pontalenses.

De acordo com Sant'Ana (1998), o local viveu por anos praticamente esquecido pelos poderes públicos, tanto que só veio a ter uma maior facilidade de acesso ao turismo em 1965, com a construção de uma rodovia, paralela ao mar, destinada a ligar a Escola de Aprendizizes de Marinheiros ao centro da cidade. O mesmo autor menciona também aspectos que trazem uma maior compreensão sobre as origens do comportamento dos habitantes locais. Segundo ele, a fácil obtenção de meios necessários à sobrevivência pela interação homem-ambiente, adquiridos pelos recursos renováveis dos ecossistemas produtivos das lagoas e canais, os levou a um intenso isolamento, enfatizando suas características de comunidade fechada principalmente, pelos fortes laços de parentesco (SANT'ANA, 1989), tendo São Sebastião como padroeiro local (CODÁ, 2015).

Apesar de se localizar numa área de beleza natural, o Pontal sofre com a degradação ambiental. Mesmo com o reconhecimento de significativas alterações ambientais e na população local, aliado ao entendimento de que os benefícios econômicos seriam anulados pelos altos custos sociais (SANT'ANA, 1989), a fábrica da Salgema iniciou a produção de cloro e soda cáustica com a instalação de sua unidade industrial na região da restinga em fevereiro de 1977 (CARVALHO, 2012a). Tratando-se de um complexo industrial de grande porte, o Complexo Cloroquímico de Alagoas (SANT'ANA, 1989), ou Salgema S.A., teve seu controle acionário transferido para a empresa Trikem, atualmente denominada Braskem S/A,

controlada pelo grupo Odebrecht (CARVALHO, 2012a), continuando a provocar danos tanto ao meio ambiente, quanto à população local, os quais buscam ser atenuados por projetos ambientais e sociais.

Apesar dessa interferência industrial no ambiente, o Pontal da Barra se trata de um bairro tombado “através de proposição anexada ao Processo CEC-nº3, de 11 de agosto de 1987” (SANT'ANA, 1989, p. 123). Referido tombamento se deu por duas etapas diferentes. A primeira, pelo bairro do Pontal da Barra e sua restinga e, posteriormente, com a Zona da lagoa Mundaú e seus canais (SANT'ANA, 1989). Para se ter uma melhor ideia dos efeitos advindos com a implantação de referido complexo industrial nas proximidades da comunidade do Pontal, observe-se trecho abaixo sobre a finalidade do tombamento do bairro:

O pedido de tombamento do conjunto de bens constituído pelo Bairro do Pontal da Barra e de sua respectiva restinga [...] objetiva salvaguardar a área a ser tombada, das especulações imobiliárias, de uma maior degradação de seu meio ambiente natural (solo, água, ar atmosférico, fauna e flora), no caso da instalação de novas fábricas, ou mesmo de depósito de substâncias químicas, dentro de uma restinga de tão pequeno porte, como é a de Maceió [...] (SANT'ANA, 1989, p. 137).

Realizado como uma forma de proteger o local, a pesquisa empírica demonstrou que o tombamento do Pontal é fato conhecido pelos moradores. Os mesmos também possuem o conhecimento de que habitam nas proximidades de uma Unidade Industrial de Cloro-Soda que oferece ameaças consideráveis, tanto ao entorno, quanto à qualidade de vida dos habitantes da comunidade do bairro onde vivem. À vista de tais aspectos, a Braskem S/A por meio de projetos socioambientais, como o Projeto de Meio Ambiente, iniciado em 2001 no bairro do Pontal da Barra, busca oferecer incentivos às práticas sustentáveis, cursos, qualificação educacional e diversificação de ocupações, auxiliando no fomento à mobilidade social da comunidade (CARVALHO, 2012a).

Os habitantes do bairro dispõem de 1 igreja, 1 escola municipal de Ensino Fundamental 1 e 2; 1 posto de saúde ao lado da escola; 1 creche próxima ao estacionamento dos ônibus; 1 colônia de pescadores que funciona como um local de reuniões e eventos; 1 balança para a venda de peixe; farmácias populares; padarias; e mercearias ao longo do bairro. Não há bancos, correios ou lotéricas disponíveis aos moradores, os quais dispõem de apenas um caixa eletrônico 24 horas, localizado na única pousada local.

Uma vez que existe uma forte vinculação da Braskem S/A com o Pontal, com várias menções à indústria durante a realização da pesquisa empírica, observou-se a necessidade de possibilitar ao leitor um breve conhecimento a respeito dessa ligação.

No que diz respeito ao turismo local, seu desenvolvimento se deu na mesma época da divulgação do artesanato por parte da Empresa Alagoana de Turismo (Ematur) na década de 1970, em exposições interestaduais e após o acesso facilitado, com a construção da mencionada rodovia (SANT'ANA, 1989). Anteriormente as artesãs se dirigiam às portas de hotéis, repartições públicas ou ao cais do porto para a venda em navios (SANT'ANA, 1989) de seu artesanato filé. Ao tratar dessa época, Codá (2015) possibilita um bom panorama histórico sobre os primórdios do artesanato filé do Pontal da Barra:

Era preciso ir ao encontro do turista. E um dos poucos que ousavam ir até os navios, atracados no porto de Maceió, era Carlos Codá, com uma mala cheia de toalhas e colchas de filé, geralmente da malha miúda. [...] A maioria das filezeiras, por outro lado, traziam suas obras para vender, por preços bem abaixo do devido valor, a Laurentino, em Maceió, o terror não do sertão, mas das mulheres rendeiras do Pontal da Barra. Era um homem mal humorado, de uma avareza insuportável em relação às linhas que comprava por atacado, em São Paulo, e que as repassava às filezeiras, pesando numa balança a quantidade de linha que cada uma levava. Se na volta, com as peças feitas, o peso não fosse o mesmo, ah, aí o galo cantava na casa de Noca! As filezeiras mais danadas discutiam e não deixavam por menos, pois ele também precisava do trabalho delas e não havia concorrência; as mais tímidas tremiam e chegavam até a chorar de raiva (CODÁ, 2015, p. 43-44).

Mas não é só do artesanato que vive o Pontal, seu potencial turístico abrange também agradáveis passeios lacustres como o passeio das nove ilhas, um dos mais conhecidos no local, realizado pelas águas da Lagoa Mundaú. Nos dias atuais, o Pontal conta com cerca de 120 lojas, em que o filé se apresenta como seu produto principal e mais 25 lojas de produtos artesanais diversificados, num total de 145 lojas de artesanato efetivamente abertas, mas com espaços disponíveis para a instalação de mais lojas.

Este número foi contabilizado pela pesquisadora na área que se localiza entre a igreja do bairro e a última loja de artesanato, próxima a um grande estacionamento onde costumam ficar os ônibus de turismo. O referido espaço comercial diz respeito à concentração de lojas do local e tem uma extensão de cerca de um quilômetro, numa rua estreita e de mão única, com calçadas irregulares e estreitas, em que também se encontravam situadas as lojas que serviram de locais de observação para a pesquisa, as quais são descritas na subseção a seguir.

6.2 CONHECENDO OS LOCAIS DE OBSERVAÇÃO

6.2.1 As lojas de artesanato

De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 125), “nos primeiros dias de observação participante, por exemplo, o investigador fica regra geral um pouco de fora, esperando que o observe e o aceitem. À medida que as relações se desenvolvem, vai participando mais” e isso realmente aconteceu. No que diz respeito aos locais de observação, a pesquisadora não encontrou dificuldades com as participantes proprietárias das lojas e seus familiares e, com o passar dos dias, foi se aproximando de outras pessoas que participaram da pesquisa. Conforme anteriormente mencionado, as lojas se encontravam separadas por um espaço de apenas seis metros (vide Fotografia 1) e se mostravam com características parecidas para atendimento aos clientes. Cabe lembrar que a loja de F1 funcionou como o ponto principal de observação, uma vez que as atenções se encontravam voltadas a este local de pesquisa e que a de sua sogra (F4), surgiu como uma oportunidade.

A loja de F1 se caracterizava por uma loja de 15m², menor que a loja de F4. A loja media 3,0m x 5,0m e tinha o teto com toras de madeira aparente, coberto por telhas de amianto. No seu interior, a artesã utilizava uma mesa central (em que arrumava principalmente pequenas toalhas e outras peças pequenas) e uma mesa pequena que ficava no canto de uma das paredes, na qual dispunha a máquina de débito para o pagamento dos clientes. Para a exposição dos demais produtos, ela possuía prateleiras abertas para colocar principalmente redes e toalhas de mesa, todas dobradas, e uma arara ao fundo da loja, com camisas em filé penduradas.

O lado direito da loja tinha um portão em madeira que dava acesso à sua casa através de um corredor e a frente da loja não estava pintada, possuindo paredes com aparência de reforma não finalizada, com um portão de madeira muito maltratado que abria para ambos os lados em direção ao interior da loja. Na frente da loja também havia outro portão no lado direito, que também dava acesso direto para a sua casa. Tanto as paredes da frente, como o portão, eram diariamente disfarçados com artesanato, sendo cobertos por toalhas penduradas com arame encoberto por uma borracha. Vários outros pedaços desse arame também eram utilizados para pendurar camisas e redes na frente e no interior da loja, além de blusas, toalhas, redes e outras peças em filé.

Também eram vendidos nessa loja vários outros produtos pequenos em renascença, bordado e outros tipos de artesanato. Como forma de atrair os turistas, além das toalhas, panos de prato e camisas que pendurava na frente da loja, a artesã sempre deixava uma de suas redes mais bonitas e pequenos produtos expostos e apoiados em pequenos bancos de tecido ou em grandes bandejas de palha em cima desses bancos. Para o ganho de alguns trocados a mais além do artesanato, seu marido costumava colocar uma caixa de isopor em cima de uma base em madeira na frente da loja para a venda de coco, conforme pode ser observado na Fotografia 2 abaixo.

Fotografia 2 – Loja de artesanato principal da observação participante



Fonte: Autora, 2016.

Semelhante a grande parte das artesãs do Pontal, a residência de F1 se localizava aos fundos de sua loja. Uma vez que se tratava de uma casa muito humilde, a artesã não se sentiu à vontade de mostrá-la à pesquisadora, conforme anteriormente mencionado, dando ensejo a uma situação que aproximou a pesquisadora de seus familiares.

A loja de F4 se localiza logo ao lado da pousada do bairro e ficava à distância de 6,0m da casa de F1, tendo apenas uma única loja entre ambos os locais de observação. Tratava-se de uma casa simples, com aparência de casa de interior, com telhas aparecendo no teto. A loja se localizava na entrada da casa, na primeira sala, medindo 5,0m x 4,0m. Logo após a loja, havia um espaço à esquerda do corredor da casa, que servia de estacionamento para o carro de um

dos filhos de F4, o qual permanecia sempre escondido por uma parede formada por toalhas penduradas que compunham os produtos expostos na loja.

A loja de F4 possuía 20m², tendo uma mesa central ao centro em que eram expostas algumas peças artesanais menores. A artesã expunha grande parte de seus produtos pendurados em todas as paredes com longas vigas, de um canto a outro da parede, com cerca de 2,0cm de diâmetro. Grande parte dos produtos expostos eram toalhas de fibra de coco, caminhos de mesa e camisas de filé. Assim como sua nora, a artesã também vendia algumas peças de renascença e outros tipos de artesanato além do filé.

Na parede do fundo da loja, ao lado direito, podia ser encontrada uma passagem com acesso à casa, sempre coberta por uma toalha, para dar privacidade à residência. Essa passagem dava para uma pequena sala na qual ficava uma televisão e um sofá, ingressando em um corredor. Seguindo, tinha-se outra sala com uma mesa de jantar, também do lado direito, e do lado esquerdo era o quarto do casal. Seguindo em frente, havia a cozinha, estando de frente para a geladeira uma outra porta que dava para o segundo quarto da casa, o único quarto com ar condicionado. Após a cozinha era encontrado um pequeno espaço em que ficavam a máquina de lavar, uma lavanderia, o banheiro da casa e logo depois o quintal, com uma bela vista para a lagoa Mundaú. Na casa, moravam o casal e o filho mais novo, com 43 anos.

Uma vez que o estacionamento dos ônibus de turismo se localizava ao final do percurso das lojas, vários deles costumavam parar próximo à praça da igreja, de modo a possibilitar a visitação ao longo de todo o percurso de concentração das lojas do bairro. A orientação de vários guias de turismo era para que os visitantes seguissem em frente, encontrando os turistas ao final, ou seja, no estacionamento de parada dos ônibus. Ambas as lojas se localizavam no espaço entre a praça da igreja e a pousada local, de modo que compunham as primeiras lojas a serem visitadas, conforme pode ser observado na localização dos locais de observação, mostrada na Figura 1.

No que diz respeito às perspectivas advindas com a fundação, a pesquisadora conseguiu entrevistar uma das fundadoras da Associação que, ao também comentar sobre o surgimento da organização, possibilitou a identificação do foco na logística comercial, uma necessidade objetiva auxiliadora das ações dirigidas quando da origem e que se encontra prejudicada nos dias atuais. Ela mencionou;

É. Porque precisava né? Pra poder divulgar lá fora era preciso ter uma... uma coisa certa né? Uma associação onde as pessoas pudessem... as pessoas pudessem se conectar né? Pudessem... queria saber de alguma coisa ou convidar tem que ter um lugar né? E ter um... uma coisa pra... pra eles saber onde encontrar a gente (Entrevistada F21).

De acordo com F21, a organização foi inicialmente uma cooperativa e tinha uma sede localizada próximo de onde hoje é a sede da Colônia dos Pescadores:

No tempo da minha mãe era cooperativa, não era associação. Só que alugaram uma sala pra... pra mulher e hoje a mulher tá dona de tudo, até a gente vai fazer um movimento pra tomar, porque foi a Unesco que deu dinheiro pra fazer aquela... a sede da cooperativa e como a cooperativa faliu, aí ela ficou morando lá. Morando não, era só na salinha da frente, aí tomou conta de tudo (Entrevistada F21).

A menção de F21 a respeito da “apropriação” do local por parte de uma moradora, acarretava consequências até o período da observação, uma vez que prejudicava a logística comercial da entidade. Sem previsão para a resolução do dilema, ele se caracterizava como um fato conhecido por participantes e ex-participantes da Associação, aspecto constatado durante as entrevistas em comentários de outras entrevistadas. Em decorrência da ausência de uma sede, a Associação, na época da pesquisa, realizava suas reuniões em dois pontos principais: na sede da Colônia dos Pescadores e na casa de uma das associadas, conforme se observa, respectivamente, nas Fotografias 3 e 4 a seguir.

Fotografia 3 – Sede da Colônia de Pescadores (um dos locais de reunião da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra)



Fonte: Autora, 2016.

Fotografia 4 – Residência de filezeira associada – Espaço utilizado para reuniões da Associação. Filezeiras organizando material para ser enviado para uma feira



Fonte: Autora, 2016.

Apesar da ausência de uma sede, a Associação dos Artesãos do Pontal da Barra teve seu atual Estatuto registrado, em 17 de novembro de 2009, no cartório do 2º Registro de Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas de Maceió-AL (ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DO PONTAL DA BARRA, 2009). Durante o período em que a pesquisadora participou das reuniões, a organização contava com 36 associadas pagantes, homens e mulheres (mantendo-se no texto, entretanto, a referência ao gênero feminino, conforme mencionado na INTRODUÇÃO). Este número apresentava um grande contraste com a quantidade de associadas não pagantes, as quais chegam a mais de 400 associadas. Constitui-se, entretanto, de um fato relevante ao estudo proposto o qual será analisado no decorrer da leitura visto que, por hora, limita-se a situar o leitor acerca do contexto da organização estudada.

Destaque-se, inclusive, o fato de que esta Associação de Artesãos não se caracterizava por ser a única organização presente no bairro. O período de observação permitiu à pesquisadora tomar conhecimento sobre a existência de várias outras organizações presentes no Pontal da Barra, como Cooperativas e Organizações Não Governamentais (ONGs). A informação quanto a uma lista, no entanto, não foi obtida devido à dificuldade da informação pois nem mesmo os moradores tinham conhecimentos detalhados a respeito.

Dessa forma, quanto à apresentação dos locais disponíveis à realização de observações, convém expor que quando do início dos trabalhos de campo, a pesquisadora tinha apenas conhecimentos superficiais sobre a atividade artesanal objeto do estudo, sem saber identificar uma peça de filé bem trabalhada e até mesmo confundindo com outros tipos de artesanato. Em decorrência disso, percebeu ser essencial o conhecimento sobre o trabalho artesanal desenvolvido pelas artesãs do Pontal para a realização e desenvolvimento da pesquisa, necessidade que entende também ser fundamental ao leitor. Portanto, a seguir, far-se-á a apresentação dos principais aspectos relacionados ao processo da feitura do artesanato bordado filé, cujo intuito é o de possibilitar uma melhor assimilação sobre as ações que permeiam as práticas das artesãs que se dedicam a esse artesanato.

6.3 CONHECENDO O ARTESANATO BORDADO FILÉ

O bordado filé tem procedência vinculada a áreas da península ibérica, sendo encontrado nos últimos séculos em territórios de Portugal e da Itália e, posteriormente no Brasil, durante o período colonial, foi incluído em atividades educacionais para as mulheres da época (INBORDAL, [2015?]). Seus registros históricos não conseguem identificar, com precisão, quando ele surgiu no Pontal da Barra, sendo conhecido, entretanto, que os primórdios da atividade no local se deu em paralelo ao trabalho masculino na zona de pesca (LAGES et al., 1979).

Considerando que o filé, nome originário do francês “filet”, trata-se de um trabalho feito com uma agulha sobre um suporte pré-existente, ele se encontra internacionalmente catalogado como um Bordado (INBORDAL, [2015?]). A respeito dos primórdios desta atividade artesanal:

Geralmente as peças trabalhadas eram em branco e bege. Não se via filé colorido, como hoje, e se limitava a colchas, toalhas e paninhos de mesa. Uma ou duas

filezeiras mais ousadas faziam, esporadicamente, uma ou duas camisetas de homem. E, quanto às suas origens, dizem que tudo começou a partir de redes de pescaria (CODÁ, 2015, p. 44).

A pesquisa empírica revelou que, em tempos pretéritos, o filé seguia desenhos padronizados, ou seja, era feito com riscos, prática abandonada com o passar do tempo. Hoje, o processo de feitura de uma peça de filé é completamente artesanal e livre de padrões de desenhos estabelecidos. A atividade se compõe por duas etapas a serem realizadas pela filezeira.

Considerando algumas descobertas interessantes sobre as práticas adotadas referentes a este processo, observa-se a necessidade de melhor defini-lo para um melhor entendimento sobre as observações realizadas no decorrer do trabalho. Com esse propósito, o passo a passo de seu processo de produção é apresentado na Figura 2 abaixo.

Figura 2 – Processo de produção da rede de bordado Filé



Fonte: Caderno de Instruções do Filé (INBORDAL, [2015?]).

As dimensões da malha do bordado Filé em Alagoas são variadas, geralmente tendo os espaçamentos de 0,8mm, 1,0 cm e 1,5 cm (INBORDAL, [2015?]). Estando pronta a malha, a artesã prossegue para a segunda etapa do processo de preparo de sua peça. Para isso, utiliza-se de um tear (cujo tamanho varia de acordo com a vontade da filezeira), a agulha de bordar, a linha, uma tesoura e uma fita métrica.

Dessa forma, estando com todos os materiais necessários ao preenchimento da malha, o processo de produção do bordado, pelo preenchimento da rede previamente preparada, segue conforme demonstrado na Figura 3.

Figura 3 – Processo de produção do bordado Filé



Fonte: Caderno de Instruções do Filé (INBORDAL, [2015?]).

Segundo Dantas (2012), a rede tem seu preenchimento feito pela memória, sendo os pontos mais conhecidos: bom-gosto, tecido, jasmim, olho-de-pombo, três marias, barafunda, rosa, besouro, palhinha, girassol, quadrado cheio, quadrado aberto e aranha.

A goma caseira é utilizada quando a peça já está finalizada e atualmente não costuma ser aplicada no vestuário, mas é continuamente usada em peças de cama, mesa e banho, como uma forma de dar uma melhor aparência e firmeza nas peças. A observação permitiu descobrir que essa goma tem sido substituída pelo verniz a base de água, mas tal prática ainda é de conhecimento da minoria das filezeiras.

Após sua aplicação, a peça precisa secar ao ar livre e à sombra. Algumas filezeiras possuem em seu quintal armações em madeira denominadas girau, as quais são utilizadas para a secagem das peças, conforme se observa na Fotografia 4. Após a secagem, resta apenas retirar a peça da grade e aparar cuidadosamente com a tesoura.

Fotografia 5 – Peças de filé sobre o girau, secando no quintal de uma loja



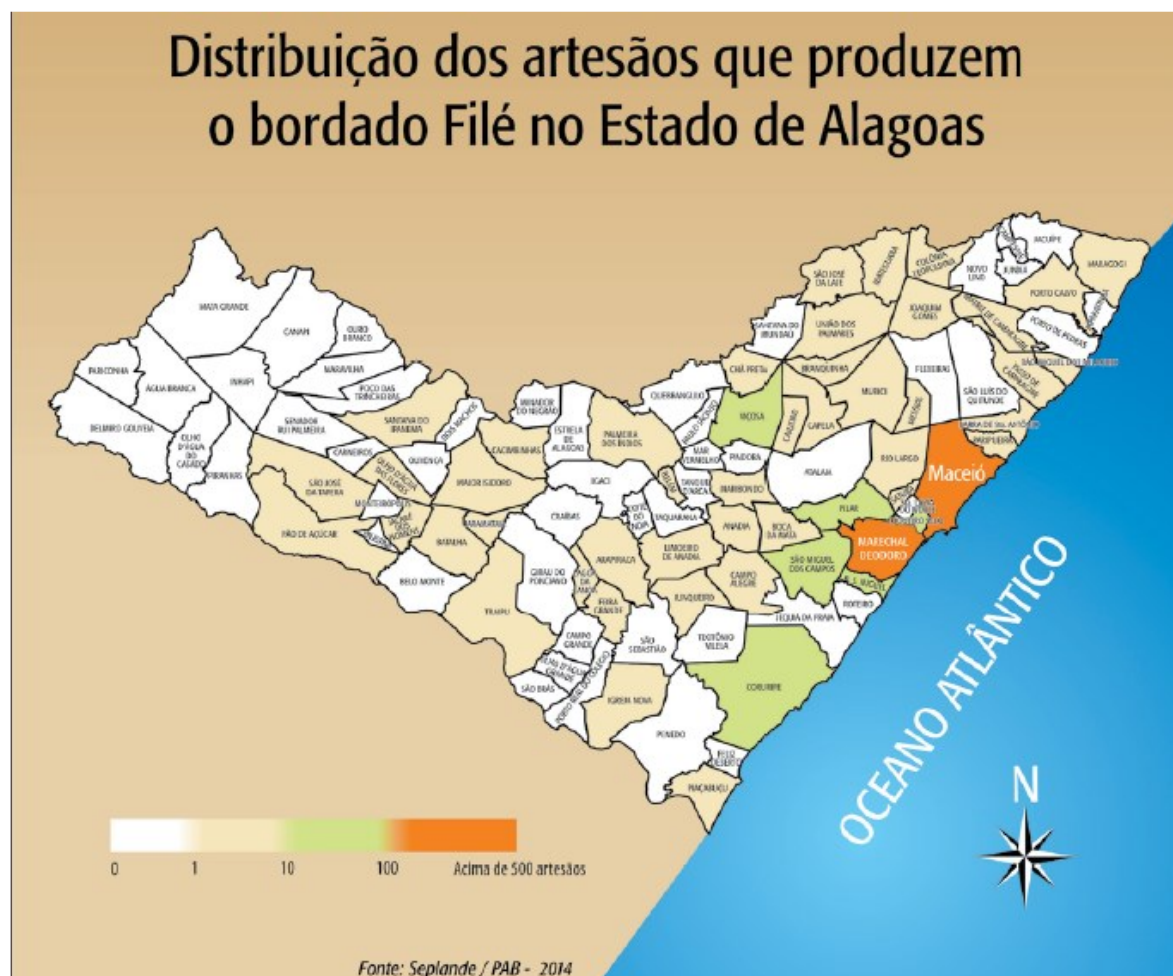
Fonte: Autora, 2016.

Um aspecto importante sobre o filé de Alagoas diz respeito ao seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado. Nesse sentido, o Governo do Estado de Alagoas instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural Alagoano (ALAGOAS, 2011), tendo o bordado filé sido registrado como patrimônio cultural imaterial do estado em 2014 (SEBRAE, 2014).

Tal reconhecimento foi materializado em agosto de 2016, através do recebimento do selo de certificação de Indicação Geográfica (IG), concedido pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), significando que a produção do Estado de Alagoas tem qualidade diferencial na atividade do bordado filé, passando a ser o estado especializado nesse tipo de produção (ALAGOAS, 2016b).

Apesar do certificado ter sido entregue ao Instituto Bordado Filé das Lagoas Mundaú-Manguaba (Inbordal), cujas artesãs filiadas passaram a contar com o registro comercial em suas peças (MACEIÓ, 2016), o selo poderá ser adquirido por qualquer artesã residente na região lagunar Mundaú-Manguaba, desde que siga os padrões estabelecidos para a concessão (ALAGOAS, 2016b). A relevância dessa atividade artesanal no estado pode ser observada na Figura 4 abaixo.

Figura 4 – Distribuição dos artesãos que produzem o bordado Filé no Estado de Alagoas



Fonte: Caderno de Instruções do Filé (INBORDAL, [2015?]).⁴

Conforme pode ser notado, o artesanato bordado filé se encontra intrinsecamente vinculado ao Pontal da Barra e, mais especificamente, às práticas cotidianas das artesãs do bairro. A forma como se processa a relação do artesanato com as práticas cotidianas locais, analisada por meio do estudo empírico realizado, passa a ser descrita nas seções a seguir.

⁴ A fonte original da figura acima referenciada é da Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento Econômico de Alagoas, 2014, entretanto, por impossibilidade de obtenção da fonte original, foi utilizada a figura da fonte secundária, a qual foi referenciada.

7 O COTIDIANO BUCÓLICO EM SEU DINAMISMO REGIDO PELA SOBREVIVÊNCIA

O Pontal da Barra mostrou ser uma cidade do interior dentro da capital do Estado de Alagoas. Esta afirmação foi mencionada pela pesquisadora, na oportunidade de uma conversa informal com o marido de F4, o qual confirmou a observação e complementou dizendo: “o Pontal só não tem correio e lotérica, e o banco é um caixa eletrônico 24 horas, mas de resto, todo o necessário eu encontro por aqui”.

Percebia-se o prazer dos habitantes locais em morar no bairro, tendo em vista a convivência de uma vida bucólica. Durante as observações foi possível evidenciar também como o comércio local de filé se caracterizava como algo significativo para os moradores como pode ser exemplificado no comentário de F4 ao mencionar: “sem essas rendas, o Pontal seria um vazio”. A interação entre os habitantes locais desde o início da observação de campo se mostrou bastante perceptível.

No segundo dia de observação, foi oportunizado à pesquisadora participar de um evento do bairro. Era 29 de junho de 2017, dia de São Pedro e haveria uma missa e uma procissão em homenagem ao santo, que é considerado o padroeiro dos pescadores, comunidade composta também pelos habitantes locais.

A missa não foi realizada na igreja local, mas na sede da Colônia dos Pescadores. Ao término da missa, as pessoas saíram em procissão pelo bairro, indo do local da celebração até a praça da igreja, com um pequeno grupo na frente carregando uma charola e seguido pelos demais, sempre cantando músicas religiosas, como pode ser observado nas Fotografias 6 e 7. Depois de retornar ao local da celebração da missa, a maioria dos participantes continuou a celebração em barcos que seguiram num trajeto pela lagoa Mundaú até uma outra igreja num bairro vizinho ao Pontal da Barra para, posteriormente, retornarem ao Pontal.

Fotografia 6 – Procissão de São Pedro com os habitantes locais e a igreja do bairro ao fundo



Fonte: Autora, 2016.

Fotografia 7 – Participante da procissão soltando fogos de artifício e a charola com a imagem de São Pedro sendo carregada durante a procissão



Fonte: Autora, 2016.

Manifestações culturais assim como essa são mencionadas por Codá (2015) em seu livro “Pontal da Barra Nossa Terra e Nossa Gente”, trazendo memórias da década de 1950: “quando acabávamos o quarto almoço, ouviram-se os foguetes lá na praça da Igreja, avisando da saída da procissão” (CODÁ, 2015, p. 32). Nesse cenário, remete-se ao que Weick, Sutcliffe e Obstfeld (2005) mencionam a respeito da conservação da história. De acordo com esses autores, a preservação da história destaca o aspecto de que existe um relacionamento com experiências passadas, além da vinculação com identidades significativas, possibilitando uma fonte de orientação a novas ações e interpretação. A comprovação a respeito da conservação de práticas relacionadas à cultura, presentes na comunidade do Pontal, portanto, apresenta-se como fator relevante ao entendimento sobre a própria comunidade, sua identidade e sua dinâmica.

Na medida em que se tratava de um evento local causou estranhamento à pesquisadora o pequeno quantitativo de participantes, o que a fez procurar informações históricas sobre o fato. Na sequência, de acordo com os habitantes, foi descoberto que antes o comércio local não abria e muita gente se envolvia na comemoração, mas posteriormente todas as lojas passaram a permanecer abertas e pouca gente podia participar. Nessa acepção, destaque-se que a prática cultural realizada, ocorria dentro do contexto de um bairro comercial. Diante disso, considerando-se a vinculação entre entidade ou evento ao contexto, assim como, a vinculação da identidade e natureza do contexto ao evento (SCHATZKI, 2005), não há como negar que o evento se encontrava ligado ao contexto comercial existente no bairro, sofrendo todas essas interferências.

Apesar da manutenção de costumes culturais locais, existia uma interferência advinda da prática da comercialização, incidindo em outras práticas dos habitantes e atingindo eventos ocorridos no Pontal. Além do pouco quantitativo de pessoas participantes na procissão, o comércio se manteve dinâmico durante todo o dia, haja vista ser feriado municipal. Através da observação, foi igualmente percebido que a maioria das lojas ignoravam os dias de feriado, mantendo-se abertas de domingo a domingo durante o período diurno e algumas até no horário das 19:00.

Assim sendo, pode-se afirmar que ocorreu uma priorização do comércio em detrimento das tradições locais, apesar destas ainda se manterem presentes no cotidiano dos moradores. Assim como no estudo de Popelka e Littrell (1991), no qual foram observadas modificações e adaptações por parte dos artesãos pesquisados para o atendimento do mercado de consumo,

também se constatou a ocorrência de influências desse mercado no comércio do Pontal. Destaca-se, portanto, uma dinâmica na qual as práticas de comercialização do Filé envolvem mudanças nas práticas relacionadas às crenças religiosas dos habitantes, sendo considerado hoje mais importante à filezeira permanecer em sua loja, aguardando o turista, ao invés de participar de cultos religiosos e, possivelmente, perder oportunidades de venda.

A necessidade de vender o Filé é legitimada, pois essa venda é concebida na rede de ação do artesão como a maneira da filezeira batalhar por sua sobrevivência. Observou-se a grande valorização da busca pelo que as filezeiras chamavam de “sempre vender bem”, ou seja, em um volume que gere os recursos necessários para a sobrevivência. Isso surgiu com frequência durante as observações como algo essencial a uma filezeira do Pontal da Barra, quer ela fosse dona de loja, ou não. Nessa medida, as queixas pela diminuição do quantitativo das vendas que se articula com críticas ao perfil atual dos turistas do Pontal, refletiam a insatisfação das lojistas, como pôde ser evidenciado quando F4 comentou que os turistas de cerca de 10 anos atrás “paravam para conversar e bater-papo e hoje não têm tempo nem de dar um copo d’água” (Diário de campo). Os dados do diário de campo indicam que essa era uma reclamação geral das lojistas locais.

Durante a observação, ficou claro que a referida lamúria decorria do fato de que grande parte dos turistas do Pontal da Barra advinha de empresas de turismo que transportavam os turistas ao bairro. Os guias geralmente concediam aos turistas, de 40 a 50 minutos para a visita, o que os limitava em suas ações para conhecer o artesanato e interagir com os habitantes locais, considerando a diversidade de lojas e produtos existentes no bairro. Esse público era tão focado por algumas donas de loja que várias delas só abriam no período da tarde, cerca de uma hora antes dos ônibus chegarem, o que ocorria geralmente a partir das 15:00.

A referida prática de várias filezeiras a respeito da abertura de sua loja apenas no período vespertino, assim como a percepção de que o comércio do bairro alcançava um maior movimento neste mesmo período, vincula-se ao raciocínio quanto à obtenção do *habitus* pelas pessoas a partir de uma aprendizagem das práticas, ocorrida num dado campo em que existem preponderantes condições sócio-econômicas locais (SCHATZKI, 2005). Nessa mesma linha de raciocínio, Certeau (1998) menciona que “essa ‘gênese’ implica uma interiorização das estruturas (pela aquisição) e uma exteriorização do adquirido (ou *habitus*) em práticas” (CERTEAU, 1998, p. 126).

Inicialmente, tem-se em conta a percepção a respeito de uma concentração de clientes apenas no período vespertino com uma situação favorável às vendas nesse período. Na sequência, várias artesãs tal como a proprietária da loja principal onde se deu a observação participante, respondiam ao contexto encontrado por meio da prática de centralização de suas atividades comerciais locais durante o período do dia mais favorável aos seus interesses. Considerando, entretanto, eventual modificação do horário de chegada dos ônibus, há de se cogitar também uma possível modificação das atividades das filezeiras respondendo à nova situação apresentada, alterando as práticas de acordo com a mudança de estrutura encontrada ao alcance de seus objetivos de venda.

Nessa situação, evidencia-se o raciocínio de Czarniawska (2004), quanto à necessidade de estudo das cadeias de eventos para a compreensão da prática do *organizing*, compreendendo-se suas relações com outros eventos. As atividades comerciais das artesãs, portanto, articulavam-se com as práticas adotadas pelos guias, ao tempo em que estes impunham limites aos turistas, num conjunto de atividades que direcionava a uma dinâmica própria do *organizing* que envolve o artesanato do Pontal.

O período de observação, portanto, evidenciou que os turistas dos ônibus se apresentavam como um público indispensável à dinâmica do artesanato local. Isso se dava na medida em que o Pontal se caracterizava por um bairro relativamente distante dos hotéis da cidade, dispondo apenas de uma pousada muito simples no local. Mesmo diante do pouco tempo que lhes era disponibilizado para a visitação do lugar, a chegada dos turistas advindos dos ônibus modificava a dinâmica encontrada uma vez que grupos desembarcavam sequencialmente dos ônibus a cada cinco minutos. Considerando que em algumas oportunidades o Pontal recebia cerca de oito ônibus de turismo, ou mais, numa única tarde, a vinda desse público atribuía uma verdadeira “transformação” no bairro, destacando sua importância tanto na movimentação, quanto nas práticas adotadas em decorrência desse contexto.

Considerando a forte influência do turismo no bairro, constatou-se a existência de dificuldades com o potencial de afetar negativamente o turismo local, inserindo-se de diferentes maneiras na rede de ação das filezeiras. Nesta feira, observou-se a influência do turismo nas práticas do trabalho das artesãs, tanto as artesãs lojistas, como as exclusivamente artesãs. No que diz respeito às lojistas, o relato de F5 apresenta a seguinte exemplificação:

É... eu acho que o que influencia a gente é a gente saber que naquele dia é... uma começa a passar pra outra, “oh, hoje vai dar tantos ônibus”, “hoje tem muito turista”, então isso sai uma passando pra outra e aí fica todo mundo: “não, vamos abrir a

loja!”, “Vamo limpar”, “vamos arrumar”, né? Então isso já tá...influencia bastante a gente saber. Mas também quando diz assim: “oh hoje não tem ônibus nenhum”, a gente já vem pra loja cabisbaixo, triste, porque a gente já sabe que não tem turista, também influencia a gente a não vim trabalhar. Né? (Entrevistada F5)

Aqui se observa que a presença dos ônibus de turistas no bairro funcionava como uma motivação para a filezeira. Através deles, as vendas eram realizadas e assim a renda para a sobrevivência era obtida. Essa necessidade de obtenção de renda também se encontrava diretamente relacionada à sobrevivência das artesãs não lojistas, como pode ser observado no relato de F3 pela seguinte resposta:

[...] meu Deus do céu, tenho que trabalhar, já pensando no outro mês, porque o dinheiro que fica já é pra pagar... já paguei esse mês, paro mês já vou ter com o que pagar. [...] Num é? Num acha não? E se você ficar parada é pior e é bom você ficar com a sua mente vazia, sem você ter o que pensar, pensar besteira... não, você tá ali. Filé mexe com o quê? Mexe com a mente, mexe com equilíbrio, mexe com muita coisa, né? Com o prazer do que você tá fazendo, você quer caprichar, [...] Se você não capricha, você também não vende. Adianta você fazer uma coisa que até você acha feio? (Entrevistada F3).

Os discursos acima revelam diferentes motivações que se apresentaram convergentes à determinação para realização do trabalho artesanal. A diversidade de motivações, desse modo, decorre da necessidade da venda, inspirando-lhes ao alcance de objetivos. Isso revela a produção de sentido (*sensemaking*) existente no artesanato filé de que ele é um meio para a sobrevivência.

Assim se entende, tendo em conta as observações de Weick, Sutcliffe e Obstfeld (2005), que ao analisar aspectos relacionados à produção de sentido, as situações tendem a ser vistas como plausíveis aos sujeitos na medida em que elas oferecem aspectos como projetos em curso e um futuro potencialmente promissor, tal como ocorre com as influências advindas dos turistas no Pontal. A importância cultural dessa produção de sentido para a região faz parte das artesãs e está incorporada nelas e em suas práticas, ela se manifesta em torno do sentido de sobreviver e dos diferentes significados atribuídos a aspectos que envolvem esse sobreviver por meio de algo que faz parte delas, no caso, o artesanato bordado filé das artesãs.

As influências advindas dos turistas acarretavam a mudança tanto na maneira de se dirigir diariamente à sua loja para vender o seu filé, como para realizar seu bordado, “caprichando” no trabalho de modo a lhe possibilitar a satisfação imediata de um potencial comprador, revelando conexões indissociáveis. Tendo em vista o aspecto de que o processo de organizar (*organizing*) tem a prática social como seu elemento matriz de análise, ao tempo em que são as práticas sociais mundanas que constituem as organizações (BISPO, 2014), o turista e a obtenção de renda são elementos que se destacam nesse contexto.

Isso se percebe ao tempo em que “[...] se as histórias plausíveis mantêm as coisas em movimento, elas são saudáveis” (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005, p. 415, tradução nossa), ou seja, a dinâmica que se apresenta graças à relação formada entre turista e obtenção de renda remete a situações plausíveis no atendimento das necessidades das artesãs do Pontal da Barra, movimentando tanto suas ações, quanto suas percepções e direcionando suas práticas em conformidade com as conveniências que se apresentam para a continuidade dessa dinâmica.

Tendo em vista as práticas decorrentes das relações apresentadas, durante a observação também se constatou problemas na infraestrutura local que apresentavam potencial de afetar negativamente o turismo e que se inseriam de maneiras diferentes na produção de sentido das filezeiras do bairro. Apesar de oferecerem um cenário desfavorável aos turistas, os referidos problemas, que também se caracterizavam como dificuldades locais, oportunizavam às filezeiras práticas interativas com seus clientes. Tais práticas alcançavam o artesanato, como pode ser observado no relato abaixo quando a filezeira comenta sobre a falta de um banheiro disponível às pessoas que visitavam o bairro:

[...] a gente... a gente precisa ter muita ajuda do governo incentivar, né? Então ajuda os artesões a melhorar, a melhoria do... do bairro, que não tem, colocar um banheiro na praça que não tem, né? [...] “Eu posso usar seu banheiro?” “Pode”. Assim, graças a Deus, porque aqui a gente pede um banheiro e ninguém dá. De fato, né? Pouca gente... oferece um banheiro. Né? Pouca gente, né, deixa assim. Mas minha gente, a gente tem que quando não tá, não vem pra comprar a gente? A gente não gosta quem compra a gente, né, pra ajudar a gente?... Porque que a gente não vai ajudar uma pessoa que tá ali. Precisando, porque eu viajo muito e sei quanto eu soffro, né? (Entrevistada F13).

Nesses casos, as situações mais rotineiras aos turistas era pagar o valor de dois reais pela utilização de um banheiro localizado na pousada do bairro, ou pedir a um lojista para usar seu banheiro particular, visto que no espaço de concentração de lojas haviam apenas algumas poucas lanchonetes e os restaurantes, apesar de próximos, localizavam-se fora deste espaço. Também relacionada à situação da infraestrutura local, até a entrada do bairro era considerada discreta, questão mencionada por F2 em sua entrevista:

Precisamos ter uma entrada deslumbrante. Não é aquela entrada, é uma entrada deslumbrante mesmo pra Han!!!! [mostrando admiração] Pra quem passar nela: “Poxa! Que é isso? Que lugar é esse gente?”. Eu acho que precisa isso aqui. Do jeito: “Isso é o que? Isso é um bairro? É o que? Uma cidade?” É pra chamar a atenção mesmo! Não é criar aquilo dali não (Entrevistada F2).

Dando a entender que achava a entrada do bairro muito modesta (a qual pode ser conhecida pela Fotografia 8) e que implicava na atração do turista ao local acarretando consequências na

incidência das vendas do artesanato, tanto a entrevistada como outras artesãs demonstraram um considerável incômodo durante o período das observações no que diz respeito à carência de infraestrutura relacionada ao turismo.

Fotografia 8 – Entrada do bairro do Pontal da Barra



Fonte: Autora, 2016.

Essa carência também se apresentava na irregularidade das calçadas no percurso de concentração do turismo. Em outros locais da rua principal que dava acesso aos restaurantes, elas eram, em alguns casos, até inexistentes. No que se relaciona às ações das filezeiras, essa irregularidade se apresentava como decorrente da elaboração de calçadas em conformidade com a percepção de cada artesã quanto ao seu querer individual de como deveria se apresentar a frente de sua loja, acarretando divergências entre elas devido à ausência de padronização. Isso tanto prejudicava a questão da acessibilidade, como o próprio deslocamento dos visitantes, causando alguns acidentes como a queda de um turista idoso, ocorrida durante o período de observação participante (Diário de campo), fato que chamou a responsabilidade da artesã pela elaboração de uma via potencialmente fora dos padrões de segurança.

Complementando o rol de dificuldades relacionadas ao turismo no Pontal da Barra, existia a ausência de um local apropriado e disponível para o desembarque dos turistas, que se localizasse no início da rua principal das lojas. Isso se caracterizava como sendo uma reivindicação primordial e cotidianamente reiterada por muitos lojistas no Pontal. Tal

ausência se mostrou bastante relevante nas duas lojas observadas, na medida em que os turistas, ao desembarcarem após as lojas, ou na pousada, ou no estacionamento ao final do trajeto interno, dificilmente retornavam para conhecer os demais estabelecimentos comerciais. Essa dificuldade de visitação do turista resultante do local de desembarque, caracterizava-se como uma consequência do curto espaço de tempo oferecido à visitação resultando, assim, na perda de oportunidade de vendas para as donas dos estabelecimentos, além de se constituir em motivação para a geração de conflitos.

Os referidos conflitos se mostraram evidentes na medida em que foram motivos para a articulação de uma reunião entre um grupo de filezeiras, sem o conhecimento da presidente da Associação. Essa reunião organizada com uma empresária do ramo de turismo, teve como uma das pautas principais o ponto de parada dos ônibus de turismo, como pode ser observado pelas anotações do diário de campo:

Tratava-se de uma reunião com a dona da empresa de turismo [...] a que mais envia ônibus para o Pontal e que faz com que os turistas iniciem o trajeto parando no início das lojas. Encontravam-se presentes alguns lojistas da parte mais próxima ao estacionamento dos ônibus e algumas meninas da Associação dos artesãos [...] (Diário de campo).

O evento ocorrido foi relatado pela presidente da Associação e não teve a participação da pesquisadora. Ele resultou numa ordem verbal da empresária para a divisão dos ônibus no local de parada, ou seja, metade dos ônibus de turismo do dia continuaria a parar no início da rua principal e a outra metade, ao final, no estacionamento dos ônibus. Ocorre que, em decorrência de tal ordem, a maioria dos ônibus que advinham ao local passaram a desembarcar os turistas no final do trecho, atraindo sentimento de injustiça, além de também gerar inconformidade entre as artesãs que possuíam loja no ponto inicial e que tomaram conhecimento do ocorrido, dentre elas, as artesãs proprietárias das lojas onde se realizava a observação.

As referidas práticas, ao mesmo tempo em que buscaram o alcance de interesses das artesãs por meio do contato direto com a empresária da empresa de turismo, desenvolvia-se num cenário que se articulava no ambiente de consumo que envolvia o artesanato do bairro. Tal aspecto marcava a presença de relações de poder existentes entre as artesãs e empresários do turismo. Nesse sentido, observe-se as palavras de Certeau (1998) ao mencionar que “[...] a cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte” (CERTEAU, 1998, p. 45).

Nessa perspectiva, ao tempo em que as artesãs locais se encontravam numa relação de poder com empresários que as vinculavam a um grande público consumidor, elas buscavam uma situação de aparente estabilidade ao alcance desse público. Essa busca, entretanto, encontrava-se baseada numa produção de sentido vinculada à sobrevivência que além de dar sentido às suas práticas, também compunha o rol de motivos que movimentavam conflitos entre elas. No contexto dessas relações que se processavam ao redor do mercado de consumo de massa relacionado ao artesanato do Pontal da Barra, observou-se que o próprio artesanato procurou se moldar a esse mercado de consumo competido entre as filezeiras locais.

Isso se percebeu tendo em vista que dentro desse processo organizativo ocorreram, ao longo do tempo, mudanças no artesanato. Por meio dos relatos e das conversas informais, os dados revelaram que as mudanças ocorreram, principalmente: no tamanho da malha; no surgimento de novos tipos de peças, cores e artefatos, como fitas; na criação de pontos e no tipo de linha utilizada. Quando essas mudanças são mencionadas pelas artesãs, elas sempre surgem associadas àquela produção de sentido em torno da sobrevivência. Em conjunto com elas sempre surgem elementos dos meios para a sobrevivência, como o cliente, assim como se observa nas palavras de F9:

Vê só como é interessante! A tradição aqui acho que é mais de 100 anos, né? Eu não sei contar bem a história do filé, [...] mas assim, vou falar do meu tempo, quando eu cheguei aqui você só encontrava caminhos de mesa branco e bege, blusas branca, bege e preta, e vice e versa, assim... cama e mesa, é colcha, essas coisas. Você pode ver que agora têm variedades de cores, a gente não usa só a mesma, tipo de linha, já existe fita, vai renovando assim é tudo de bom pra mim. Eu vou buscando o que o cliente tá pedindo (Entrevistada F9).

Ainda fazendo parte das relações comerciais vinculadas ao artesanato do bairro, a pesquisa também revelou que as artesãs identificavam alguns pontos indicados como obstáculos, os quais se mostravam diretamente relacionados ao comércio do bairro. Os três mais mencionados e que também se apresentaram como relevantes na pesquisa: concorrentes externos, o alto custo da matéria prima e a dificuldade nas vendas. Tais obstáculos se conectavam, tendo em vista pontos que os relacionavam, demonstrando a existência de uma rede de relações no contexto estudado.

Encontram-se inseridos na classificação dos concorrentes externos os produtos advindos de outros estados, principalmente Ceará, e os locais de venda localizados em pontos estratégicos dentro e fora da cidade de Maceió, possibilitando ao turista o acesso ao bordado Filé fora do Pontal da Barra. Destes, o primeiro foi mencionado como o mais significativo, considerando a insatisfação de muitas artesãs com a situação:

Olhe, eu acho assim sabe, que o filé, aqui no Pontal não podia vender filé de outro lugar assim, que não fosse de Alagoas, porque vem filé... do Ceará é diferente, [...]. E aí eles vende, fazem de cordão, é um filé, assim, eu diria de segunda classe. Aí eu acho que esse filé não poderia ser vendido aqui (Entrevistada F21).

O objetivo da aquisição desse “filé de segunda classe” (feito com linha de cordão e não de algodão), além de outros produtos artesanais, visava a possibilidade de opções de oferta a um preço mais baixo, o que se relaciona à necessidade de obtenção de renda das artesãs.

O segundo obstáculo, referente ao alto custo da matéria-prima utilizada para o bordado, no caso, a linha, repercutia diretamente no preço final do produto. Isso ocorria na medida em que a filezeira, comprando linha num valor relativamente alto, era forçada a procurar reaver o custo da peça no preço final do produto. Ademais, uma vez que o valor referente a seu trabalho não podia ser ignorado no preço oferecido ao consumidor, a soma resultava numa aparente oneração ao produto final e, assim, prejudicava a venda. Referido obstáculo, também se relacionava à necessidade de obtenção de renda, ao tempo em que tolhia o alcance desse intuito, impondo uma dificuldade de venda, sentida pela filezeira.

O terceiro obstáculo aqui destacado, a dificuldade nas vendas, além de abranger os dois últimos, também se encontrava diretamente relacionado à necessidade de obtenção de renda a qual, por sua vez, conectava-se com sua necessidade de sobrevivência, compondo a rede de relações existente num contexto que continuamente se construía.

Ainda no rol dos obstáculos ao artesanato bordado filé do Pontal, um fator reiteradamente mencionado nas entrevistas e em comentários quando da observação, dizia respeito à carência de união entre os moradores do bairro no que se refere às ações coletivas em prol da comunidade. Este aspecto foi identificado como um obstáculo em potencial pela pesquisadora, visto ter se mostrado bastante presente no decorrer da observação, conforme se percebe pelo discurso de F1, ao relatar:

Mulhé... no Pontal da Barra tá um pouco complicado. Vou dizê a você o porquê. Porque... é... o pessoal é assim você concorda com uma coisa, eu já concordo com outra, entendeu? Aí já começa a desunião. Se você faz uma coisa aí o outro já vai criticá o que você faz...sempre existe isso né? Agora... o quando a gente chama pra fazê um projeto junto, sempre tem um, a maioria, sempre... discorda. O que é bom pra o bairro? Aí beneficia metade e a outra metade fica sendo... sem ter benefício entendeu? Aí começa por aí (Entrevistada F1).

O relato exemplifica a situação percebida tanto no cotidiano da comunidade, como nas reuniões da Associação dos Artesãos do bairro, caracterizando-se num perfil que se constitui como uma característica marcante às artesãs locais. Como consequência, dificultava-se o alcance de interesses em comum por meio de ações coletivas. Considerando o desejo

primordial no que diz respeito à obtenção de renda. Em certa ocasião, quando da visita em uma loja, a pesquisadora ouviu o seguinte comentário advindo da proprietária da loja “o povo não usa cabeça aqui não, só usa o bolso” (Diário de campo).

Nessa acepção, releva-se uma falta de colaboração entre os moradores, na medida em que os interesses particulares se sobrepunham aos da coletividade, provocando conflitos diante da heterogeneidade existente na comunidade local. Tal aspecto dificultava a interação entre os sujeitos, fator valorado tanto na abordagem *certeauniana* como pelo *organizing*, para uma consequente produção do conhecimento. Não está aqui se afirmando a ausência de interação entre os habitantes, até porque ela se apresentava bastante dinâmica no cotidiano dos moradores, principalmente, no que diz respeito à solidariedade. Entretanto, observou-se que ela se dava de uma forma superficial no que se refere a ações organizacionais que visassem interesses em comum, incorrendo, numa carência de cooperação no que seja pertinente ao desenvolvimento do bairro e, por consequência, também do comércio local.

A observação permitiu a informação de que essa ausência de interação resultou em consequências no comércio, caracterizando uma falta de cooperação entre as filezeiras locais no que diz respeito a esse seguimento. Segundo os relatos, algumas delas começaram a incluir pilares do lado externo das portas para a proteção contra o sol e exposição dos produtos, entretanto, estes pilares, somados às mercadorias, formavam verdadeiras “paredes” externas entre as lojas, impedindo totalmente a passagem de pedestres nas calçadas. Tal prática acarretou a interferência da Superintendência Municipal de Controle do Convívio Urbano (SMCCU) para a regularização da situação, por meio da adoção de medidas como o possível recolhimento de mercadorias, diante de eventual desobediência. Segundo os relatos, essa interferência da Prefeitura foi indispensável à melhoria da aparência do bairro e do fluxo de pedestres no local.

Tendo sido observados aspectos incidentes nas práticas das filezeiras relacionados ao comércio e artesanato local, volta-se a atenção às mudanças ocorridas na aparência do ambiente comercial, visto que elas não se limitaram apenas ao artesanato. Uma das mudanças mais significantes no ambiente do bairro se observou diante da nostalgia existente entre as artesãs, relativa à época em que ficavam em suas portas bordando filé:

Ah, o pessoal acha muito bonito, né? Acham um trabalho muito bonito, gostam de ver a gente trabalhar, têm pessoas que vê as portas fechadas vem querendo ver alguém trabalhar pra filmar, pra tirar foto, pra fazer pergunta. Minha filha, quando eu morava naquela rua principal eu tava trabalhando na porta na minha calçada, a calçada é alta, ainda hoje é, e eu trabalhando fazendo o filé trabalhando, elas vinham

e dizia: “termina ainda hoje?” Eu dizia: termino já! “Eu vou até lá no final e ainda volto pra pegar essa blusa sua. É quanto?” É tanto. “Ah! pois eu vou voltar, pode costurar”. Moça posso costurar? Posso fechar? “Pode fechar essa blusa que eu vou pegar já, já”. E vinha, pegava a blusa, comprava. Juro a você em Deus! (Entrevistada F3)

Tendo como base a ideia da “memória como uma propriedade de uma prática ou organização” (SCHATZKI, 2005, p. 1867), justifica-se a nostalgia existente quanto à identificação de tal prática como uma característica inerente ao bairro. O período de observação revelou que esta antiga prática permanecia entre poucas artesãs, tendo sido abandonada pela maioria, principalmente as que possuíam loja pois, ou vendiam, ou bordavam o filé. Outro possível motivo, conhecido através das conversas informais, tinha relação com a falta de segurança do bairro, considerando que algumas filezeiras já haviam sido furtadas no horário matutino, à porta de suas casas enquanto se encontravam bordando. Os relatos também demonstraram que buscando evitar casos como estes, o costume de ficar na porta, principalmente no horário noturno, em grupos, bordando o filé e conversando entre si, foi diminuindo e, desse modo, também reduzindo uma maior interação entre os habitantes (Diário de campo).

A outra grande mudança no comércio foi o aumento da concorrência pelo aparecimento de lojas no Pontal da Barra. Considerando que a história apresenta a necessidade inicial de as artesãs se utilizarem de intermediadores para alcançar os consumidores (CODÁ, 2015), tem-se em conta que a história local é desprovida de um ambiente comercial de concorrência entre artesãs lojistas. O surgimento das lojas, apresentando-se atualmente em centenas, tanto modificou o ambiente físico do bairro, como intensificou a produção de sentido relacionada à sobrevivência das filezeiras locais. Isso ocorreu ao tempo em que o aumento gradativo dessa concorrência se relaciona diretamente com uma crescente dificuldade de venda, contribuindo numa maior inibição à obtenção de renda pleiteada pelas artesãs, principalmente aquelas que trabalhavam em lojas, refletindo, sobremaneira, em suas ações:

Eu tenho medo de olhar pras lojas, porque você sabe como é bairro pequeno, pensa que a gente tá querendo copiar, né? Se eu chegar na sua porta, e ver uma coisa bonita, eu vou dizer é porque eu gostei, você tem bom gosto, eu não vou copiar o que é feio. Pra não cair em tentação, eu já sei o que quero então eu faço do meu jeito; [...] (Entrevistada F9).

Pelo discurso, percebe-se a existência de uma aparente competição entre as lojistas no que se refere aos seus produtos. Durante a observação, isso também foi notado, na medida em que a lojista, dona do estabelecimento onde se realizava a pesquisa, fazia comentários parecidos. Tendo em conta que muitas das filezeiras do Pontal caracterizavam sua atividade como uma arte, observou-se que a ação de “copiar”, mencionada pela artesã, tanto suprimia a

característica central de uma genuína obra de arte, a autenticidade (FIGUEIREDO; MARQUESAN, 2014), como se apresentava diretamente relacionada ao clima de competição existente. Isso ocorria principalmente em situações em que inovações de produtos, pontos de bordado ou modelos de peças surgiam através da criação e apresentavam potencial de venda segundo a percepção das filezeiras.

Há de se destacar, entretanto, que a atividade do bordado Filé apresenta a criatividade como um aspecto inerente a esta prática, possibilitando à filezeira a combinação de pontos e formatos que caracterizam a exclusividade da peça. O importante a ser aqui destacado se encontra vinculado à compreensão do envolvimento num jogo de linguagem profissional, em que dominar regras e ter a capacidade de utilizá-las são fatores relacionados à participação numa prática (GHERARDI, 2000). Isso implica dizer que a ação de “copiar” desqualifica a atividade do bordado filé por parte da artesã responsável pelo ato, na medida em que assim agindo ela passa a não utilizar a linguagem profissional da prática artesanal, deixando de lado características indispensáveis como a criatividade, além de sua incapacidade de utilizar regras implícitas, que são transgredidas mediante a necessidade predominante de sobrevivência.

No desenrolar de uma das entrevistas, por exemplo, quando questionada sobre a existência de concorrência entre as filezeiras do bairro, uma das artesãs mais antigas do local, falou: “Existe. E como existe, minha filha! Oxe! Mas menina! Existe de verdade verdadeira! Lá embaixo mesmo têm lojas que numa é um preço e o freguês tá indo ali... daqui ela fica assim... olha..., chamando, abaixando o preço” (Entrevistada F20).

Assim, percebeu-se que a ânsia pela venda e pela conquista ao cliente, tanto favorecia a competição, como também provocava um clima de desânimo que se sustentava por perspectivas de vendas não alcançadas na rotina de algumas artesãs. Esse desânimo, presente nos obstáculos impostos pelos guias, falta de estrutura ao turismo, percepções divergentes quanto ao local de desembarque dos turistas, concorrentes externos, alto custo da matéria prima e competição acirrada nas vendas, tinham potencial de influenciar suas práticas a um direcionamento oposto ao eficiente funcionamento do *organizing* local. Assim se entende, considerando a existência de diversos elementos que direcionem a uma dinâmica desfavorável ao desenvolvimento do bairro.

Diante do desânimo existente entre algumas filezeiras locais, o reconhecimento do bordado Filé como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado atraiu um sentimento de valorização e de novas oportunidades à atividade. Tendo em vista que a certificação ocorreu durante o período

da observação, a pesquisadora entendeu ser conveniente a inserção de um questionamento sobre o tema em suas entrevistas. Através dos relatos, pode ser percebido que este evento teve destaque entre as filezeiras locais, contrapondo-se ao clima de desânimo com as poucas vendas, por parte de uma considerável quantidade de artesãs do Pontal da Barra, trazendo ânimo às praticantes da atividade no local. Desse modo, a patrimonialização atraiu um clima otimista ao local, influenciando na produção de sentido no que tange à oportunidade de mudanças, principalmente no que diz respeito às menos favorecidas. A respeito disso, destaca-se o discurso de uma das entrevistadas, participante de uma Cooperativa de Artesãs de Filé existente no bairro:

Mas eu acho assim que veio esse reconhecimento pra fortalecer os nossos grupos, entendeu? Principalmente a nossa comunidade, porque a nossa comunidade é muito descrente das coisas. Quando a gente diz, “vai acontecer!”. “E vai, é? Que vai, isso aí vai nada!” É assim. Pessoal vai, bota logo o pé atrás, entendeu? Pra mostrar que o nosso filé já tem reconhecimento, já tem em todos os lugares, e também internacionalmente, ele é internacionalmente. Eu quero levar a nossa cooperativa internacionalmente, mas o filé já é reconhecido internacionalmente, né? E agora que ele já foi reconhecido aqui como patrimônio do nosso estado, que Deus nos abençoe e continue firme pra que a gente tenha muitas encomendas, né? E que... que venha mais turista pra nosso estado! (Entrevistada F10).

A partir do registro como Patrimônio Cultural Imaterial do estado de Alagoas ficou evidente o entendimento a respeito de um reconhecimento do artesanato bordado Filé e sua vinculação com o Pontal da Barra, ressaltando a identidade desta prática artesanal com o bairro:

Mas, é, é como é que se diz... Até se não me engano, tem um outro país aí que faz filé não sei se é Portugal, tem um cantinho que faz, alguém que faz, mas aonde o filé estiver, de linha, faça quem fizé, o Pai dele é Alagoas, né? Aí vai ser muito bom! Onde ele tiver vão dizer “eita! Tem esse filé de Alagoas, lá do Pontal”. Pode até não ser, mas... vão dizer que é. Então é bom, né? Ser reconhecido, porque você onde andar você tem uma família, num é? E se você não tivesse, “você é filha de quem menina?” “Sei não quem é meu pai”, né? É... isso seria até triste né? (risos)... Mas é... essa mudança assim pra mim foi radical, muito bom! (Entrevistada F17).

Além de ressaltar uma identidade cultural com o Estado, a certificação do filé como patrimônio, também se caracterizava como um evento ocorrido na rede de ação desse artesanato, trazendo novas possibilidades às filezeiras do bairro.

Diante dos aspectos mencionados, a subseção procurou abordar o dinamismo existente no comércio do bairro através de variados fenômenos vinculados ao cotidiano das filezeiras do Pontal da Barra. Como pôde ser observado, tais fenômenos apresentavam influências nas práticas das filezeiras locais, possibilitando a caracterização dessa importância à composição da rede de ação (CZARNIAWSKA, 2004) do artesanato local. Tendo em vista a necessidade de análise mais específica acerca das ações dos sujeitos em seu cotidiano, busca-se, na

sequência, este direcionamento, na medida em que a vida mundana de uma artesã se encontra permeada de “táticas, estratégias e bricolagens” (CERTEAU, 1998) que se relacionam com o *organizing* dos atores sociais, para que seja possível a continuidade da luta pela sobrevivência dos sujeitos artesãos praticantes do bordado filé do bairro do Pontal da Barra.

7.1 BATALHADORAS – ESTRATÉGICAS E TÁTICAS NUMA LUTA CONTÍNUA

Durante as entrevistas, as artesãs de filé do Pontal da Barra apresentavam com recorrência as palavras “batalhadoras”, seguida por outra, “guerreira” ao se descreverem. Essas denominações revelam identificações das entrevistadas, com o potencial de interferir em ações vinculadas aos seus aspectos comportamentais. O fato de se identificarem como batalhadoras e/ou guerreiras parece se relacionar com uma identidade compartilhada entre os agentes envolvidos no contexto social analisado compondo o *sensemaking* (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005) das artesãs locais, cujas ações se destacaram por aspectos identificados no decorrer da observação.

Essa identificação teve o potencial de implicar numa rotulação (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005) entre as artesãs da comunidade. Ao tempo em que as artesãs se percebiam como mulheres batalhadoras e/ou guerreiras, moradoras de uma comunidade artesã, encontravam-se posicionadas num terreno comum em que os eventos que se processavam ignoravam as diferenças existentes e as igualavam entre si no que diz respeito a essas identificações no processo de *organizing* local.

Os dados demonstraram que a qualidade de ser “batalhadora” no Pontal da Barra se encontrava relacionada a uma possível percepção homogênea sobre elas mesmas: “Eu acho que as meninas aqui, batalhadoras, guerreiras, as mulheres aqui no Pontal, elas não são 10 não, elas são 10.000! Elas são pau pá toda obra mermo! Vejo aí, as meninas batalhando mesmo, correndo atrás” (Entrevistada F5). Utilizando a palavra “guerreira” outra artesã respondeu: “Descrevo como mulheres lutadoras, guerreiras, que fazem seu trabalho, eh... com garra! Lutam no dia a dia pra ganhar o pão de cada dia, seu sustento” (Entrevistada F6).

Nesse sentido, independente da existência da competição entre as filezeiras no Pontal, a rotulação mencionada direcionava a um reconhecimento sobre as dificuldades cotidianas, compartilhado entre as artesãs, atraindo um respeito mútuo. Este respeito, por sua vez,

caracteriza-se como um aspecto importante ao processo organizativo das filezeiras, uma vez que ele funcionava como um mediador à interação social dos sujeitos favorecendo, assim, a transmissão do conhecimento (GHERARDI, 2000), na prática do artesanato Filé.

Ao mesmo tempo em que a qualidade de batalhadora entre elas era exaltada, outro aspecto era reiteradamente mencionado, sendo caracterizado pela palavra “competição”. Esse aspecto, mencionado na subseção anterior, é aqui reiterado e analisado, considerando que o reconhecimento de sua existência no processo organizacional não apenas reflete a ausência de estabilidade, como traz a possibilidade de transformações no *sensemaking* dos sujeitos em seu cotidiano, incidindo em questões geradoras de conflitos internos. Isso se percebe considerando que o conflito se apresenta quando as interações entre os sujeitos se dão de uma forma na qual o conjunto de práticas não são mutuamente sustentáveis (SCHATZKI, 2005).

Tendo em vista a competição entre as artesãs, observou-se a existência de práticas desprovidas de uma sustentabilidade necessária ao *organizing* local, além da ausência de um senso coletivo em sua constituição. Em vista disso, parte-se do entendimento de que o enfoque social da prática advém da compreensão de que nela estão localizados o foco do conhecimento e do aprendizado (GHERARDI, 2000), de modo que o social se encontra representado pelo sujeito coletivo. Dessa forma, invoca-se uma compreensão epistêmica acerca do conhecimento como um produto social, derivado das participações coletivas nas práticas (GHERARDI, 2000), o que se apresentava prejudicado nas atividades direcionadas à competição existente no Pontal da Barra em decorrência da individualidade prevalente, movida pela necessidade de sobrevivência.

Esse cenário se relaciona com o aspecto de que o *sensemaking* é uma questão de linguagem, conversa e comunicação de modo que ele se materializa, informando e construindo a ação e a identidade dos sujeitos (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005). Desse modo, a ausência de linguagem, conversa e comunicação em decorrência da competição entre as artesãs influencia o *sensemaking* tendo em vista os prejuízos sofridos na interação dos sujeitos sociais envolvidos, além de interferir na transmissão do conhecimento. Assim ocorrendo, a construção de ações em prol de um *organizing* condizente com as necessidades locais também se apresentava prejudicada.

Referidas questões incidentes em conflitos foram observadas nas estratégias adotadas pelas filezeiras para o alcance de seu maior objetivo no comércio local que era a obtenção de renda por meio das vendas e é nessas estratégias que se observa os antagonismos mencionados. O

aspecto que se mostrou com bastante clareza na pesquisa foi a utilização da mão de obra de filezeiras por parte das filezeiras lojistas. Ao tempo em que se utilizavam de mão de obra de outras filezeiras, as lojistas buscavam a obtenção de um trabalho de qualidade por um baixo custo, de modo a lhes possibilitar um maior poder de barganha com seus clientes, auxiliando-as, assim, no que diz respeito à concorrência local. As intenções comerciais das artesãs lojistas, nesse cenário, implicavam em práticas que envolviam outras redes vinculadas à das artesãs do bairro, além de acarretar em ações discriminatórias com outras artesãs.

Uma vez que a confecção de uma peça de filé se apresentava como uma atividade que não acompanhava a velocidade de suprimento de estoque, essa estratégia de utilização de mão de obra caracterizava o discurso de lojistas, como o abaixo transcrito:

Mas eu gosto de trabalhar com pessoas que façam coisas bonitas e que façam produtos bons. Chega aqui sacoleiras e mais sacoleiras de filé. Elas não vêm me mostrar aqui não. Não sei se você observou. Elas nunca vêm aqui me oferecer. Porque elas já me conhecem porque sabem que eu não compro esse produto. Só sabem que eu compro esse produto bom. Tem muitos aqui do Marechal. Eles vendem à [...], entendeu? Mas nem vêm aqui e nem perguntam se eu quero porque sabem que eu não compro aquele filé deles. Já me conhecem (Entrevistada F2).

Diante da contratação verbal, existia uma preocupação acerca da configuração de um vínculo empregatício, o que buscava ser evitado pelas contratantes do serviço. Algumas proprietárias possuíam filezeiras fixas, optando por utilizar a mão de obra de artesãs que lhe oferecessem um trabalho satisfatório, de acordo com sua percepção. Nesses casos, algumas lojistas forneciam a matéria prima para a produção. Outras, preferiam comprar de fornecedores que surgiam às portas de suas lojas, oferecendo-lhes peças em filé e outras mercadorias.

Destaque-se que estes fornecedores eram constantes nas lojas de artesanato, fazendo parte do cotidiano do comércio local, suprindo as lojas tanto com produtos em filé do Pontal, como advindos de outros estados. No primeiro caso, era comum ver algumas filezeiras, geralmente do Pontal da Barra, de Marechal Deodoro ou de Coqueiro Seco, batendo de porta em porta, tentando vender o filé. No segundo, os fornecedores já vinham preparados com um grande estoque de material, geralmente em veículos modelo van, sendo, muito deles, já conhecidos por boa parte das proprietárias de lojas.

Além dos fornecedores externos, importante mencionar a existência dos fornecedores internos, moradores do bairro, que supriam as artesãs com todos os materiais necessários à produção do bordado Filé, resultando numa comodidade de obtenção tanto de artefatos necessários à sua produção, como de produtos para revenda, sem precisar se deslocar do

bairro. Dessa forma, tendo em conta que uma das tarefas no estudo de uma organização é a “identificação de outras redes de feixes de arranjos de prática nas quais a rede que compõe a organização está intimamente vinculada” (SCHATZKI, 2005, p. 476, tradução nossa), observa-se que os referidos fornecedores (internos e externos) compunham, na prática, uma rede de fornecedores que atendiam as artesãs do Pontal da Barra.

Nesse sentido, considerando essas formas de reposição de estoque, advém a seguinte questão: na medida em que as filezeiras atribuíam o baixo volume de vendas do bordado Filé a uma desvalorização desta atividade artesanal, várias delas procuravam pagar um baixo custo pelas peças adquiridas de outras filezeiras incorrendo, no caso, num antagonismo representado na desvalorização do serviço adquirido, o mesmo serviço que elas alegavam que devia ser valorizado. Isso se observa pelo discurso abaixo transcrito:

Já fui, já fui dona de lojinha, como elas são, já fui, mas acabei por que peguei uma época tão ruim, tão ruim... que não tirava nem o dinheiro do aluguel, não compensava. [...] Aí, agora eu tô fazendo o filé e tô vendendo a elas. É, né? Eu gosto de todas, agora eu só acho que nós somos, num somos bem remuneradas, não, recompensadas! Porque o pessoal não valoriza quem faz o filé, valoriza quem vende. Sabia disso? [...] Porque a gente que faz o filé e vende a elas barato, pelo um precinho bem..., que elas tudo elas acham caro. Agora vê, vai lá nas loja delas e pergunta o preço de uma blusa, absurdo! (Entrevistada F9).

Ao mesmo tempo em que F9 tinha consciência do baixo valor pago por seus serviços e se sentia indignada com a venda de seu trabalho por um preço injusto, ela se submetia a essa situação pela necessidade de sobrevivência. No caso dessa filezeira, assim como de várias outras não lojistas, ela se caracterizava por uma artesã que possuía potenciais compradoras fixas, sendo essa uma de suas estratégias de venda, qual seja, a manutenção deste público consumidor, mesmo que isso lhe custasse um sentimento de insatisfação pessoal que era superado pela necessidade da obtenção de renda.

A outra estratégia adotada pelas filezeiras do Pontal da Barra, independente de ter loja, ou não, era a compra da malha pronta, produzida por outra filezeira. Isso acontecia com o objetivo de acelerar o processo de produção do bordado, tendo em vista que a feitura da rede era tida como uma atividade demorada. Inclusive, cumpre destacar que foi observado que muitas das que se identificavam como filezeiras do Pontal da Barra, na realidade não sabiam fazer a rede, limitando-se apenas ao bordado, sendo motivo de críticas por parte daquelas que possuíam o conhecimento de todas as etapas do processo de produção, pois o consideravam como sendo a etapa mais difícil da produção de uma peça de Filé:

O difícil foi fazer a rede, que ninguém... quase ninguém sabe fazer rede aqui, O pessoal diz: “eu faço filé”. Sim, faz o filé. Mas pra você fazê o filé completo, cê tem que sabê a tela, Como é que você não vai fazê um filé se não sabe fazê a tela? Agora o povo faz, né? Compra, eu mesmo não compro, eu faço! Eu faço a minha rede! (Entrevistada F8).

Voltando-se às lojistas que não se utilizavam de mão de obra fixa, tal como as proprietárias das lojas onde ocorriam a observação participante, há de se considerar aspectos importantes. Observou-se que a ação adotada era a compra dos produtos oferecidos pelos fornecedores que geralmente surgiam sem qualquer programação. Sobre tal aspecto, a observação participante permitiu notar que nessas lojas, onde as vendas não se caracterizavam por um grande fluxo, a quantidade de peças adquiridas pelas proprietárias para o suprimento do estoque não era planejada com antecedência, sem periodicidade programada e dependiam da disponibilidade econômica existente no momento (Diário de campo). Diante de tais aspectos, esse imediatismo e oportunismo no cotidiano indicam que parte de suas ações, caracterizavam-se por **táticas** (CERTEAU, 1998).

Adicione isso a alguns pontos importantes: seus fornecedores eram dos mais diversos locais, tanto da comunidade do Pontal, como da região lagunar, ou de municípios vizinhos; algumas peças de Filé eram produzidas por elas mesmas e a pesquisadora não constatou a compra do filé de “segunda classe” pelas proprietárias das lojas observadas. Dessa forma, na medida em que esse filé se caracterizava uma ameaça ao filé do Pontal da Barra, tendo em vista sua origem de outro estado, ele também representava uma desvalorização do bordado filé de Alagoas por parte das artesãs proprietárias de loja. Advindo do Ceará, ele tinha os fornecedores externos como os responsáveis por sua presença incidente no cotidiano do comércio do Pontal.

Diante de tal incidência, importante esclarecer fatores relacionados à certificação atribuída ao Filé de Alagoas como patrimônio cultural imaterial do estado (ALAGOAS, 2016b), o qual atraiu novas perspectivas às artesãs locais. Ao tempo em que foi entregue um certificado de Indicação Geográfica (IG) (BRASIL, 2016) ao bordado Filé de Alagoas, na prática, a certificação atuou para agregar valor ao filé alagoano (ALAGOAS, 2016b).

O pedido original do selo concedido ao Filé de Alagoas adveio da união de oito associações de artesãs de filé, dentre elas, a Associação dos Artesãos do Pontal da Barra, orientadas e apoiadas pelo Sebrae em Alagoas (SEBRAE, 2014). O selo é concedido pelo INPI, na categoria “Indicação de Procedência”, refere-se “ao nome do local que se tornou conhecido

por produzir, extrair ou fabricar determinado produto ou prestar determinado serviço” (BRASIL, 2015, [p.1]).

Sua obtenção foi oficializada em 4 de agosto de 2016, em evento realizado na Associação Comercial de Maceió (MACEIÓ, 2016), no qual se encontravam participantes de todas as instituições registradas no Caderno de Instruções do Filé (INBORDAL, [2015?]), quais sejam, representantes do Governo do Estado de Alagoas, da Prefeitura de Maceió, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), do Sebrae e o Inbordal, este último, como a única entidade coletiva de artesãos envolvida no processo.

Apesar do Inbordal ter atuado como a entidade representante de várias associações de artesãos de Filé no processo de patrimonialização, essa união já foi modificada tendo em vista a desvinculação da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra e de outras artesãs pertencentes a outras associações. Os motivos para esse fato e de outros vinculados à patrimonialização não se mostraram evidentes na presente investigação, implicando na necessidade de um estudo direcionado.

A certificação foi entregue ao Inbordal, de modo que as peças produzidas pelas artesãs afiliadas a este instituto passam a obter o registro comercial, o qual identifica a região lagunar Mundaú-Manguaba de Alagoas e áreas vizinhas, num território de cerca de 252km², como a área de origem das peças artesanais (BRASIL, 2016), ou seja, o local onde os produtos são produzidos. Tal área foi definida através de estudos realizados pela Ufal de modo que, para a obtenção do registro, a filezeira deve comprovar que se encontra estabelecida “na área geográfica demarcada e exercendo, efetivamente, as atividades de produção ou prestação do serviço” (BRASIL, 2013, [p. 3]), conforme o art. 8º, alínea C, da Instrução Normativa nº 25/2013, que estabelece as condições para o registro das Indicações Geográficas.

Além do Inbordal ter atuado no processo como a estrutura de controle “sobre o produto ou a prestação do serviço distinguido com a Indicação de Procedência” (BRASIL, 2013, [p. 3]), conforme art. 8º, alínea b da Instrução Normativa nº 25/2013, ele também passou a ser o responsável pelo controle de uso do selo (Informação verbal)⁵. Apesar disso, a obrigatoriedade de afiliação da artesã ao Inbordal para a obtenção do selo se caracterizou

⁵ Informação recebida durante o evento realizado na Associação Comercial de Maceió para a entrega do registro referente à certificação do Filé de Alagoas como Patrimônio Cultural Imaterial do estado, em 4 de agosto de 2016.

como uma regra ainda não definida pelo instituto e ainda não conhecida pelas artesãs associadas durante o período desta pesquisa.

O fato é que os padrões acerca do bordado Filé de Alagoas se encontram estabelecidos de acordo com as instruções registradas no Caderno de Instruções do Filé (INBORDAL, [2015?]), ou seja, é um bordado feito, obrigatoriamente, em linha de algodão, de acordo com o processo de produção descrito na subseção 6.3, intitulado CONHECENDO O ARTESANATO BORDADO FILÉ.

A concessão do selo não acarretou em implicações imediatas ao bordado Filé produzido no Pontal da Barra. Apesar de se constituir como um meio de valorizar o trabalho das artesãs, não impede que elas continuem comprando o filé de “segunda classe”. Desse modo, os efeitos decorrentes da certificação recebida nas práticas das filezeiras do bairro ainda se apresentavam incipientes, possibilitando o desenvolvimento de estudos futuros a partir do recebimento do registro.

A importância de tal fenômeno na investigação adotada comungava com a abordagem de redes de ação considerando a ideia de que os eventos que se sucederam assim como as ações adotadas pelos atores sociais, tinham como objetivo a formação de novas conexões, ou interações (CZARNIAWSKA, 2004) ao artesanato investigado, em cujo contexto se encontrava inserido o bairro do Pontal da Barra. Percebe-se, portanto, a abrangência da rede envolvendo o engajamento de instituições públicas e particulares para a obtenção do selo, assim como também se evidencia a relevância do artesanato bordado Filé na área social, econômica e turística do estado alagoano.

Em torno dessa rede temos a observância das práticas como atividades humanas organizadas (SCHATZKI, 2005) na medida em que filezeiras alagoanas se uniram para o desenvolvimento de atividades em prol da obtenção de um objetivo comum, incluindo-se, dentre elas, representantes do Pontal da Barra. Dentro desse processo a participação inicial no processo e posterior desvinculação da Associação dos Artesãos do bairro em decorrência de percepções divergentes, evidencia a forte influência da produção de sentido nas práticas que compõem o *organizing* das artesãs locais.

Essas divergências apresentaram incidentes no processo de patrimonialização, acarretando desvinculações, assim como persistiam no cotidiano das artesãs. Outrossim, entende-se que a dificuldade de unir diversos pontos de vista, diante de informações dispersas e distintas dos

acontecimentos, resulta na continuidade de ambiguidades e divergências da perspectiva apresentada (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005). Tal persistência tanto se apresentava em pontos de vista contrários aos defendidos pelas artesãs do Inbordal, como na competição acirrada entre as lojistas do bairro, materializada na forte concorrência, influenciando suas práticas comerciais e favorecendo o surgimento de obstáculos ao próprio artesanato.

Dentre os obstáculos ao artesanato local, evidenciava-se o filé do Ceará, caracterizado pelas artesãs do bairro como um produto de baixa qualidade, de “segunda classe”, devido ao uso do cordão no lugar de linha de algodão, conforme se observa pelo comentário abaixo:

Oh, o obstáculo que a gente encontra aqui no Pontal principalmente, eh... chama-se Fortaleza. [...] Porque ela faz o filé de baixa qualidade e vem vender aqui. [...] Bem vazado. Mas não só tem só saída de praia, não, são colchas, e colchas em tamanhos enormes, de... não é linha. São fios coloridos, tinturados, são malhas maiores, e vende como se fosse do Pontal da Barra, de baixa qualidade. E aí me dá raiva também daqui do pessoal do Pontal que tem a as donas de loja que compra! O pessoal de Fortaleza vem com caminhão enorme, cheio! (Entrevistada F10).

Com a possibilidade da venda por um baixo custo e, desse modo, atuando como uma tática, tal obstáculo também se apresentava como uma ação adotada pelas proprietárias de lojas ao comprar esse tipo de filé. Ao agir dessa maneira, buscavam um meio de ofertar ao consumidor produtos mais baratos além de atraírem uma desvalorização ao filé local. Desse modo, ao tempo em que se caracterizava como uma forma de sobrevivência encontrada para manobrar as regras a fim de atender aos seus próprios interesses, buscavam descobrir “os procedimentos, as bases, os efeitos, as possibilidades”, atuando por bricolagens (CERTEAU, 1998, p. 40) através de sua economia popular dominante, usando metamorfoses das regras locais, por meio de práticas adotadas na vida organizacional cotidiana (GHERARDI, 2000).

A referida tática não era adotada pela unanimidade de proprietárias de lojas do comércio do Pontal, posto que as que não vendiam o filé do Ceará desenvolviam uma ação estratégica como uma forma de combate ao obstáculo apresentado, buscando a obtenção de maior valorização ao filé do bairro, qual seja, a explicação sobre o processo de feitura do Filé aos clientes, sendo esta, acompanhada da busca a um bom atendimento, conforme exposto pela artesã a seguir:

Tem muita gente que não entende o que é um trabalho à mão. Eu vou...eu explico, tenho o maior carinho de chegá e explicá à pessoa como é feito o nosso trabalho... e o acabamento. Porque isso aí é que chama o turista pra gente. Se você fizé uma coisa bem feita o turista vem e volta pra comprá o seu trabalho. Se ele vai usá o seu trabalho e o seu trabalho se desmancha ele não volta mais. Por isso que a gente tem

que dedicá o maior, o amor, o carinho do artesanato porque se a gente não valorizá esse trabalho aqui a gente, não... perda de tempo! (Entrevistada F1).

Segundo os relatos, esse bom atendimento, tido como uma das preocupações com o consumidor por parte das artesãs, também vinha acompanhado por uma outra preocupação: a qualidade do produto ofertado, devendo esse ser resultado de um trabalho bem feito. Assim procedendo, obtinha-se um reconhecimento sobre a atividade por parte dos clientes, os quais, em sua maioria optavam por levar produtos mais baratos como blusas, saídas de praia e jogos americanos. Tais ações se conciliam com os atributos de donos de pequenos negócios visto que, segundo Bispo (2014) essas organizações se apresentam como negócios que possuem fortes bases na interação com os clientes, configurando uma específica relação espaço-temporal. Essas relações, por sua vez, constituindo-se em interações ocorrendo no tempo e no espaço, compõem as práticas que formam redes de ação (CZARNIAWSKA, 2004), dentre elas, a rede que abrange o turismo cultural.

Isso se dá na medida em que uma rede, segundo os estudos de Popelka e Littrell (1991), também se manifesta na relação de consumo desenvolvida através da informação que se processa sobre a rede. Assim ocorrendo, concede-se conhecimento ao artesão sobre os anseios do consumidor. Este conhecimento, por sua vez, “situado como um processo social, humano, material, estético, emotivo e ético” (BISPO, 2013b, p. 14) que advém da interação entre os indivíduos, tende a auxiliar os artesãos com informações necessárias a direcioná-los a determinadas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998), orientando-os a práticas articuladas em conformidade com o turista consumidor.

A procura por lembranças do Pontal da Barra por parte dos turistas, relaciona-se com a concepção de que o turismo cultural se volta para um produto que tenha a capacidade de agregar valor a partir de um determinado local (RAMOS, 2013). Conforme menciona Pimentel (2013, p. 424), “a experiência turística também é caracterizada como a busca de uma vivência geográfica, de um contato direto com espaços, lugares e sociedades fora do seu cotidiano”. Corroborando o mesmo raciocínio, as evidências empíricas são convergentes com esse entendimento, como se observa em Graburn (1983) ao compreender que a sociedade humana é caracterizada por indispensáveis pausas de vida em que o turismo se apresenta como uma forma estruturada de ser atendido.

Ao possuir necessidades diferentes às do artesão, o turista cultural evita seu próprio cotidiano, como se fosse possível não carregá-lo consigo, e se volta para o cotidiano do outro, o do artesão, ao tempo em que evita as formalidades referentes ao seu cotidiano e busca vivenciar

novas experiências através da interação com o artesão. Ele deseja a “ausência de um próprio” (CERTEAU, 1998, p. 100), ansiando-se pela liberdade, pelo imediatismo e pela livre ocorrência de táticas no desconhecido com o qual se defronta. Mas ele não tem como fugir completamente do poder privilegiado, que demarca o “lugar de um próprio” (CERTEAU, 1998), evidenciado, por exemplo, quando é reconhecido e recebe o rótulo de turista em uma dada comunidade.

Nessa busca por uma suposta fuga do seu cotidiano, o artesanato valorado pelo turista pode ser considerado como “arte turística”, o que Popelka e Littrell (1991) caracterizam como um bem econômico que pode ser otimizado de modo a auferir renda aos artesãos. Sendo assim, observa-se a conexão entre ambas as redes, na medida em que as práticas das filezeiras do Pontal da Barra consistiam em determinadas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998) articuladas pelas artesãs, tendo em vista as informações advindas dos turistas consumidores de forma a lhes possibilitar a obtenção de renda.

Apesar das artesãs do Pontal da Barra perceberem a importância da valorização de seu artesanato por parte do consumidor, diferentes percepções foram identificadas em seus discursos sobre a valorização do bordado Filé na sociedade. Essas manifestações são reveladoras no que diz respeito ao significado de ser uma artesã de bordado filé, implicando, portanto, nos aspectos que sustentam sua motivação (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005) na continuidade e no valor de seu ofício. Tais significados, que fazem parte dos elementos influenciadores na produção de sentido das artesãs do Pontal, podem ser percebidos pelos relatos abaixo:

O pessoal daqui é assim, alguns vem aqui e compra, mas a gente nota que não tem aquela... talvez seja por ser nosso, daqui, então não existe, dá aquele valor que merece. [...] aqui, o pessoal já tem o costume de ver na televisão, né? Então já tornou comum pra eles, [...] Já o pessoal de fora não, é aquele entusiasmo quando vê, acha tudo muito lindo, maravilhoso... Não é que o pessoal daqui não ache não lindo, maravilhoso. É que assim, a gente nota o reconhecimento do pessoal de fora, é um reconhecimento maior (Entrevistada F5).

As pessoas deviam assim, [...] Valorizar aquela, aquela... a cultura que elas têm. A cultura delas de viver e sobreviver sobre aquilo ali. [...] De botar a comida de casa com o bordado, com a criatividade que elas têm...têm pessoas que muita gente ainda não dá um pingão de valor. [...] Porque ser artesã para muita gente não quer dizer NADA! Entendeu? Pra eles, acham que é que são advogados... tem que ser um dentista, tem que ser isso e aquilo, tem que trabalhar diretamente engravatado ou num escritório. Acham que por ser artesã é pobre. Entendeu? Mas não é! Eu acho que o pobre são aqueles que não conhecem o valor de um artesão (Entrevistada F2).

Os dados de campo demonstraram que, entre a maioria das filezeiras, havia um sentimento de maior valorização por parte do turista em comparação com a sociedade local, tendo em vista

que envolve relações de poder (CERTEAU, 1998). Nestas, observa-se que uma sociedade inteira não se reduz à rede de vigilância dos aparelhos que exercem o poder, que procedimentos populares e cotidianos jogam com seus mecanismos e não se conformam com ela a não ser para alterá-los, ou seja, observa as “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998). Assim como em Certeau (1998), o discurso de F2, demonstra a inconformidade com aspectos discriminatórios existentes nas relações entre as pessoas com base no valor atribuído ao ofício artesanal, repercutindo na percepção e, por consequência, na forma de agir dos sujeitos sociais, tendo em vista os significados presentes na atividade de artesanato.

Além das características da abordagem *certeuniana* no que diz respeito à maneira de agir das filezeiras do Pontal, indo de encontro aos aparelhos que exercem o poder, também foi percebida uma aparente acomodação por parte de algumas artesãs a respeito de seu cotidiano como artesã de filé. A impressão da pesquisadora sobre este assunto pode ser resumida no discurso abaixo de uma artesã, proprietária de loja:

As artesãs geralmente elas fazem por... por gostar de fazer o bordado, por prazer. Elas não fazem por ambição eh... de querer somente ganhar dinheiro, elas fazem principalmente pelo prazer e elas não tem essa vi... **a maioria delas não tem essa visão de... de fazer, de formar grupos, de procurar crescimento, geralmente elas estão satisfeitas em ficar ali fazendo aquela... aquele bordado que pra elas é... é uma renda extra, que elas ficam satisfeitas pelo que ganham** e... e assim, é também uma distração, uma terapia pra elas, entendeu? Geralmente é isso (Entrevistada F18, grifos nossos).

Ao ser mencionado no discurso acima uma ausência de ambição por parte das artesãs do Pontal, não significa dizer que elas não visassem a obtenção de renda. Conforme anteriormente relatado, o período de observação demonstrou que a obtenção de renda se apresentava como uma necessidade essencial às artesãs locais, tendo em vista sua direta relação com a necessidade de sobrevivência. Entretanto, também foi percebido, que essa obtenção de renda era satisfeita na medida em que isso lhes possibilitava o suprimento de suas necessidades consideradas essenciais. Nas lojas observadas, por exemplo, o dinheiro que entrava das vendas era logo destinado para algum gasto, confundindo-se com as contas da casa, e se as vendas do dia haviam sido um pouco melhores, permitiam-se gastar um pouco mais, satisfazendo alguma vontade imediata (Diário de campo).

Com base em Certeau (1998), as relações de poder abrangem a habilidade de grupos irem de encontro às forças sociais opressoras e dominantes que lhes impõem situações preconceituosas, portanto, infere-se que referido comodismo faz parte do jogo de relações de poder, não impedindo a resistência e sendo usado por ela, assim como outras manifestações

de poder podem ser utilizadas, no caso das artesãs do Pontal, por meio da cultura popular. Nesse seguimento, observa-se a possibilidade de que uma possível ausência de interesse quanto a mudanças no cotidiano vivido se constituía como um dos elementos relacionados ao aparente desestímulo à união entre os moradores, ao alcance de objetivos em comum, em prol da comunidade local.

Desse modo, a competição aliada às estratégias de venda adotadas nas práticas cotidianas voltadas para o artesanato bordado filé, demonstrava que a acomodação percebida não se apresenta como um entrave para que reações aos termos dos contratos sociais se mostrassem evidenciadas. Essas reações ao “estatuto da ordem” (CERTEAU, 1998) se apresentavam nas táticas e estratégias adotadas no comércio e no turismo, tendo em vista a realidade em que se encontravam. Tais práticas denotavam ser influenciadas por uma produção de sentido que, por sua vez, encontrava-se relacionada à sobrevivência das artesãs que se identificavam como batalhadoras no cotidiano do Pontal. É essa sobrevivência que movia suas ações, direcionava suas percepções e as faziam reagir por meio de bricolagens que, de acordo com sua percepção, direcionavam-nas a uma perspectiva plausível (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005) a ser obtida por meio de suas práticas conectadas ao artesanato bordado filé do bairro.

Diante dos aspectos relacionados ao cotidiano comercial das filezeiras do Pontal da Barra, torna-se oportuna explorar as características percebidas na comunidade quando da existência de uma entidade organizacional inserida no contexto do artesanato bordado filé local e formada para representar os sujeitos sociais envolvidos no ambiente observado. Para tanto, a análise acerca de como se desenvolve a rede de relações entre a comunidade em seu cotidiano e a Associação dos Artesãos do Pontal da Barra será realizada na seção a seguir.

8 PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS ISOLADAS E VINCULADAS A UMA COMUNIDADE ARTESÃ

A Associação dos Artesãos do Pontal da Barra se compunha por uma organização presente no contexto da comunidade das artesãs de filé do bairro. O estudo realizado sobre essa Associação se compôs de observações em reuniões, sendo complementado pela técnica da *shadowing*, a qual, por sua vez também auxiliou no que se refere a todo o contexto estudado. Tal fato se deu na medida em que a *shadowing* possibilita uma movimentação de um ponto a outro numa rede de ação uma vez que o pesquisador busca “não uma experiência individual, mas uma construção coletiva” (CZARNIAWSKA, 2004, p. 786, tradução nossa). Aspectos relacionais envolvendo lugares, pessoas, artefatos, estratégias e comportamento dos sujeitos referentes à Associação dos Artesãos do Pontal da Barra serão, na sequência, analisados nesta seção.

8.1 A MULTIPLICIDADE DE LUGARES E A CONVERGÊNCIA GERENCIAL COMPONDO O AMBIENTE ORGANIZACIONAL

Quando foram iniciadas as observações nas reuniões, uma questão que logo chamou a atenção da pesquisadora foi a ausência de uma sede para a organização. Durante o período da observação, as reuniões se realizavam na Colônia dos Pescadores ou na casa de uma das artesãs associadas, advindo sempre o questionamento acerca do local. Considerando que as referidas informações sempre eram recebidas pela pesquisadora no mesmo dia da reunião, a diversidade de lugares acessíveis em que a observação se realizava era característica bastante operante, fato que possibilitou o estudo do *organizing*, acontecendo em diversos lugares ao mesmo tempo (CZARNIAWSKA, 2004).

Tratando-se de uma entidade com apenas 36 associadas participantes e pagantes do valor mensal de R\$ 15,00, a Associação dos Artesãos do Pontal da Barra se constituía por uma organização com escassos recursos monetários, visto que não recebia verbas periódicas nem de empresas, nem do governo local. Os auxílios recebidos geralmente ocorriam quando participavam de processos seletivos de editais e ganhavam o direito ao espaço para a exposição na feira, cedido pelo Programa do Artesanato Brasileiro (PAB).

Em algumas oportunidades, as artesãs associadas recebiam passagens e hospedagens do governo para a participação de eventos, entretanto, esse tipo de ajuda foi identificado por elas como rara e inconstante. Em outras ocasiões, o governo apenas auxiliava com o transporte para os locais das feiras, sendo a hospedagem e a alimentação custeada pelas próprias artesãs. Também a empresa Braskem as ajudava em algumas oportunidades, principalmente, no que diz respeito a hospedagens para participação de feiras em outros estados.

A necessidade de adequação à ausência de um local fixo atraía outra, a de existência de incentivos para que a gestão da organização conseguisse manter a participação das associadas, assim como a presença em reuniões. Isso se dava na medida em que realçar a atuação da organização era um fator importante à diretoria para o reconhecimento de seu espaço na comunidade do Pontal da Barra (Diário de campo).

Em vista dos aspectos apresentados, cabia à Associação buscar relações externas à comunidade do Pontal de modo a possibilitar às associadas oportunidades de benefícios para o desenvolvimento de suas atividades. Dentre essas relações, um fenômeno que se destacava no *organizing* da Associação dizia respeito aos “acordos de parceria” com alguns hotéis da cidade. Estes acordos advieram de uma oportunidade percebida pela presidente da Associação quando da realização do programa governamental intitulado “Café com Arte”. Tendo como órgão responsável a Sedetur, o programa abrangeu vários artesãos alagoanos de diversos municípios para comercializar e expor seus produtos durante os horários de café da manhã dos hotéis da cidade, buscando divulgar e possibilitar novos contatos de mercado aos artesãos do Estado de Alagoas (ALAGOAS, 2016c).

Segundo os relatos de pesquisa, com o término do programa e por meio da iniciativa e empenho da presidente da Associação, foram realizadas parcerias com alguns dos hotéis participantes, possibilitando às artesãs associadas, a partir do início de 2015, a continuarem a expor suas mercadorias. As parcerias se constituíam em acordos verbais e os horários e locais de exposição nos estabelecimentos eram estabelecidos pelos hotéis, perdurando apenas na época em que não houvesse a realização do “Café com Arte”.

Durante a época da pesquisa, seis hotéis estavam fazendo parte dessa parceria, os quais foram visitados durante o expediente em que as artesãs se encontravam nos locais, conforme pode ser observado abaixo, nas Fotografias 9 e 10:

Fotografia 9 – Hotel 1. Mesa para duas filezeiras localizada próxima à piscina e à entrada do restaurante



Fonte: Autora, 2016.

Fotografia 10 – Hotel 5. Mesa para uma filezeira, localizada próxima à recepção, à rampa que leva ao restaurante, à passagem da piscina e aos elevadores



Fonte: Autora, 2016.

Conforme pode ser observado pelas fotos e pelo Quadro 3 abaixo, as mesas disponibilizadas pelos hotéis se localizavam em pontos estratégicos para a exposição, de modo a possibilitar às artesãs um maior contato com os turistas.

Quadro 3 – Lista de hotéis e suas disponibilidades

| HOTEL | DIAS PARA A UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO | HORÁRIO | QUANTIDADE DE FILEZEIRAS NA MESA | LOCALIZAÇÃO DA MESA |
|--------------|---|--|---|--|
| Hotel 1 | Sexta, Sábado e Domingo | Das 06:00h às 15:00 h | 2 | Próximo à piscina e à entrada do restaurante |
| Hotel 2 | Todos os dias | De acordo com a preferência da filezeira | 1 | Ao lado da entrada no hotel, próximo à recepção |
| Hotel 3 | Todos os dias | Das 06:00h às 20:30h | 1 | Entre a entrada no hotel e a saída do restaurante |
| Hotel 4 | Quinta a domingo | Das 6:00h às 12:00h. | 1 | Próxima à piscina e a quatro metros da entrada do restaurante |
| Hotel 5 | Sábado e domingo | Das 6:00h às 21:00h. | 1 | Próxima à recepção, à rampa que leva ao restaurante, à passagem da piscina e aos elevadores. |
| Hotel 6 | Todos os dias | Das 6:00h às 20:00h | 1 | Próximo à recepção do hotel |

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Durante a vigência da parceria, a frequência das artesãs nos hotéis ficava ao encargo da direção da Associação dos Artesãos, a qual realizava sorteios mensais para a organização de uma tabela de frequência. As exigências para a participação deste sorteio era a de ser uma associada que estivesse em dia com o pagamento das mensalidades e com um mínimo de 50% de presença nas reuniões realizadas no mês, que geralmente eram duas.

Diferente do “Café com Arte”, os horários de permanência das artesãs nos hotéis se mostravam diversificados, permitindo uma liberdade quanto ao horário, mas, por outro lado, existia outra exigência quanto à frequência no local, tanto por parte do hotel, como da direção da Associação. Em caso de desobediência à frequência estipulada, ou em alguma falta não justificada, a artesã era punida pela direção da Associação com a exclusão de seu nome no próximo sorteio.

Além das parcerias com os hotéis, outro tipo de relação fora da comunidade do Pontal, consistia pela participação em feiras (geralmente em outros estados), de processos seletivos, ou pela compra particular de espaços para a exposição de produtos das associadas que desejavam participar dos eventos. Os demais contatos externos da Associação foram percebidos entre os órgãos governamentais geralmente envolvidos com a atividade artesanal, como a Sedetur (coordenadora do PAB); órgãos vinculados à Prefeitura do Município e a empresa Braskem S/A. Esta última, ocasionalmente auxiliava a Associação uma vez que procurava oferecer projetos que promovessem incentivos sociais à comunidade. Segundo os relatos, esses auxílios da Braskem S/A eram percebidos como uma forma da empresa

remediar os prejuízos decorrentes de suas atividades junto aos moradores do bairro (Diário de campo).

Ainda fazendo parte das relações externas ao contexto da comunidade do Pontal da Barra, observou-se, por meio das entrevistas, a existência de um rol de oportunidades ainda não exploradas por parte da diretoria da Associação. Tendo em vista que a entrevistada solicitou que não fossem reveladas informações sobre sua cooperativa, a qual dá-se o nome fictício de Cooperativa das Filezeiras do Pontal, F10 proporcionou o entendimento acerca das possibilidades que podem ser exploradas pela Associação dos Artesãos do Pontal uma vez que, no decorrer das observações, não foi identificado, nem mencionado em reunião, nenhum desses contatos externos. Nesse sentido, F10 citou os seguintes contatos relativos à sua cooperativa: Secretaria Municipal do Trabalho, Abastecimento e Economia Solidária (SEMTABES); Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES); Fórum Alagoano de Economia Solidária; Comissão Unitrabalho; Federação Alagoana dos Artesãos (Falarte); Feirinha da Pajuçara; além de *shoppings centers* na cidade e das feiras existentes fora do contexto do Pontal da Barra, tanto no espaço do município, como no dos estados vizinhos.

Visto que referidas oportunidades não compunham a rede de ação (CZARNIAWSKA, 2004) da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra na época da pesquisa, observa-se oportunidades de negócios não aproveitadas. O que não implica dizer que o mesmo ocorresse em relação ao artesanato do Pontal da Barra. Apesar do artesanato do Pontal, por meio da cooperativa de F10, alcançar as oportunidades mencionadas, o conhecimento a respeito de tais oportunidades não se apresentou compartilhado durante a pesquisa.

Com base em Gherardi (2000), o conhecimento na prática ocorre de forma natural, pode-se dizer que muitas vezes imperceptível, sendo derivado da participação dos indivíduos nas atividades cotidianas, através das quais as experiências de trabalho e comunicação da vida organizacional se tornam presentes na prática. Desse modo, considerando a existência de uma aparente hostilidade entre F10 e os membros da diretoria da Associação dos Artesãos, o conhecimento sobre as possibilidades existentes se limitava à cooperativa à qual a artesã fazia parte. Referida situação não se limitava a F10 de modo que um dos motivos pelas quais a geração do conhecimento se apresentava prejudicada entre as artesãs do bairro se dava na ausência de interação, tendo em vista a ocorrência de hostilidade, implicando num elemento prejudicial ao processo de *organizing* local.

Apesar da existência de obstáculos na comunicação das artesãs locais impossibilitando a abrangência da rede por parte da direção, a presidente se destacava na comunidade. Isso ocorria tanto por uma capacidade de interagir com todos os habitantes locais, como por sua capacidade de iniciativa diante de acontecimentos imprevistos, sendo uma pessoa muito procurada pela maioria dos habitantes do bairro. Por seu engajamento político, caracterizava-se por um membro organizacional com contatos no meio político local, facilitando, em algumas oportunidades, a obtenção de benefícios necessários à Associação. Nesse sentido, a *shadowing* possibilitou tanto a observação de variados contatos inesperadamente advindos (de clientes ou entidades governamentais) no decorrer do dia, bem como, a identificação quanto a concentração de atividades sobre sua responsabilidade, conforme se percebe na anotação de diário de campo sobre uma reunião ocorrida entre ela, uma professora e alunos de uma faculdade particular durante a aplicação da técnica:

Na conversa, F15 comentou sobre algumas realizações da Associação, tais como, conseguiram a regularização do trânsito no Pontal, tem planos para pintura do rol de entrada, posicionamento e inclusão de gelo baiano entre uma lombada e outra, entre outros, buscando atribuir o feito à Associação. O que aparentou é que todas essas providências haviam sido tomadas por iniciativa dela, pois algumas haviam sido mencionadas em reunião como sendo iniciativas desenvolvidas. Inclusive, durante a aplicação da *shadowing* para as providências a serem tomadas, ela tem saído sem o acompanhamento de outros membros da diretoria (Diário de campo).

No exercício da atividade da presidente, pôde ser percebido que decisões eram tomadas de forma individual, sendo apenas informadas durante os encontros das associadas. A referida situação, além de reiteradamente apontada em reuniões, apresentava-se evidente entre as associadas, conforme se percebe no discurso abaixo transcrito:

Rapaz... a estrutura... é aquilo lá. Não tem muito o que falar não sobre a estrutura. Porque é meio... é um trabalho... não é nem praticamente um trabalho. É só... é só pra dizer que... que tem ali. Porque quem vale mesmo ali é a presidente. Quem vale ali dentro da Associação é a presidente. O resto são funções... é só... pra encarregar a gente de fazer alguma coisa, mas... o cargo mesmo ali da... só quem vale é a presidente porque é ela que realmente faz tudo (Entrevistada F12).

Além das decisões e providências referentes à Associação, também pôde ser constatado que os contatos com os hotéis parceiros ou com novos clientes que procuravam a organização eram direcionados à presidente. Tanto ela era a responsável pelo acesso ao endereço eletrônico informado para contato, como o telefone utilizado para os contatos com os clientes e encomendas era o seu pessoal. Diante desses aspectos e com base na compreensão das práticas como ações espaço-temporais abertas (SCHATZKI, 2005), tem-se que a participação, ou não, do grupo nas decisões da Associação decorrem das práticas constitutivas do

organizing da Associação, nas quais se encontram inseridas tanto as ações das associadas, como as da presidente.

No caso, a carência de ações coletivas na organização era perceptível, o que decorria das práticas que compunham seu contexto. Inclusive, ao se buscar identificar ações organizacionais futuras, a resposta da presidente foi a seguinte: “Não tenho! Não me pergunte sobre planos, organização, não me pergunte se eu agendei reunião pra amanhã, não me pergunte se eu marquei com alguém pra semana, porque eu não vivo assim” (Diário de campo).

A presidente agia a partir de um lugar próprio (CERTEAU, 1998), demarcado pelos interesses coletivos da organização. Pôde ser percebido que sua forma de agir tanto atraía várias críticas, como manifestações de apoio, assim como uma necessidade de reconhecimento e valorização pelo empenho não reconhecido. Isso se percebe claramente pelas seguintes anotações do diário de campo:

A reunião foi extremamente tumultuada. De um lado, F15 pedia a colaboração do pessoal dizendo que amava o Pontal e que não era inimiga deles, mas sim uma amiga que estava lutando por eles. Por outro, reclamavam dela dizendo que ela não deixava ninguém falar e que só queria impor (Diário de campo).

Assim como Certeau (1998) apresenta em sua obra reflexões sobre a habilidade de grupos irem de encontro às forças sociais dominantes e opressoras, as críticas recebidas por parte da presidente refletem meios encontrados pelas associadas para se oporem à situação apresentada, resistindo às “maneiras de fazer” da presidente.

A *shadowing* também possibilitou a compreensão de que as ações relativas à pessoa da presidente da Associação dos Artesãos do bairro não se limitavam apenas à Associação, estendendo-se a toda a comunidade do Pontal da Barra. Seu modo de agir e de resolver os problemas do bairro demonstrava uma atuação não apenas como a presidente da Associação dos Artesãos locais, mas tal como se também fosse a presidente da Associação dos Moradores e Amigos do Pontal da Barra (AMAPA). Isso pôde ser constatado por suas palavras quando mencionou em reunião que estava tomando providências, junto às autoridades competentes, para a solicitação de melhorias para o trânsito local (Diário de campo). Especificamente em relação às suas funções como presidente da Associação dos Artesãos, ao descrever seu cotidiano relatou:

O meu dia a dia no Pontal é acordar, cuidar das minhas coisas aqui, e depois ver o que tem a ser feito, mas geralmente é mais a questão dos ônibus de turismo, se tá tudo bem, se tem algum problema. Se na hora do desembarque dos turistas tá tudo

certo, se o espaço está desocupado, se algum turista tá passando mal procurar socorrer e dar todo suporte aos guias e motoristas das agências de turismo, que é quem traz os nossos clientes (Entrevistada F15).

Conforme observado no discurso e anteriormente mencionado, a questão dos ônibus que se direcionavam ao bairro se apresentava como um fenômeno de preocupação relevante por parte da presidente e indispensável ao local, tendo em vista que o público transportado se caracterizava como essencial à dinâmica do artesanato do Pontal. Tal dinâmica exigia das associadas uma atuação por meio de ações adequadas à sua continuidade, caracterizadas por táticas e estratégias identificadas na subseção a seguir.

8.2 ESTRATÉGIAS E TÁTICAS ENTRE ARTESÃS ASSOCIADAS E CONCORRENTES

Ao mesmo tempo em que as identidades organizacionais são produzidas pelas redes e no interior destas (CZARNIAWSKA, 2004), existem aspectos relativos ao *sensemaking* presente no ambiente organizacional incorporados em determinados comportamentos. Diante disso, as referidas ações incorporam e manifestam o *sensemaking* existente na organização ao tempo em que compõem seu contexto. Considerando, portanto, que é através do *sensemaking* que os eventos podem ser considerados significativos, ou não, para a organização (CZARNIAWSKA, 2006), releva-se a importância de se considerar os aspectos comportamentais dos sujeitos compondo o ambiente organizacional e influenciando nas estratégias adotadas ao desenvolvimento de atividades em conformidade com os objetivos da organização.

Nessa lógica, as observações permitiram identificar que a possibilidade de realizar a exposição de produtos nos hotéis funcionava como uma estratégia adotada pela direção diante da percepção de formas para o alcance de objetivos organizacionais. Ao conseguir vincular um interesse em comum das associadas quanto à necessidade de obtenção de renda, a direção obtinha uma atuação coletiva para a manutenção de um serviço aos hotéis, oferecendo uma frequência de atividades em locais e horários preestabelecidos. Sendo assim, ao tempo em que a direção adotava estratégias com exigências e práticas punitivas para a continuidade das parcerias, ela também oferecia motivos às associadas para que continuassem participando:

Eu aproveito como eu posso, eu aproveito como eu posso. Porque a gente vai pros hotéis de manhã, é cansativo, é desgastante, mas eu tento aproveitar, porque eu sei que na loja pode vender e pode não vender, o hotel, ele assim; a gente tem uma

vantagem enorme no hotel, lá você tá só, o artesanato tá só. O turismo, o turista pega uma blusa sua, leva pro quarto, experimenta, se não gostou, ele desce, ele vê a artesã ali o dia todo, coisa que aqui a gente não acontece. Eles só dão, os guias só dão 40 minutos então o tempo é curto, são muitas lojas e aí fica até difícil pra eles escolher. Então lá a gente tem como aproveita melhor, a gente aproveita melhor. Porque aqui é uma loja em cima da outra menina, lá eu tô com exclusividade, sozinha dentro do hotel, então eu tento aproveitar da melhor maneira (Entrevistada F5).

Tendo em vista os benefícios recebidos, as associadas também passaram a adotar outras práticas como a participação em, no mínimo, 50% das reuniões do mês e o pagamento criterioso das mensalidades em troca de continuar participando do sorteio relativo à frequência das artesãs nos hotéis. Dessa forma, considerando que participar numa prática significa se vincular a uma linguagem profissional, controlar e utilizar regras (GHERARDI, 2000) tem-se que a adoção de novas práticas por parte das associadas confirma sua participação no jogo de linguagem da direção, com o respectivo domínio e utilização das regras estabelecidas para a continuidade da parceria.

Sempre sendo mencionada uma preocupação com a imagem da organização, outra estratégia também incentivada pela direção nas reuniões, era que as artesãs levassem seus teares aos hotéis, para a realização da atividade do bordado filé nos locais de venda. Tal prática era reconhecidamente eficaz para atrair a atenção dos turistas, o que se transformava até em uma atração. Desse modo, a organização buscava “acontecer”, evidenciando uma memória organizacional, ou seja, persistindo numa estrutura longitudinal de organização aliada a características que preservassem sua memória (SCHATZKI, 2006), de modo a contribuir na ocorrência de eventos em conformidade com a estratégia adotada.

Para Schatzki (2005), os conflitos humanos não são impedidos pelas articulações entre as práticas. Em vista disso, apesar da eficiência reconhecida da demonstração da atividade do bordado filé durante a venda, a ausência desta prática sempre era reivindicada nas reuniões, aparentando certo desinteresse por parte de algumas associadas quanto a seguir as orientações da direção. A referida falta de interesse apresentava conexão com ações indicativas de atendimento de interesses particulares das artesãs associadas à organização, gerando conflitos internos que se apresentavam nas reuniões.

Isso se percebeu uma vez que as práticas adotadas pela oportunidade de divulgar seu trabalho graças à Associação geralmente se voltavam para benefícios individuais ao invés de organizacionais. Exemplos disso se observa nos discursos abaixo, nos quais as artesãs buscavam justificar porque entendiam não ser viável compartilhar com a Associação possibilidades de trabalhos a serem desenvolvidos:

[...] você trabalhando em associação, eh... geralmente as demandas de associação só funcionam quando são demandas que a gente já está acostumado a fazer e que sabe que não erra [...] Diferente é você trabalhar com uma ideia [...] E colocar essa ideia para o tear e fazer aquela ideia se materializar da forma como... como você quer. Geralmente [...] os associados eles têm essa dificuldade de transcrever essa criatividade e até de receber esse pedido. Por isso que eu não acho viável passar uma produção dessa pra uma associação. A não ser que o pedido realmente fosse muito grande e eu tivesse um total controle do que estaria sendo feito, mas pra colocar na mão de cada um aquela ideia minuciosa ali, isso aí é praticamente inconcebível de se fazer [...] porque [...] são detalhes que fazem a diferença. [...] Se eu for trabalhar com a associação, eu não vou ter [...] esse critério, entende? Porque pode acontecer da peça chegar lá no cliente e ela voltar, que ela não vai passar pelo controle de qualidade exigido no pedido, entendeu? (Entrevistada F18).

Porque assim, a associação, vamos... eu não sou egoísta, mas vamos supor que você chega agora... “Ah! Aqui tem uma associação...”. Tem, eu faço parte, mas se você for pedir pra mim a responsabilidade é minha, não é da associação. Se eu passar pra associação, vou ter que passar pra você que no prazo a minha parte eu vou dar conta, mas eu não vou poder pagar pelos outros, tá entendendo? (Entrevistada F9).

Vale ressaltar que não se busca generalizar, mas apenas reconhecer a existência de uma situação organizacional encontrada, com consequências ao *organizing* da Associação. Na medida em que algumas associadas obtinham vantagens graças à existência do coletivo, não agiam como se fossem parte desse ambiente coletivo, aspecto que pode ser percebido pelas respostas das associadas.

Nessa medida, considerando que os contatos, encomendas e perspectivas de trabalho eram ampliados através das exposições nos hotéis, isso se refletia para a organização que era a responsável por essas possibilidades auferidas às artesãs. Tal reflexo, entretanto, ocorria num fluxo contrário ao desejado pela direção em decorrência das práticas das associadas para que os esforços fossem feitos para construir um sentido plausível do que estava acontecendo, e esse sentido de plausibilidade normalizava a violação, restaurava a expectativa e permitia que os projetos continuassem (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005) para as artesãs. Assim se percebia na medida em que eventuais encomendas recebidas durante as exposições nos hotéis não eram encaminhadas ao grupo para a divisão igualitária entre todas as associadas, mas aproveitadas individualmente.

Inclusive, quando da visita aos locais de exposição, a pesquisadora percebeu que cada artesã possuía seu próprio cartão de visita afastando sua relação com a organização quando da identificação material ao cliente. Entretanto, levando em conta que a co-presença constante da diversidade na construção da imagem organizacional é um elemento revelado na prática do *organizing* (CZARNIAWSKA, 2008), tal modo de agir também se inseria na dinâmica da Associação, ao tempo em que mesmo diante de uma identificação material individual elas também auxiliavam na construção da imagem organizacional.

Observou-se que este mesmo artefato poderia ser produzido em um modelo único, com o uso da logomarca para uma utilização em conjunto, possibilitando a identificação pessoal da artesã vinculada à Associação, uma vez que quando da exposição de seus produtos nos hotéis elas ali se encontravam representando uma organização. Entende-se, portanto, que quando de suas presenças nos hotéis, as artesãs se inseriam em um “lugar próprio” (CERTEAU, 1998) no qual agiam por meio de ações, atuantes dentro de uma coletividade, mas esse lugar era transgredido por ações das participantes, que se articulavam em táticas, por exemplo, fazer a divulgação da sua loja e não da Associação ou do artesanato no Pontal como um todo, receber encomendas de produtos e “esquecer” de informar às outras participantes.

Nessa lógica, ao tempo em que a Associação das artesãs legitimava um “lugar próprio” (CERTEAU, 1998) onde novos contatos e encomendas eram obtidas, algumas artesãs agiam com astúcia por meio de táticas. Estas, por sua vez, não se inserindo numa dinâmica em conformidade com os objetivos da organização colaboravam, ao seu modo, ao *organizing* da Associação, pela atuação de bricolagens (CERTEAU, 1998), em que as práticas se davam pelo atendimento de interesses particulares.

Observe-se, que apesar da atuação por meio de táticas, as artesãs continuavam a fazer parte de um grupo social e assim, ocorria uma manutenção da identidade do grupo a qual não era negada. Essa identidade, entretanto, tem uma dinâmica própria que foge da ideia homogênea de identidade organizacional da abordagem funcionalista em que todos os membros organizacionais deveriam assumir como sendo sua (a identidade organizacional) de maneira totalmente integrada.

Nesse ponto de vista, o sentimento de ser “cada um é por si” (Entrevistada F14) em um ambiente organizacional, pode incorrer em duas situações. Primeiramente, afastar a formação de uma rede de relações a ser composta em decorrência das práticas dos indivíduos, evitando uma maior colaboração entre eles na dinâmica organizacional da qual fazem parte. Segundo, atrair um comportamento voltado para aspectos relacionados com a sobrevivência. Nesse último caso, uma vez que essas artesãs não se limitavam a uma rede de ação organizacional, mas também se encontravam inseridas na rede existente na comunidade do Pontal da Barra, aspectos comportamentais relacionados a essa comunidade também se relacionavam às artesãs associadas, dentre esses aspectos, a competição entre as filezeiras do Pontal da Barra. Isso se percebe no seguinte comentário sobre as artesãs do bairro, advindo de um membro associado:

É... de união né, principalmente de união entre as pessoas no nosso bairro também acho que precisa mais de união. Que as pessoas tem para olhar pra o seu umbigo e não tentar ver.... só cuidar da sua vida e não de ver a vida dos outros. Nossa, precisa um pouco as pessoas ver isso aqui no Pontal, entendeu? [...] Porque as pessoas aqui são muito assim mais... acham que se você comprou um carro, se você tem uma, se você tem isso ou aquilo você... de onde tá vindo? Entendeu? [...] Falta união aqui, falta bastante (Entrevistada F2).

Não significa dizer que a competição era tida como absoluta entre as artesãs associadas, assim como também não o foi na comunidade. O que aqui se observa é que ela deveria ser reconhecida na realidade organizacional encontrada para uma melhor avaliação de suas consequências no *organizing* que envolve seu contexto.

Assim como ocorria entre as filezeiras da comunidade do Pontal da Barra, o filé advindo do Ceará também era considerado pelos membros da Associação dos Artesãos como um dos principais concorrentes de seu artesanato. Este vinha acompanhado de outro, identificado pelo artesanato produzido pelo Inbordal. Observou-se que ocorria certa confusão entre as artesãs da comunidade quando se mencionava o nome Inbordal, comumente denominado pelas filezeiras como IG, cuja sigla diz respeito à certificação recebida (BRASIL, 2016). Portanto, quando do questionamento a respeito dos concorrentes da Associação, uma das respostas foi a seguinte:

Esse grupo, IG... é só... só o que... só, é somente! E o filé de Fortaleza, porque é um concorrente da gente. O filé de Fortaleza. Porque a gente faz aqui com linha, 100% algodão, e o filé de Fortaleza é cordão, então ele ganha muito... aqui tem pessoas que vende, porque ele sai mais barato, mais em conta e tal, e é um grande concorrente. E se não... não... não ficar de olho nem tomar conta o filé de Fortaleza passa. Por isso que a preocupação era de ter o selo do... do... do... do que indicasse o filé, porque... o de Fortaleza “tem bastante por aqui”! (com ênfase) (Entrevistada F12).

Outros concorrentes mencionados pelas associadas foram as feiras de artesanato existentes na cidade e os próprios membros da Associação: “é artesão por artesão mesmo aqui, porque cada um que quer pegar mais encomenda do que o outro. É!” (Entrevistada F14).

O referido entendimento é reforçado diante do comportamento percebido em uma das reuniões quando da negativa de padronização de valores dos produtos a serem vendidos nos hotéis. Mesmo o assunto tendo sido posto em pauta devido a um problema ocorrido em um dos hotéis parceiros, a alegação de que “cada uma tinha o direito de vender no valor que quisesse, de acordo com suas possibilidades” (Diário de campo) prevaleceu sobre a sugestão de padronização de preços por parte da direção, que objetivava evitar mais constrangimentos entre os próprios membros do grupo, além de buscar uma preservação da imagem da Associação. Dessa forma, observou-se que os interesses individuais prevaleciam como um

comportamento voltado para a sobrevivência de cada associada que compunha a organização, afastando a caracterização de associadas e atraindo a de concorrentes.

Esta concorrência, tanto compunha o *organizing* da Associação, como limitava a sua “rede de ação” (CZARNIAWSKA, 2004). Isso se dava uma vez que as relações comerciais obtidas, em muitas oportunidades, não alcançavam a Associação, pois mesmo compondo a rede de ação de uma artesã associada, esta limitava o acesso direto das outras associadas à rede, ainda que a relação comercial tenha surgido por meio da associação. Essa dificuldade é reconhecida por membros organizacionais, uma vez que um deles, ao ser questionado sobre as dificuldades encontradas pela Associação, deu a seguinte resposta:

Dificuldade da Associação? Eu acho que aqui... nossa maior dificuldade é que o pessoal não se reúne em prol de uma coisa só. Elas não... ah o pessoal daqui... é muito desunido. Não são todos, que mesmo que falte turista aqui, mesmo que não tenha ninguém, ele... tem gente que não se reúne com quem tá à frente pra tentar melhoria, pra botar turista aqui dentro, não cai, não vai junto, não entra junto, não... então a maior dificuldade é essa, da Associação (Entrevistada F12).

Apesar de todas as dificuldades encontradas, o fato é que a Associação representava a oferta de um trabalho **coletivo**. Tendo em vista a complexidade atuante no ambiente organizacional analisado, partiu-se do princípio que “uma mesma organização pode ser organizada de inúmeras formas ao mesmo tempo, sendo que algumas vezes estas formas coincidem enquanto em outras disputam e competem. Suas fronteiras não são claramente delimitadas, mas são fluídas” (ALCADIPANI; TURETA, 2009, p. 656).

Por meio dos aspectos observados, dá-se destaque à palavra fluidez no ambiente organizacional analisado, considerando a existência de táticas e estratégias adotadas por parte dos membros com consequências à Associação. Isso se percebe diante da manutenção de uma identidade organizacional permeada de circunstâncias e dificuldades relacionadas a uma relativa união entre os membros, principalmente os da diretoria, considerando toda a heterogeneidade que faz parte da realidade existente no contexto observado.

Dessa forma, sendo vista como um grupo dentro da comunidade do Pontal da Barra, a Associação dos Artesãos enfrentava, além de uma concorrência interna, outra externa, acompanhada de desconfianças e expectativas por parte dos habitantes locais, o que será abordado na seção a seguir.

9 DÚVIDAS E EXPECTATIVAS ENCONTRADAS NA COMUNIDADE ARTESÃ

Esta seção busca abordar aspectos presentes no cotidiano local atuantes na dinâmica do bairro do Pontal da Barra em um contexto envolvendo tanto a comunidade, como a Associação dos artesãos do bairro.

Foi percebido que a ausência de uma sede para a Associação, aliada a outros fatores mencionados a seguir, repercutiam no que dizem respeito às artesãs associadas, assim como na comunidade do Pontal da Barra, incorrendo em significados que permeavam o contexto existente, em ambos os casos.

O fato da Associação não possuir uma estrutura física, dificultava uma visualização da comunidade sobre a sua organização. Tal afirmativa se sustenta considerando a ideia de que “fazer sentido é conectar o abstrato com o concreto” (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, p. 412, tradução nossa), de modo que essa conexão é que torna possível uma interpretação por parte dos sujeitos. Dessa forma, a inexistência de um elemento não humano representado na “sede” tanto inibia uma interpretação aos habitantes locais sobre a Associação como a percepção destes sobre a existência de um trabalho coletivo voltado para as artesãs do Pontal da Barra. Tais aspectos possivelmente se apresentavam como fatores que atrapalham a divulgação de propostas voltadas para a captação de novos associados, na medida em que há uma dificuldade de conhecimento das artesãs do bairro sobre a dinâmica organizacional e das práticas envolvidas.

Ao tempo em que o quantitativo de associadas se apresentava muito inferior ao de artesãs de filé no Pontal da Barra, a visão acerca da existência de favorecimento a um pequeno grupo por parte da Associação confundia a imagem da organização diante da comunidade. Aspecto observado pelo seguinte relato de uma filezeira não associada, quando do questionamento sobre as dificuldades encontradas pelo artesanato filé do Pontal: “A dificuldade aqui eu acho que é a divulgação. E ôta, porque a presidente não se preocupa com todas as artesãs, ela tem o grupo dela, então fica difícil pra você... entendeu?” (Entrevistada F8).

Ressalta-se o fato de não afirmar que o discurso acima transcrito reflete a realidade apresentada sobre a forma de agir da presidente da Associação. Procura-se apenas a

identificação de que essa percepção existe dentro da realidade da comunidade local, fazendo parte de sua dinâmica.

Além das parcerias com os hotéis se tratarem de uma contribuição voltada apenas para as associadas, as conversas informais revelaram o entendimento, por parte de outras artesãs da comunidade, de que essas parcerias estariam retirando clientes do comércio do Pontal (Diário de campo), haja vista que a disponibilidade do artesanato no hotel possivelmente afastava a necessidade do turista ir ao bairro, visitar as lojas e conhecer a cultura local. Apesar de não ser tida como uma verdade absoluta, essa percepção corrobora o relato de uma filezeira associada ao mencionar o seguinte:

A contribuição hoje principal que a associação daqui tem contribuindo melhor, em termo de... de retorno financeiro, é a parceria com os hotéis que... que levam a gente para mais próximo do turista e faz com que lá a gente possa vender melhor, ser valorizado, assim, melhor também pelo turista que vem de fora, que muitos deles não têm a oportunidade de vir no Pontal. (Entrevistada F18).

Pôde ser notado que essa percepção produzia um sentimento de dúvida direcionado à Associação, ao tempo em que atraía o significado de uma organização concorrente ao comércio do bairro. Essa desconfiança era reforçada na medida em que se percebia a existência de “relações de poder” (CERTEAU, 1998) entre as artesãs do Pontal da Barra. Enquanto entendiam que o artesanato filé do bairro estava sendo reprimido pelas atividades de parceria da Associação, a organização atuava como uma força social opressora ao artesanato local. As associadas eram vistas por algumas como artesãs privilegiadas, considerando o entendimento de que detinham um poder de venda maior que o das demais.

Apesar das filezeiras da comunidade julgarem as associadas como privilegiadas, observou-se a existência de uma contribuição ao fluxo do *organizing* do artesanato analisado, encontrado na relação entre a Associação, os hotéis, os clientes e o comércio do Pontal da Barra. Isso decorre do reconhecimento quanto à possibilidade de divulgação do artesanato do bairro nos hotéis, despertando no cliente a curiosidade de visita ao local e, desse modo, colaborando com o turismo cultural. Assim, tendo em vista duas percepções distintas quanto às consequências dessa parceria ao comércio local, não há como identificar suas consequências exatas na comunidade do Pontal da Barra sem a realização de um estudo específico.

Percebeu-se pela situação apresentada que a impossibilidade de geração do conhecimento na comunidade era em decorrência da inviabilidade de práticas em comum que tornassem possível o desenvolvimento satisfatório do processo do *organizing* no artesanato local. Essa

inviabilidade, no caso, advinha das artesãs da comunidade, diante da visão concorrente produzida sobre a organização.

Durante o período de observação, notou-se que as articulações da associação giravam em torno da parceria com os hotéis (era isso ou providências relacionadas a alguma feira), de modo que esse aspecto atrai a necessidade de análise de toda a gama de conexões possíveis (CZARNIAWSKA, 2004) no que se vincula à comunidade. Portanto, um último ponto que se destaca na contribuição da Associação à rede de ação do artesanato local é a possibilidade de aproximação do artesanato do bairro com os turistas dos hotéis da cidade.

Considerando os potenciais efeitos das ações da Associação sobre o bairro, a relação entre a organização e os turistas era reforçada, assim como possibilitava a construção de novas relações através das artesãs atuantes nos hotéis parceiros. Tais relações se estabeleciam entre as artesãs e os turistas, e entre elas e os profissionais da rede hoteleira da cidade, incluindo-os na rede e na dinâmica do artesanato do bairro que elas representavam.

Além das atividades realizadas pela Associação, outro ponto gerador de vários significados decorria das percepções das artesãs da comunidade em relação à Associação e seus membros. Fato que pode ser percebido no relato abaixo, o qual tanto representa aspectos notados no decorrer das observações, como traz uma compreensão esclarecedora sobre a situação entre a organização e a comunidade local:

Muita gente também não participa porque não tem afinidade ou tem alguma indiferença com alguém que participa da liderança e não tem a confiança necessária pra... pra ceder a essas pessoas, né? As pessoas não sabem diferenciar assim, às vezes um assunto pessoal, um problema que possa ter ocorrido com o profissional, mas isso é questão também de postura, de maturidade e de gestão da associação em querer mudar essa cultura, né? Só que infelizmente, o incentivo que a associação tem dado pra novos entrantes, ainda é pouco, né? Ainda não é muito claro o papel da associação pras outras artesãs. Talvez se eles, eh... vessem ou fosse divulgado o resultado real de fazer parte de uma associação positivamente, talvez eles mudassem de visão e talvez eles aderissem com mais facilidade a associação. E muitos simplesmente pela barreira de ter que contribuir mensalmente, já também já não quer fazer parte, porque tem dinheiro e acha que tudo tem que ser de graça. (Entrevistada F18).

Partindo-se do relato, inicialmente se percebia falta de afinidade com alguns membros associados, o que dificultava a adesão de novos membros à organização. Tal aspecto, bastante perceptível nas entrevistas, resultava num *sensemaking* que afetava a associação de novas artesãs, uma vez que a referida produção de sentido fazia parte da comunicação envolvida entre a Associação e a comunidade.

Relacionado à comunicação, Wilhoit e Kisselburgh (2015) ensinam que estudar as organizações requer tanto um olhar sobre as atividades e intenções humanas como também a observância dos efeitos materiais. Ainda segundo os autores, os efeitos materiais podem omitir relações aparentes com a atividade, comunicação ou intenção humana. Diante disso, observou-se uma necessidade por parte das artesãs locais quanto à constatação de benefícios materiais obtidos através da Associação. Tais benefícios, acaso existentes e revertidos em ganhos materiais às filezeiras, ofereceriam potencial de auxílio na comunicação entre a Associação e o bairro, ao tempo em que possivelmente remeteria a uma produção de sentido quanto aos benefícios de ser uma associada.

A manifestação do significado relacionado a um trabalho coletivo que poderia ser realizado pela Associação se evidenciou pela percepção de ações que trariam benefícios a todo o artesanato do Pontal da Barra. Dentre eles se destacou a obtenção de matéria-prima a um baixo custo para a produção do artesanato das artesãs de filé do Pontal. Desse modo, linhas e redes seriam adquiridas a preços menos elevados, questão que se apresentou como sendo de fundamental importância para as artesãs locais, visto a menção por parte da maioria das entrevistadas, associadas ou não.

Tal questão também revelou uma necessidade que poderia resultar em outras ações a serem adotadas pela Associação, ao tempo em que várias ideias foram citadas, dentre elas: “Eu acredito assim, se tivesse umas pessoas que pudessem juntar né? Fazer um grupo de pessoas e pudesse comprar diretamente da fábrica, aí já diminuiria, né?” (Entrevistada F17).

Eu acho, eu assim, eu penso muito no aeroporto. Aeroporto, orla, divulgação de... Associação de divulgação... eu já falei, já falei com [...] sobre isso, panfletozinho. Panfletar, panfletar entendeu? Eu já falei com ela. Isso é uma ideia minha que eu tenho isso há muito tempo, muito tempo, muito tempo. Vamos ver uma pessoa no dia da semana, vamos ver um grupo pra fechar, qual o dia que vai chegar um grupo bom? [...]... sei lá, tem que ver, vamos tentar correr atrás, agências, tem muitas agências aí que poderia entrar com uma parceria, pra tentar, entendeu? Pra tentar, pra o turista não vir só pra passear (Entrevistada F2).

Contribuir mais como divulgar, trazer... trazer eventos, voltar Noite do Pontal da Barra, que já teve. [...]... durante o dia os turistas vim aqui, os turistas que vinham de dia, de noite vinha novamente aqui, com o grupo folclórico aqui na praça, uma semana o Fandango, outra semana a Baiana aí... aí na praça. Atrativo aqui pra... se as lojas já tão abertas, uma vez na semana vê o dia que tem mais turista nos hotéis no final de semana, pra ir... pra ir pra cá e... como é que se diz? À noite... vender durante o dia e vender a noite também (Entrevistada F6).

Considerando eventual atendimento das reivindicações das artesãs locais, a percepção das artesãs de filé do Pontal da Barra relativa à Associação possivelmente seria modificada, trazendo resultados diretamente incidentes no *organizing*. Tal raciocínio deriva do

entendimento de que, ao mesmo tempo em que necessidades fundamentais das artesãs associadas estariam sendo atendidas, a comunicação seria facilitada, uma vez que uma linguagem em comum seria desenvolvida.

Tal compreensão tem como base a abordagem *certeauniana* no sentido de que a linguagem existente no bairro resultava de um conjunto de práticas direcionadas ao artesanato filé do Pontal da Barra. Assim, na medida em que, para Certeau (1998, p. 40), o ato de falar “opera no campo de um sistema linguístico; [...] instaura um presente relativo a um momento e a um lugar; e estabelece um contrato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações”, a realidade encontrada, observou uma diversidade de linguagens entre as artesãs da comunidade e as da Associação das quais, entretanto, algumas ofereciam limitações ao desenvolvimento de práticas colaborativas ao artesanato local.

Nessa ótica, o entendimento voltado para o desenvolvimento de um trabalho coletivo cujo potencial se apresentava limitado, tinha os mencionados conflitos como um dos elementos limitantes. Estes, de maneira heterogênea, contrapõem-se às ações coletivas, destacando o embate entre poder e resistência, estratégia e tática, presentes na abordagem de Certeau (1998). A ausência de auxílios internos que, no caso, poderiam advir da Associação dos Artesãos, tanto desmotivavam a adesão de novas associadas quanto reforçavam as construções sociais encontradas na comunidade sobre a dependência de auxílio, seja da Associação, ou de outra origem qualquer.

Referidas construções diziam respeito a uma percepção coletiva de que a comunidade precisava ser economicamente auxiliada para que o artesanato local pudesse se desenvolver. Essas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998) no cotidiano direcionavam as artesãs a reações contra as forças opressoras presentes em seu artesanato. Tais maneiras podem ser observadas na percepção abaixo transcrita sobre as artesãs locais, advinda da presidente da Associação:

São pessoas maravilhosas, mas são pessoas paradas no tempo. Eu fico quase que todo dia conversando com uma, com outra, eu passo nas lojas. Eu tento mostrar a elas que a vida não é só abrir a loja, esperar o turista, vender, teve o dinheiro de pagar as contas, depois vai pra casa cuidar da família e bordar, né? Para poder produzir pra loja. Mas ah... é muito mais do que isso, né? Tem que continuar aprendendo e tem que viver, não pode viver estagnado. Então tem que correr atrás. Como o curso de francês que a gente tem, já tivemos curso de inglês durante três anos, já tivemos aqui vários cursos de capacitação, mas nem todas gostam de participar. “Ah! Não tenho cabeça pra estudar não. Ah! Não tenho cabeça pra isso”. Aí eu digo pra elas que elas não são robôs, que elas são seres humanos, que elas têm que aprender todos os dias (Entrevistada F15).

O discurso permite compreender que existia uma ausência de iniciativa por parte das artesãs para tornar atuante a capacidade de adaptação dos indivíduos diante das dificuldades encontradas. Considerando que se encontravam inseridas num grupo social, a adoção de práticas coletivas teria o potencial de tornar possível a produção do conhecimento por parte do grupo, entretanto, em decorrência do cargo ocupado, a presidente é a manifestação do poder da associação em “um lugar próprio”. Declaradas contraparte das ações coletivas, as artesãs da comunidade estariam reagindo contra as forças opressoras (CERTEAU, 1998).

Desse modo, ao invés de uma atuação por meio de “trampolinagens” (CERTEAU, 1998) dotadas de ações coletivas refletidas num artesanato representativo de manifestações culturais, elas optavam, em sua maioria, por ficar no aguardo de ações da Associação ou de auxílios econômicos do Governo ou da Braskem S/A no lugar de uma maior atuação em ações coletivas.

O trabalho realizado pelas artesãs do Pontal da Barra já era reconhecido pela sociedade local. Apesar de tal reconhecimento, as dificuldades encontradas pelo aumento da concorrência, conflitos internos e atual conjuntura social encontrada na sociedade exigem ações coletivas que conduzam a um direcionamento de continuidade de luta pela sobrevivência, aspecto que se apresentava deficiente na comunidade do bairro.

Apesar da gama de conflitos percebidos no contexto do artesanato do Pontal da Barra, o *sensemaking* que envolvia sua produção encontrava aspectos que ofereciam benefícios às artesãs. Isso foi observado tendo em vista que as sensações percebidas na produção do bordado filé as auxiliavam cotidianamente no que diz respeito à realidade encontrada, colaborando na luta cotidiana pela sobrevivência. Esses benefícios, envolvendo uma sociomaterialidade percebida no artesanato local, passam a ser abordados na seção a seguir.

10 A SOCIOMATERIALIDADE OPERANTE NO ARTESANATO BORDADO FILÉ DO PONTAL DA BARRA

Além de contribuir com o processo de *organizing* do artesanato local, as práticas das filezeiras produziam uma realidade direcionada à dinâmica do bairro, na qual atores sociais humanos e não humanos, inseridos no ambiente da Associação dos artesãos e da comunidade, compunham uma realidade local. Nesse contexto, uma resposta em comum advinda de todas as artesãs entrevistadas, era o entendimento de que o artesanato bordado filé do Pontal da Barra “não existiria” se não fossem os artefatos utilizados para a realização da atividade. Outro ponto em comum dizia respeito aos efeitos no corpo e na mente das artesãs, decorrentes da produção da atividade pela manipulação dos artefatos. Os referidos aspectos são abordados nesta seção.

10.1 OS ELEMENTOS NÃO HUMANOS E SUA SIGNIFICÂNCIA NO ARTESANATO BORDADO FILÉ DO PONTAL DA BARRA

Ao discorrer acerca da ação, Czarniawska (2004) destaca a presença, ou não, da intenção na ação tanto dos humanos, quanto dos não humanos, visto que, segundo a autora, a intenção pode também deixar de existir em quaisquer dos atores sociais. De maneira convergente a essa ótica, durante o período de observação se identificou a ocorrência de conflitos internos, envolvendo os atores sociais humanos e não humanos, independente de existência de intenção na ação dos atores.

No que diz respeito aos atores não humanos no contexto da Associação dos artesãos do bairro, em várias oportunidades a comunicação realizada entre os membros durante as reuniões da Associação resultava em desarmonias e ambiguidades, aspectos que motivaram o afastamento das proprietárias das lojas onde se dava a observação participante (Diário de campo). Essas mesmas desarmonias e ambiguidades foram identificadas em outras manifestações relacionadas aos atores sociais, por exemplo, quando da utilização do aplicativo WhatsApp.

Observou-se que a intenção das ações dos sujeitos, ao inserirem alguns comentários no grupo criado para a comunicação dos membros, era, por vezes, motivo de conflitos internos que geralmente eram expostos durante as reuniões. O referido aplicativo era o meio mais utilizado

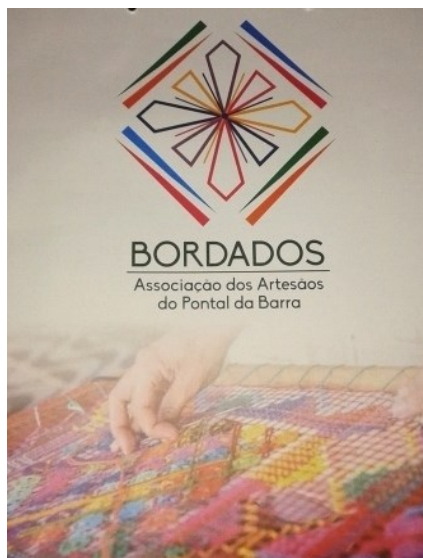
para a comunicação na Organização. Isso decorria, principalmente, pelo fato de que o horário e local de realização das reuniões sempre eram informados no mesmo dia do evento, incorrendo numa relação de dependência com este ator social não humano.

Outro elemento não humano bastante mencionado em reunião, mas pouco utilizado, constitui-se pelas atas de reunião. O enfoque relativo a este elemento se dá na medida em que ele se limitava à anotação, em um livro, dos pontos a serem discutidos no dia e na assinatura de uma lista de presença. Desse modo, nenhuma anotação sobre decisões, acontecimentos ou planejamentos eram registrados em ata, apesar das reiteradas solicitações, por parte das associadas para que isso fosse feito.

Nessa ótica, a informalidade existente nas reuniões se apresentava como outro motivo de conflito interno, tendo em vista que a ausência de registro dificultava a dinâmica organizacional pela incerteza quanto às decisões e atividades anteriores realizadas pela associação (Diário de campo). Diante disso, observou-se certa carência de convergência de interesses associados entre os sujeitos. Os significados gerados, em várias oportunidades, não eram equivalentes, resultando em induções diversificadas e geradoras de conflitos que dificultavam a dinâmica das ações da Associação, tanto no ambiente organizacional interno, como no externo.

Apesar dos conflitos internos existentes, foram identificadas iniciativas que buscavam demarcar o lugar da associação. Isso foi observado quando da inclusão de um outro elemento não humano no período de observação, o qual contribuiu para uma identidade organizacional, o logotipo da Associação, apresentado na Fotografia 11. Ele foi providenciado pela presidente quando da participação da entidade numa feira de artesanato em outro estado.

Fotografia 11 – Logotipo da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra impresso em sacolas para utilização em feiras



Fonte: Autora, 2016.

O logotipo foi aprovado pelas associadas quando de sua apresentação em reunião e a criação do logotipo gerou expectativas nas associadas. Tais expectativas incidiram diretamente na possibilidade de melhoria da imagem da Associação e, conseqüentemente, em contribuição para a demarcação de seu lugar, o qual auxilia, portanto, na construção da identidade organizacional e influencia no *sensemaking* das associadas.

O *sensemaking* se encontra diretamente ligado à identidade dos atores organizacionais e se destaca naquilo que as pessoas pensam sobre elas (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005). Em vista disso, o ânimo entre as associadas quando da apresentação do logotipo em reunião foi bastante perceptível diante da perspectiva de uma boa impressão aos clientes e potenciais consumidores. Nessa medida, considerando as reações das associadas quanto à boa imagem a ser transmitida, observou-se uma influência da logomarca contribuindo na alteração contínua da identidade dos membros associados à organização.

Segundo Alcadipani e Tureta (2009, p. 656), “uma organização é algo extremamente complexo e multifacetado, sendo o resultado de diferentes e heterogêneos processos que, muitas vezes, não possuem coerência entre si, embora preservem alguma identidade em comum”. Tais características descrevem o ambiente organizacional encontrado, ao tempo em que as diversas ações das filezeiras, diferentes e heterogêneas entre si, caracterizando-se por estratégias ou táticas com interesses independentes, encontravam motivos para a preservação de uma identidade organizacional.

Indo além da participação na construção da identidade organizacional, os elementos não humanos se encontravam presentes na dinâmica do cotidiano do comércio local. Isso se depreende considerando que eles são tidos como colaboradores da atividade humana ao tempo em que se destacam pela presença e movimento espacial, compondo a organização (WILHOIT; KISSELBURGH, 2015). Assim se percebeu através da observação participante, por meio da qual se notou que a comunicação pelo aplicativo WhatsApp colaborava diariamente na informação relativa aos ônibus que se encaminhariam ao bairro.

A importância dessa informação se destaca pelo fato de que ela atuava no *sensemaking* das artesãs, tendo em vista que a presença de grupos turísticos ao bairro motivava seu trabalho. Nessa acepção, a utilização do aplicativo com a resultante informação recebida, funcionava como um incentivo por meio de expectativa de venda. Tais perspectivas, infelizmente, não eram percebidas pela maioria, incluindo-se as proprietárias das lojas de observação participante, na medida em que optavam por apenas aguardar a vinda dos clientes.

De acordo com algumas artesãs, principalmente as mais antigas, as interferências dos elementos não humanos traziam sequelas, incidentes tanto no processo de produção, quanto no que diz respeito à interação:

Mas hoje não se vê mais ninguém com tear, assim, na porta, como antigamente de noite aquela turma, quando eu botava aqui minhas filhas tudinho pra trabalhar, e era numa casa... coisa pra poder fazer isso aqui. Porque eu fiz isso aqui foi suado, trabalhando pra ter meus filho, tudo pra trabalhar eu botava. [...] É celular, computador, televisão. A televisão, não, porque eu assisto a televisão, mas... mas... mas faço. A minha filha faz, assiste televisão mas é fazendo. Mas outras pessoas, não. É... é só é ali na... no... pronto, a minha neta mesmo, essa daí, ela não quis... nunca mais! E eu ensino, olha que eu só ensino, faça isso. Faz aquele pedacinho, para, por causa do celular. Não é verdade? É! As mensagem, né? (Entrevistada F13)

Observou-se que, de acordo com a entrevistada, as opções tecnológicas, anteriormente inexistentes, passaram a contribuir em dois fatores: o primeiro, para um afastamento do convívio comunitário entre as artesãs; o segundo, dificultar o processo de produção entre as novas gerações. As conversas informais também permitiram a confirmação desses fatores, aliado ao aspecto de que grande parte dos sujeitos da nova geração não pretendiam ter o artesanato como uma fonte de renda, mas apenas como um complemento de renda a ser buscado em último caso. As redes sociais, por sua vez, não se apresentaram relevantes no *organizing* local tendo em vista a utilização não absoluta, particular e independente das filezeiras, relativa à sua atividade.

Quando do questionamento sobre os objetos indispensáveis ao desenvolvimento da atividade do bordado filé, as entrevistadas mencionaram os seguintes: a agulha, a linha, a rede e o tear. Quanto à tesoura, foi percebido que se caracterizava por um artefato não mencionado, mas bastante adotado devido à sua utilidade. Apenas duas delas também incluíram a fita métrica, justamente aquelas que trabalhavam segundo os padrões exigidos pela certificação recebida do INPI. A relação existente entre a prática desenvolvida e os objetos pode ser percebida no relato abaixo:

Os objetos...? Primeiramente o tear, sem o tear você não trabalha, sem o tear você não trabalha. Tem que... se não tem um que preste, manda fazer um bonitinho, organizadinho pa trabalhar, né? Tem que ter o material, tem que ter a linha, tem que ter a rede, sem a rede e sem a linha você não trabalha, né isso? A agulha, a agulha... sem agulha você não trabalha, só com ar mão e os dedo você não trabalha, tem que ter agulha. Já prestou atenção, né, alguém trabalhando por aí? (Entrevistada F3)

O entendimento referente à impossibilidade da prática diante da inexistência dos artefatos novamente demonstra a relevância dos elementos não humanos no *organizing* do artesanato bordado filé do Pontal da Barra. Ao tempo em que a realização do trabalho das filezeiras dependia de que elas obtivessem os materiais para o desenvolvimento de seu ofício, essa ideia condiz com a compreensão de que as práticas relativas ao artesanato bordado filé se apresentam “emaranhadas ao social e ao material na vida organizacional cotidiana” (ORLIKOWSKI, 2007, p. 1438, tradução nossa).

Reforçando tal afirmativa, a relação da atividade com os elementos não humanos não se limitava apenas à realização de tarefas, mas também se estendia às “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998) o bordado. Isso se dava “porque se você não aprende os jogos das, das cores da linha você não faz um filé bonito” (Entrevistada F1). À vista disso, a utilização das cores se apresentava como um fator importante à beleza da peça, fazendo parte do processo de produção e atuando como um incentivo ao trabalho da artesã, tendo em vista a colaboração proporcionada no que diz respeito à obtenção de renda:

O colorido... as cores da linha vivas são muito importante. A gente vende também muito assim também, porque o pessoal quando ver assim uma cor assim... você também tem que saber fazer a combinação, né? A combinação das cores, aí chama muita atenção. A gente já vende às vezes até no tear, até no tear você vende, tá entendendo? Você vende no tear, porque elas acham logo bonito [...] (Entrevistada F3).

Tendo sido observados aspectos em que se destacava a atuação dos não humanos na dinâmica do cotidiano analisado, nota-se, entretanto, que a significância destes no artesanato bordado filé do Pontal da Barra não se limitava aos aspectos mencionados. Considerando-se que “as cores exercem grande influência no ambiente, modificando-o, animando-o ou transformando-

o, e assim, podem alterar a comunicação, as atitudes e a aparência das pessoas presentes, pois todos nós temos reações às cores” (BOCCANERA, N.; BOCCANERA, S.; BARBOSA, 2006, p. 344), percebeu-se, que sua utilização envolvia efeitos no corpo, na mente e na produção do conhecimento dessa atividade artesanal, o que será explorado na subseção a seguir.

10.2 O BORDADO FILÉ COM EFEITOS NO CORPO, NA MENTE E NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

O aspecto relacionado com as cores não se limitava a uma questão econômica, mas também atuava na criatividade da artesã. Grande parte das entrevistadas mencionou que o artesanato bordado filé lhes proporcionava a oportunidade da criação:

O prazer de acordar de manhã e ver coisas bonitas. Ver o turista chegar... que trabalho bonito, quero isso aqui, quero aquilo. Sei lá, gostar do colorido, das cores, entendeu? E assim, mudança de cores, porque a gente muda muito, de criação de desenho, de, de, criatividade, de tentar mudar, fazer coisa diferente. Entendeu? Todo dia acorda e vai fazer um desenho diferente. Ah, vou dormir, eita! Será que fica bem aquela cor, com aquela cor? Eita! Ficou bom! Tudo isso é.... você pensar o que é que você vai fazer amanhã, com a combinação de cores do filé (Entrevistada F2).

Tendo em vista que as cores produzem efeitos nos humanos, interferem em seus físicos e possuem capacidade de influenciar na mente e emoção dos sujeitos (BOCCANERA, N.; BOCCANERA, S.; BARBOSA, 2006), a liberdade proporcionada pela prática da atividade, deixando a artesã livre para utilizar as cores e os pontos desejados, colaborava em seu processo produtivo uma vez que “o pensamento e o sentimento estão contidos no processo do fazer” (SENNETT, 2009, p.17).

Apesar do artesanato bordado filé se caracterizar como um meio de sobrevivência para as artesãs, foi percebido que ele também representava um sentimento de bem-estar: “É, faço! E faço com prazer, porque faço o que gosto, né? A gente gosta de trabalhar no filé. Quando a gente tá sem nenhum esticado no tear, a gente sente falta” (Entrevistada F3). Esse bem-estar não se limitava apenas a se sentir bem, mas de uma forma a auxiliá-las a enfrentar os problemas do cotidiano:

A maior terapia do mundo, eu quando estou sentada, é incrível, eu quando eu estou sentada fazendo o meu filé, eu acabo esquecendo todos os meus problemas, inclusive os meus problemas maior, maior que são pagamento mesmo da loja, compromisso da loja, né? Que é pagamento do fornecedor, pagamento das meninas, usar a terapia não tem coisa melhor! Não tem coisa melhor, quem bem soubesse

nunca deixaria de fazer um trabalho assim, seja qualquer tipo de trabalho artesanal é uma terapia... (Entrevistada F5).

Não negando que o filé também representava a sua sobrevivência, a identificação da atividade como terapia foi unânime entre as entrevistadas. A referida identificação, entretanto, encontrava-se vinculada ao tempo dedicado à prática, tendo em conta as particularidades físicas e psicológicas de cada artesã, as quais compunham um conjunto:

[...] o compromisso que eu quero é com, com o meu filé, eu não quero pegar compromisso dos outros, de repente uma pessoa me pega assim, “eu quero cinquenta peças pra daqui a sessenta dias”. Eu não vou dar conta! Pra minha estrutura óssea, não dá, né? Também eu tenho o meu horário de dormir, quando eu tô cansada eu vou deitar. Ai eu posso deixar tudo, deixo até as portas assim abertas, aí vou me deitar, me molho ali, às vezes visto uma camisa longa e vou deitar... Quer dizer, eu não quero compromisso, pra que eu fique depois prejudicada! Ai não posso... (Entrevistada F17)

A gente faz a rede, coloca no tear e aí vai fazendo à proporção que você tem vontade de fazer né? Quando eu quero paro, me enrolo, me deito, descanso, quando eu quero costuro e assim vai passando os dias (Entrevistada F21).

Tanto através das entrevistas, como pelas observações realizadas, foi percebido que as artesãs possuíam o seu tempo para bordar. Os compromissos ou eventuais padronizações impostas, retiravam-lhes o prazer da atividade e lhes impunham obrigações que as vinculavam a uma “funcionalidade” (SENNETT, 2009) não desejada, por exemplo, quando do atendimento de prazos. Nesse sentido, o prazer de utilizar o filé como terapia se encontrava diretamente relacionado à realização de um trabalho com “correção” (SENNETT, 2009), visto que a realização do trabalho primando pela qualidade envolvia satisfação pessoal obtida pela perfeição de seu produto, segundo a sua percepção.

Para Sennett (2009, p. 20), o artífice “focaliza a relação íntima entre a mão e a cabeça”. No caso das filezeiras do Pontal da Barra, a satisfação e sentimento de bem-estar, obtidos pelo artesanato, funcionavam como motivações ao enfrentamento das problemáticas mundanas, combinadas com a manutenção da sobrevivência, a qual era obtida pela constância da prática. Ambos atuavam como aspectos importantes ao processo de *sensemaking*, com incidência direta no processo de produção do artesanato uma vez que as faziam priorizar mencionados benefícios em troca de possíveis consequências físicas advindas pela continuidade da atividade artesanal.

Isso se percebeu, principalmente, quando a pesquisadora vivenciou a experiência da prática na oportunidade em que F1 se encontrava bordando alguns marca-textos para atender uma encomenda, os quais podem ser vistos na Fotografia 12. Recebendo as primeiras orientações de F1 e as demais de seu marido, que também sabia bordar, a pesquisadora conseguiu bordar

dois marca-textos, atividade que demorou duas horas para ser realizada. Ao final da atividade, sentia dores no pescoço, nas pernas e nas costas, as quais se prolongaram pelo dia seguinte, possibilitando as sensações físicas sentidas por uma aprendiz de artesã de bordado filé.

Fotografia 12 - Rede com marca-textos bordados para atendimento de encomenda, dos quais, dois deles foram bordados pela pesquisadora



Fonte: Autora, 2016.

Considerando que “[...] todas as habilidades, até mesmo as mais abstratas, têm início como práticas corporais [...]” (SENNET, 2009, p. 20), a experiência permitiu perceber a importância da periodicidade das práticas no que diz respeito àquelas necessárias ao desenvolvimento do ofício artesanal. Independentemente da existência, ou não, de talento pessoal, tem-se a necessidade inerente da prática para o alcance do aprimoramento técnico do artesão, caráter que não apenas reflete na qualidade de seu trabalho, mas, também, na possibilidade de destaque social, diante da perspectiva do reconhecimento coletivo.

A experiência também possibilitou a percepção de que a posição estática, inevitável para bordar filé e que se prolonga por um longo tempo, combinada com os movimentos repetitivos, certamente acarretariam futuros problemas decorrentes de uma eventual continuidade da prática por parte da pesquisadora. Além do experimento vivido, outros aspectos colaboraram com o entendimento de que a prática do artesanato bordado filé pode acarretar consequências

físicas maléficas às artesãs, possivelmente vinculadas a doenças relacionadas ao trabalho, como Lesões por Esforço Repetitivo (LER).

Primeiramente, a pesquisadora percebeu que algumas filezeiras, principalmente as mais antigas, eram um pouco corcundas. Em segundo lugar, por meio dos relatos, os quais comprovavam que até as artesãs experientes continuavam a sentir dores ao bordar (Diário de campo). Essas dificuldades eram oportunamente transmitidas aos turistas como uma estratégia de venda ao se buscar a valorização de seu trabalho:

Eu digo assim, ora, moça, ou... ou... ou homem, etc, chega aqui. Gente, vocês vão na loja comprar uma... uma blusa dessa aqui, só porque você se agradou, só porque tem... tem aquela etiqueta que você... você paga 50, 60... eh... até 80, a ge... até mais de 100. E uma blusa de filé, esse trabalho aqui todo à mão, 70 reais, 80 reais, uma com manga 120, 100 reais, você acha caro? Olhe direitinho como é que faz. Aí começo a trabalhar. Olha, tá vendo como é que é? Ponto por ponto à mão isso aqui, é trabalho que a gente fica com a coluna, quase... eu estou aqui, os pés queima que só pimenta quando eu... quando me sento. Meus pés queima. A... a... os braços doem, a vista dói, que já fiz a cirurgia duas vezes, a cabeça dói, é a coluna... é... é... esculhamba tudo, joelho tudo, pra poder a gente sobreviver, porque a gente tem a nossa pra ajudar os neto, né? Isso é um comércio né? (Entrevistada F13).

Por último, cabe considerar a informação, também obtida por meio das entrevistas, a respeito de programas realizados por universidades locais, tais como a Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal), que realizava um trabalho de saúde preventiva junto às filezeiras. Pôde ser percebido que mesmo diante de dores e queixas relacionadas com o trabalho, o processo de produção não era obstaculizado, considerando o *sensemaking* que vinculava as dores e a redução da prática artesanal a uma consequente improdutividade, acompanhada de sensações indesejadas pelas artesãs. Isso se percebeu na medida em que algumas relataram que quando eram obrigadas a diminuir o ritmo, ficavam deprimidas com a impossibilidade de bordar:

Aí mas é assim, o filé pra mim, filha, além de ser uma terapia, é um prazer, sabe? Eu sinto muita dor na coluna, eu tenho quatro hérnia de disco, as vezes eu tô em cima da cama, alguém me vira, tá entendendo? Mas, quando eu melhoro, eu tenho uma caixinha de remédio que tá aqui, aí eu já tenho tudo ali, digo “chega o remédio de dor!” [...] Ai o fisioterapeuta que eu tava fazendo: “Ah! Dona [...], se a senhora não deixar de fazer o filé, a senhora não vai ficar boa!”. Eu disse: “então eu vou continuar doente, mas eu vou fazer o meu filé!”. É porque se eu melhoro do braço eu vou cansar a mente, já pensou o dia todinho eu parada fia, dentro de casa, né pior não? (Entrevistada F17).

Assim sendo, era preferível continuar o processo de produção artesanal tendo em conta os benefícios, os quais incidiam diretamente no “processo do fazer” (SENNET, 2009). Esses benefícios, questionados em entrevista, ofereciam a possibilidade de obtenção de renda em primeiro lugar, seguido pela terapia obtida por meio da atividade. Entretanto, referidos

benefícios não envolviam apenas interesses individuais, mas de toda a comunidade. Assim ocorria, tendo em vista que por meio deles o artesanato bordado filé formava uma rede de ação (CZARNIAWSKA, 2004) vinculando relações possíveis em decorrência da produção artesanal contínua das filezeiras e colaborando com o *organizing* do artesanato local. Esses aspectos também foram percebidos nos discursos conforme se observa abaixo:

Ah, benefícios, são enormes. Que é... é... a grande maioria aqui de artesãs vive disso, então o benefício é... é inúmero, né? Porque eu tenho mesmo artesã que costura aqui filé pra mim que paga uma água, que paga uma luz..., que compra uma frauda pra criança que tá em casa..., que compra uma roupa..., que compra um perfume..., tudo vem disso aí, do filé, de fazer uma peça ou outra...[...] O meu vizinho da venda, porque se a gente vende o nosso produto, então vai na venda comprar uma linha que eles vendem, comprar um arroz, né verdade, um feijão, alguma coisa que teja faltando em casa, então é... o pescador, tá ali pescando peixe, se a gente vende, a gente foi já compra um peixe, já tá ajudando o pescador, não é isso? Então é... eu acho que pra toda comunidade. O filé é o nosso carro chefe (Entrevistada F5).

O “processo do fazer” (SENNET, 2009) no artesanato bordado filé do Pontal da Barra, nesse sentido, apresentava o *sensemaking* atuando no cotidiano do comportamento das filezeiras. Assim sendo, agiam em conformidade com suas identidades (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005) de artesãs de filé do Pontal da Barra e faziam jus a uma produção contínua. Essa produção, direcionada ao consumidor, advinha permeada de significações que envolviam toda a complexidade existente no contexto das artesãs. Observe-se o relato abaixo:

O que leva? O amor. O amor pelo... o amor pelo filé, é o amor que eu tenho ao trabalho, que é... quando eu faço um filé assim, aquele dali, oh, falta só botar [...] Só falta só botar a... as beroquinhas, ele é... pra cobrir sofá, que a gente vê o amor que a gente coloca na... em cada flor daquela, né, e quando... é tristeza quando vai embora. A gente fica alegre porque ganha dinheiro, mas diz “oxi, foi embora, eu fiquei... eu fiz com tanto amor e agora ele vai embora, não sei nem pra onde!”. Entendeu? Porque tem pessoa que compra pra dar de presente e ninguém sabe nem pra onde vai, mas sabe que vai tanto amor ali dentro (Entrevistada F10).

Ao tempo em que a artesã desempenhava sua prática buscando transmitir seu sentimento na produção de seu artesanato, ela proporcionava significados ao resultado obtido. Portanto, considerando que o turismo cultural se volta para um produto que tenha a capacidade de agregar valor a partir de um determinado local (RAMOS, 2013), o turista consumidor que vai em busca de novos conhecimentos, histórias e culturas, podia obter do artesanato bordado filé do Pontal da Barra o valor e a simbologia necessários à continuidade do comércio que envolve o turismo cultural. Isso se observa ao tempo em que o consumo se encontra atrelado àquilo que o produto representa, de modo que os significados existentes no produto se vinculam diretamente ao seu valor simbólico para o consumidor (RAMOS, 2013)

Abre-se um parêntese acerca de como Certeau (1998) relativiza esse papel do consumidor ao destacar suas relações com a mídia. Segundo o autor, as ações do consumidor são direcionadas tanto no ato do consumo, como no da utilização do produto por aquilo que ele “fabricou” em relação com o que a mídia direcionou. Certeau (1998) observa a possibilidade de “diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização” (CERTEAU, 1998, p.40), na medida em que estabelece que sua pesquisa se encontra situada na diferença ou distanciamento entre a imagem do produto e utilização do produto por parte do consumidor.

Essa “diferença”, reconhecida por Certeau (1998), remete a duas reflexões. A primeira diz respeito a certa emancipação do consumidor. Diante do reconhecimento de possibilidade de diferenças entre a produção da imagem e a utilização do produto, Certeau (1998) observa a possibilidade de certa emancipação midiática do consumidor com capacidade de atender às suas próprias vontades de consumo. A segunda possibilita o entendimento sobre uma nova atuação decorrente do artesão. Com base na concepção de Certeau (1998) a respeito de uma fabricação de ideias nos consumidores, assume-se que o artesão tem a possibilidade de direcionar seu produto com “elementos que permitam ao turista entregar-se à sedução, precisa dotar-se de um status que o diferencie e apresentar o potencial de dignificar aquele que se permite, por ele, seduzir” (RAMOS, 2013, p. 53).

Percebe-se, desse modo, a existência de fatores que direcionam tanto o artesão, quanto o consumidor, a um afastamento das amarras do mercado de consumo de massa. Isso fortalece a ideia quanto à necessidade do artesão identificar o que constitui sua rede, sendo capaz de entender o que deve ser feito, por meio de suas ações, para que seus objetivos sejam alcançados. Tal aspecto, além de destacar a importância do artesão identificar as redes de ação no que diz respeito ao mercado consumidor, abre-se uma possibilidade de desenvolvimento de seu ofício por meio da valorização de seu trabalho e de sua cultura, interferindo na dinâmica de ressignificação, tanto de seu artesanato, quanto de sua identidade de artesão (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014). Assim ocorrendo, ao invés de possibilitar a submissão do artesanato e da cultura às regras de uma economia de mercado que enaltece os interesses do mercado em detrimento da significação do trabalho artesanal, observa-se a possibilidade de ampliação de uma visão que proporcione ao artesão condições de agir, tendo no turismo cultural um aliado nesse processo.

Sendo assim, ao tempo em que as artesãs do Pontal da Barra desenvolviam suas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998) o artesanato bordado filé do bairro, elas oportunizavam ao turista/consumidor a obtenção de um artesanato repleto de construções sociais. Desse modo, o consumidor realizava a compra de um trabalho artesanal caracterizado por um artefato dotado de significados sobre a responsável pela produção, o sentimento envolvido ao fabricá-lo, o local onde ele foi comprado e a cultura representada no objeto adquirido.

Tendo em conta o rol de significações presentes no artesanato do Pontal quando do questionamento sobre as razões que levavam as artesãs a continuarem o ofício, o amor à atividade se apresentou como a primeira razão. Percebeu-se, portanto, que esse mesmo amor que elas possuíam pela prática artesanal, motivava-lhes a buscar a continuidade de sua cultura. Tal sentimento advinha de vários motivos, pelo orgulho em ser artesã de filé, para manter um legado familiar, ou pelo reconhecimento de que eram representantes de uma cultura que possuía uma dinâmica própria e singular, ou seja, uma cultura que possuía sua própria identidade:

A minha cultura vai morrer, eu em si. Então quando o homem morre, ele leva o saber, é a única coisa. Você pode ter dinheiro, de está com os pés, mas o que vai, você só vai levar o seu saber, né? Pronto, então eu tenho prazer em ensinar, porque assim, como eu estou vivendo momento difícil, todo mundo tá, mas o momento de prazer, de fazer mostrar minha cultura, então eu não quero deixar ela morrer, eu quero que outras pessoas aprendam, então foi isso, porque às vezes quando eu passo, “eita! Quero aprender fazer filé!” Eu digo, eu ensino. “Eita! Eu quero aprender!”... Eu ensino! (Entrevistada F17).

A artesã demonstrava em suas palavras a importância do saber, não deixando de destacar também a relevância da interação para que esse saber tivesse continuidade. Assim, ela primava pelo saber cultural e percebia que o conhecimento adquirido por meio da interação com as pessoas atuava como uma forma de propalar sua cultura representada pela prática do bordado filé local. Não se caracterizando como um caso isolado, essa percepção das artesãs quanto à importância da interação entre os atores sociais para a produção do conhecimento (GHERARDI, 2000) alia-se às ideias de Certeau (1998).

Observou-se que a importância dada pelas filezeiras à produção do conhecimento relacionado à sua cultura, apresentava-se como um elemento relevante do *organizing* de seu artesanato. Isso ocorria na medida em que, por meio de sua prática artesanal, elas auxiliavam na dinâmica do bordado Filé ao tempo em que valorizavam a interação entre os sujeitos ao desejar um reconhecimento dessa cultura. Assim agiam, não apenas com vistas à manutenção de sua sobrevivência pela facilitação de venda de seus produtos mas, também, para afirmação de

uma identidade, visto que o orgulho de ser dotada de um saber-fazer as tornavam representantes de uma cultura local permeada de construções sociais que se encontravam traduzidas no artesanato bordado filé do Pontal da Barra.

11 O BORDADO FILÉ, SUAS REDES DE AÇÃO E AS ARTICULAÇÕES ENVOLVIDAS

A análise apresentada até aqui permite o aprofundamento em alguns aspectos, a partir da base teórica adotada, para o atendimento da problemática proposta à compreensão sobre o processo organizativo do artesanato produzido nas redes de ação decorrentes das práticas cotidianas das artesãs de filé do bairro do Pontal da Barra, no município de Maceió, estado de Alagoas. Para tanto, inicialmente se torna necessário a identificação das redes que permeiam o artesanato estudado e como elas atuam. Na sequência, a compreensão das articulações entre as atividades, os lugares e os atores sociais que compõem as redes de ação envolvidas nesse processo é fator substancial, ao tempo em que tais redes se encontram permeando as práticas cotidianas das filezeiras locais, compondo o *organizing* que envolve seu artesanato.

No que se refere às redes de ação relacionadas ao artesanato bordado filé do Pontal da Barra, a pesquisa permitiu identificar que elas se apresentam abrangentes, apesar de parcialmente aproveitadas em prol do artesanato local.

Quanto à **rede do comércio local**, tanto contribuía no crescimento de ofertas de produtos aos clientes, como no aumento da concorrência entre os comerciantes, nesse último caso, resultando no comprometimento da atividade de algumas lojistas com implicações de ameaça à sobrevivência. A importância dos costumes culturais locais era mantida na rede comercial do Pontal da Barra por meio da manutenção de práticas culturais entre os habitantes, mesmo diante de sua interferência na dinâmica local, tendo em conta que o ambiente bucólico se apresentava como característica do bairro e de importância relevante como atrativo ao artesanato.

Em decorrência da prática artesanal, também se encontrava no bairro uma **rede de fornecedores** suprindo as filezeiras com artefatos necessários à produção, produtos acabados para revenda ou por meio de serviços artesanais. Desse modo, considerando que a ideia de contiguidade relativa aos processos organizativos significa que só se procede se os objetos ou arranjos materiais auxiliarem humanos e não humanos no desempenho das funções (LINDBERG; WALTER, 2013), esses fornecedores se caracterizavam como essenciais no processo de produção. Isso se apresentava diante de sua colaboração, oferecendo os artefatos e meios ao desenvolvimento do processo.

Assim sendo, localizando-se desde o ponto inicial do processo de produção do artesanato bordado filé do Pontal da Barra, a rede de fornecedores colaborava com a possibilidade de execução das práticas artesanais pela obtenção dos artefatos indispensáveis às “maneiras de fazer” das artesãs. Isso se infere, tendo em conta que tais artefatos se caracterizavam como “atuantes” e, por consequência, identificados como parte do processo contínuo de organização (LINDBERG; WALTER, 2013). Ao tempo em que agia operando diretamente no fluxo de mercadorias pelo fornecimento de serviço ou de peças acabadas e com a consequente obtenção de renda das artesãs, essa rede oferecia meios ao processo de produção do artesanato e, assim, contribuía na dinâmica comercial contínua, auxiliando o artesanato local.

De acordo com Schatzki (2006) algo acontece em tempo real na organização com base no desempenho das ações e práticas que a constituem e pela ocorrência dos fenômenos, apoiados pelos arranjos materiais que sustentam as atividades organizacionais. Nesse sentido, importante destacar que a demanda proporcionada pela quantidade de artesãs que compravam a malha já pronta no Pontal da Barra implicava numa prática cotidiana de grande incidência, de modo que grande parte de suas fornecedoras eram advindas de municípios vizinhos, principalmente de Marechal Deodoro e Coqueiro Seco. Diante disso, seguindo as orientações de Bispo, Soares e Cavalcante (2014) quanto à observância da regularidade apresentada pelas práticas para que seja possível o acesso como um *outsider*, foi percebido que tal aspecto conectava as relações entre o Pontal da Barra e os dois municípios mencionados, caracterizando suas artesãs como fornecedoras em potencial do Pontal, tendo em vista, principalmente, o fato de que muitas filezeiras do bairro desconheciam a primeira etapa do processo de produção de uma peça de filé.

Outra rede compondo a rede de ação do artesanato do Pontal, apresentava-se na do **turismo cultural**. Essa, composta pelos turistas dos hotéis da cidade, cujo contato se dava pelas artesãs da Associação dos Artesãos do bairro, pelos turistas trazidos pelos ônibus das agências de viagens e por aqueles levados pelos habitantes da cidade para visita ao local. Os grupos de turistas, em particular, traziam ao bairro um diferencial à sua dinâmica, tendo em vista o considerável aumento do fluxo de pessoas quando de sua chegada. Considerando que a cultura local e a certeza quanto à origem e à representatividade de uma produção dotada de história integram valores ao artesanato (RAMOS, 2013), essa rede influenciava o trabalho das filezeiras interferindo diretamente em suas práticas. Assim ocorria, uma vez que elas percebiam uma valorização por parte dos clientes quanto à procedência do artesanato produzido. Desse modo, o turismo as motivava no cotidiano de suas lojas com expectativas de

venda, interferia nos horários de abertura de estabelecimentos comerciais, provocava transformações no artesanato com vistas ao atendimento dos turistas consumidores, aumentava a oferta de lojas no local e aquisição de um artesanato dotado de significados inerentes ao bordado filé do bairro do Pontal da Barra.

Por meio das atividades realizadas pela Associação dos Artesãos do Pontal da Barra, a **rede hoteleira** da cidade também se incluía na rede de ação do artesanato do bairro. Isso ocorre ao tempo em que era o bordado filé que se destacava como a atividade apresentada nos hotéis, possibilitando o alcance do artesanato a potenciais consumidores e visitantes ao local. Isso se evidencia diante do aspecto de que o turista cultural não se caracteriza apenas em valorizar o artesanato ou tradição de dado local, torna-se inevitável, também, sua caracterização com o fator do consumo, caracterizando-se como um “consumidor de cultura” (RAMOS, 2013). Portanto, através das artesãs da Associação, a rede hoteleira se inseria nesse contexto, trazendo contribuições ao *organizing* local através das oportunidades oferecidas a uma maior interação entre as filezeiras e os turistas consumidores.

Nesse segmento, tendo em conta que o acontecimento de uma organização se encontra vinculado ao desempenho das ações que a constituem (SCHATZKI, 2005), as atividades da **rede de agências de viagens** também se evidenciavam. Isso ocorre ao tempo em que ela oferecia contribuições similares à rede hoteleira, possibilitando ao artesanato do Pontal da Barra a construção de novas relações na medida em que transportavam os turistas ao local. Assim atuando, influenciava na ocorrência de “transformações” na dinâmica do bairro, principalmente no período vespertino, compondo o rol de conexões envolvendo o artesanato bordado filé local.

Não se pode ignorar a presença do filé nas **feiras artesanais** e nos **shoppings** da cidade, assim como aquelas realizadas em outros estados. Utilizando-se do conhecimento prévio a organização pode se beneficiar de suas próprias aprendizagens e, ao mesmo tempo, atualizar suas ações e significados, adaptando-se às mudanças de seu contexto, tornando isso convencional no trabalho organizacional (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005). Assim sendo, tendo em vista os pontos acessíveis à atividade artesanal analisada, entende-se que referidos lugares também compunham sua rede de ação, relevando-se o aspecto da heterogeneidade de práticas relacionadas a essas redes, assim como a possibilidade de interação proporcionada, acarretando a difusão do artesanato a potenciais consumidores.

Por último, considerando o intrínseco entrelaçamento entre as malhas, arranjos e práticas formando uma rede de feixe de práticas (SCHATZKI, 2005) não se pode negar as redes que compunham as **instituições públicas e privadas**. As privadas, representadas pelo Sebrae (com ações voltadas para o empreendedorismo do artesanato) e pela empresa Braskem S/A (por meio de contribuições sociais no intuito de atenuar os danos provocados à comunidade). As públicas, constituídas por Universidades, como a Uncisal e por órgãos governamentais, como a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo (Sedetur). O fato é que referidas redes destacam a importância do artesanato bordado filé do Pontal numa gama de aspectos que também envolvem a economia do estado, auferindo a percepção acerca do valor cultural dessa prática artesanal e trazendo a incidência de ações, oriundas das referidas instituições e voltadas à população local. Diante disso, infere-se que “a percepção de interconexões torna mais claro que relações e redes determinam resultados e que os nós (agentes) em uma rede mudam continuamente em função de mudanças nas conexões” (WEICK; PUTNAM, 2006, p. 285, tradução nossa). Em consequência, importante mencionar a constante movimentação de relações que envolvem a rede de ação do artesanato do Pontal da Barra, de modo que as referidas instituições dizem respeito à realidade encontrada quando da realização da pesquisa, admitindo-se a existência de outras e novas conexões fazendo parte da dinâmica do contexto analisado.

Estando identificadas as redes de ação relacionadas ao artesanato bordado filé do Pontal da Barra, há de se considerar o aspecto de que as intenções se encontram inseridas nas ações quando do estudo de redes de ação (CZARNIAWSKA, 2004). Em decorrência disso, as ações, caracterizadas como um movimento ou evento, tem as intenções como atribuições interpretativas *a posteriori* (CZARNIAWSKA, 2004), ou seja, caracterizam-se como elementos constitutivos nas ações dos sujeitos justificando-as e/ou auxiliando em sua interpretação. No caso das filezeiras do Pontal da Barra, observou-se que a intenção de manutenção da sobrevivência abarcando o turismo cultural se apresentava como elemento central das ações cotidianas que movimentavam o processo organizativo do artesanato local através de articulações inerentes.

O filé do Pontal da Barra tem em sua dinâmica uma comunidade artesã com uma identidade cultural vinculada a uma prática artesanal que proporciona aos seus praticantes maneiras para jogar com os mecanismos de sobrevivência (CERTEAU, 1998) por meio de seu artesanato. Para tanto, suas ações desenvolvem uma atividade artesanal cujo fluxo processual compõe

uma rede de conexões (CZARNIAWSKA, 2004) que lhes oportuniza uma organização auxiliadora na superação das dificuldades no cotidiano em que convivem.

Uma vez que as ações humanas nas práticas são entendidas como influenciadas pelas condições estruturais (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011), a estrutura do contexto cotidiano do bairro direcionava as artesãs a adotar ações formadoras de um fluxo processual que as possibilitavam o desenvolvimento de uma dinâmica própria. Para tanto, optavam pela adoção de uma prática cuja realização atraía a ação de uma rede de fornecedores para a obtenção de matéria prima, caso a artesã fosse conhecedora de todas as etapas do processo de produção de uma peça de bordado filé. Aquelas que desenvolviam a prática artesanal omitindo a primeira etapa, relacionavam-se com os fornecedores de malha, assim como a maioria das lojistas possuíam a prática relacional com as fornecedoras de mão de obra.

Quando de um estudo que aborda o conceito de práticas, observa-se a relevância sobre as ações e seus significados, bem como, a necessidade de considerar tanto os aspectos estruturais da comunidade analisada, como a compreensão da força estruturante dos agentes (FIGUEIREDO; CAVEDON, 2015) contemplando suas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998) em suas vidas mundanas. Diante disso, a grande influência à produção da peça de filé, advinha da relação existente com a rede do turismo cultural, considerando as interferências, motivações, expectativas e transformações ocorridas pela importância dessa rede no artesanato do Pontal da Barra. Para o alcance dos turistas, observou-se o envolvimento da rede hoteleira e da rede de agências de viagem, dos *shopping centers*, das feiras e das instituições públicas e privadas, as quais atuavam formando um conjunto de possibilidades a serem aproveitadas e alcançadas pela “rede de ação” (CZARNIAWSKA, 2004) do artesanato do bairro.

Uma vez que “padrões de organização estão localizados nas ações e conversas que ocorrem em nome da organização presumida” (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005, p. 413, tradução nossa), os modos como a atividade artesanal vai finalizar o processo, alcançando o cliente através das redes acima mencionadas, variavam de acordo com suas práticas. Dessa forma, as maneiras mais perceptíveis no decorrer da pesquisa foram através de acordos de parceria com hotéis, participação em feiras dentro e fora do estado, recebimento de grupos turísticos ou de visitantes aleatórios no bairro.

A comunidade demonstrou capacidade de atuação de seu artesanato numa multiplicidade de lugares, confirmando uma eficiência de adaptação ao contexto encontrado diante da

heterogeneidade e realidade apresentada. Isso se apresentou possível através da interferência de instituições públicas e privadas proporcionando o alcance à participação das feiras dentro e fora do estado e, desse modo, auxiliando principalmente na divulgação e na oportunidade de novas conexões. Tais ocorrências associam-se ao entendimento direcionado à ausência de fronteiras organizacionais diante de efetivas possibilidades de constante produção na dinâmica processual da organização (DUARTE, ALCADIPANI, 2016) do artesanato filé das artesãs do Pontal.

Visto que a análise do processo de organizar (*organizing*) tem a prática como seu elemento central, tem-se nas práticas cotidianas das organizações seu principal pressuposto (BISPO, 2014). Diante disso, a necessidade de sobrevivência dos sujeitos sociais da comunidade do Pontal da Barra destacou características percebidas em suas práticas em decorrência de fortes influências provocadas pela produção de sentido vinculada à sobrevivência. Isso se infere uma vez que a análise das práticas requer a descoberta dos princípios que explicam e justificam as ações (FIGUEIREDO; CAVEDON, 2015). Nesta feita, as práticas das filezeiras do Pontal da Barra se refletiram na submissão de seu ofício por um baixo custo a artesãs locais, tendo em conta, principalmente, a necessidade de sobrevivência; além de estratégias de venda adotadas para a valorização do artesanato junto aos consumidores. Nesta feita, mediante todas as dificuldades enfrentadas para a manutenção da sobrevivência das artesãs, a relevância do artesanato bordado filé do Pontal da Barra se sobressai diante da rede que envolve o turismo cultural.

Assim ocorre, tendo em vista a gama de significações existentes nessa prática artesanal, implicando em significados que abrangem desde o valor auferido pela artesã à sua prática, envolvendo a história, o local, a cultura, até os benefícios proporcionados ao bem-estar pessoal que seu artesanato representa. Isso confirma entendimentos tais como o que diz respeito à relevância da produção de sentido no *organizing* (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005), à importância da história na prática (GHERARDI, 2000) e à ideia quanto ao estudo dos fenômenos segundo uma visão espaço-temporal para que seja possível a compreensão sobre a conexão entre os eventos (CZARNIAWSKA, 2004).

Nessa acepção, observou-se a existência de uma gama de possibilidades caracterizada nas redes disponíveis ao artesanato bordado filé do Pontal da Barra as quais, entretanto, apresentaram-se obscurecidas para muitas artesãs devido à carência de união no local. Em decorrência disso, uma vez que “o conhecimento é mediado pelas relações sociais”

(GHERARDI, 2001, p.133, tradução nossa), identificou-se uma dificuldade na interação entre os sujeitos sociais, obstaculizando a produção do conhecimento no Pontal da Barra e, desse modo, também atuando nas articulações que envolviam o artesanato local.

Entende-se, portanto que referido processo organizativo alcançaria uma articulação satisfatória diante da minimização dos conflitos internos da comunidade, o que poderia ser obtido por meio de uma conscientização dos sujeitos sociais quanto à necessidade de ações coletivas. Tais ações, por sua vez, possibilitariam aos sujeitos sociais da comunidade, “maneiras de fazer” o seu cotidiano por meio de táticas e estratégias próprias, melhor auxiliando-os a se opor aos termos dos contratos sociais (CERTEAU, 1998) que lhes são impostos no convívio da comunidade. Assim sendo, a realidade das artesãs do Pontal da Barra se apresenta alcançando uma simultaneidade de eventos ocorrendo em diferentes contextos (CZARNIAWSKA, 2004), ao tempo em que as práticas que envolvem seu artesanato se encontram encadeadas a outras redes, compondo um “contexto próprio” (SCHATZKI, 2005), inerente ao artesanato bordado filé e desencadeador de reflexos diretos nos aspectos relacionados à sobrevivência dos sujeitos sociais que compõem a comunidade.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação foi desenvolvida com o objetivo de **compreender como ocorre o processo organizativo do artesanato produzido nas redes de ação decorrentes das práticas cotidianas das artesãs de filé do bairro do Pontal da Barra, no município de Maceió, estado de Alagoas**. Desse modo, uma vez que a abordagem de Certeau (1998) prima pelo cotidiano dos atores sociais, a pesquisadora buscou se inserir no dia a dia do bairro, conhecer o artesanato produzido, as práticas adotadas pelos sujeitos e suas vinculações com os discursos percebidos, suas dificuldades e todo o contexto em que se desenvolveria a pesquisa. Para o alcance desse intuito, foram estabelecidos cinco objetivos específicos que direcionaram a análise dos dados obtidos na fase empírica, a qual se desenvolveu conforme as orientações metodológicas de Czarniawska (2004), pela união das técnicas da observação participante e da *shadowing*, aplicadas durante a vivência do cotidiano dos atores sociais envolvidos.

A estrutura de uma comunidade de artesãos qualifica particularidades de um povo, com suas respectivas práticas, linguagem, maneiras de fazer o seu cotidiano e sua cultura. Nessa acepção, quando do desenvolvimento de uma pesquisa que se fundamente nas ideias que se baseiam na abordagem sociológica dos Estudos Baseados em Prática segundo a qual o conhecimento “é produto de uma estrutura” (BISPO, 2013a, p. 137), urge o direcionamento de uma análise que busque compreender não apenas a estrutura, mas todo o “contexto” (SCHATZKI, 2005) de determinado povo, concebendo-se que é nele em que vão se desenrolar as práticas dos sujeitos, com seus atinentes significados, os fenômenos e as interações que possibilitarão a geração do conhecimento, tão necessário à sobrevivência dos indivíduos.

Diante da realidade a ser encontrada, constituindo-se de uma comunidade artesã, cujas ações mundanas são indispensáveis à manutenção da sobrevivência, buscou-se a utilização de abordagens teóricas com enfoque nas ações dos sujeitos sociais que se desenrolam no dia a dia dos indivíduos, procurando compreender a organização do artesanato da comunidade, considerando seus conceitos, histórias, fenômenos, produção de sentido e demais aspectos. Para tanto, utilizou-se principalmente das fundamentações teóricas de Michel de Certeau e da abordagem de “redes de ação” (CZARNIAWSKA, 2004).

Através da abordagem *certeuniana* foi possível uma análise detalhada sobre o cotidiano dos atores sociais, a partir da observação de suas práticas para procurar compreendê-las e considerar os discursos inseridos no contexto analisado, tendo em vista a capacidade de adaptação dos indivíduos através de suas “maneiras de fazer”, adaptando-se, superando as dificuldades e interagindo nessa realidade. A abordagem de “redes de ação” (CZARNIAWSKA, 2004), proporcionou ao estudo a possibilidade de uma visão organizacional, com base na dinâmica das ações dos atores sociais em conjunto com as diversas interações e conexões que se processam entre elas, numa perspectiva de que o trabalho artesanal se caracteriza como um estilo de vida, possuindo uma continuidade de atividades e “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998) o cotidiano na comunidade em que ele é produzido. Desse modo, buscando-se compreender como se formam as redes de ação do artesanato bordado filé do Pontal da Barra, foram observados os diversos eventos, lugares, pessoas e questões ocorridas na dinâmica organizacional desenvolvida no cotidiano do bairro, tendo em vista os diversos conflitos, comportamentos, ambiguidades e aspectos institucionais que se processavam nas diversas redes que se conectavam à rede de ação do artesanato objeto da pesquisa.

A união das diferentes técnicas (observação participante e *shadowing*), tanto tornou possível uma visão mais abrangente da rede envolvida, como viabilizou o relacionamento dos eventos que se processavam na comunidade e na organização. Isso se deu por meio da combinação dos relatos obtidos com a observação das atividades cotidianas.

A construção textual foi desenvolvida buscando-se a compreensão da corrente de eventos no contexto analisado, numa lógica que levou em conta as necessidades sentidas pela pesquisadora no decorrer da investigação. Desse modo, observou-se ser indispensável o conhecimento sobre o contexto encontrado, conhecendo-se elementos importantes sobre a história do bairro, com seus significados e aspectos comunitários inerentes, assim como as particularidades relacionadas aos locais de observação e os sujeitos participantes da pesquisa. Também se entendeu relevante conhecer a atividade do artesanato bordado filé, compreendendo suas origens, artefatos utilizados e processo de produção, de modo a possibilitar o entendimento e vinculação dos discursos diante dos eventos que se processariam ao longo da investigação.

Através da coleta de dados, observou-se a importância do comércio do bairro, o qual é responsável pela dinâmica das atividades das artesãs locais, influenciando em suas práticas,

no comportamento e na interação entre os sujeitos sociais envolvidos. Percebeu-se o dinamismo que envolvia o artesanato local, decorrente das diversas redes, constituídas por fornecedores, o turismo cultural e as agências de viagens. Destacou-se a prática de estratégias e as mudanças no artesanato e na estrutura física do bairro, com transformações que implicaram em alterações derivadas de processos de adaptação contínuos ocorridos ao longo do tempo, considerando-se a continuidade de adaptação tanto dos sujeitos, como das relações sociais que se desenvolviam no contexto artesanal.

O estudo na Associação dos Artesãos do Pontal da Barra, facilitou a percepção acerca da capacidade de atuação do artesanato numa multiplicidade de lugares ao mesmo tempo, diante da existência de práticas implicadas em estratégias, táticas, bricolagens (CERTEAU, 1998) e conflitos internos no contexto da organização. Assim se deu, pelo entendimento de Czarniawska (2004) quanto ao estudo dos fenômenos numa diversidade de lugares e de tempo, aspecto que foi observado, por exemplo, quando da utilização de elementos não humanos (aplicativo *WhatsApp*) por parte das filezeiras da Associação dos Artesãos.

Isso se percebeu, considerando que mesmo diante da ausência de contato físico entre os associados, os quais se encontravam nos mais diversos lugares, ocorria ação organizacional através de um ator social não humano, a tecnologia. Tal fenômeno se repetia cotidianamente em toda a comunidade diante das ações adotadas em decorrência da informação advinda do aplicativo sobre a chegada dos ônibus de turistas no bairro, influenciando diariamente em suas práticas. Infere-se que é preciso também compreender que as organizações não são, necessariamente, constituídas apenas por atores sociais que compartilham um mesmo espaço físico, ou seja, é necessário considerar que nem todas as interações demandam que as pessoas estejam presentes fisicamente ou, ainda, que compartilhem da mesma temporalidade (ORLIKOWSKI, 2007; CZARNIAWSKA, 2008).

Quando as pessoas produzem questionamentos significativos o suficiente que as possibilitem uma atuação, tanto no presente, quanto no futuro, em conformidade com o contexto no qual se encontram, elas atraem significados para suas ações, atribuindo-lhes uma perspectiva plausível à continuidade do fluxo existente (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005). Tais aspectos foram percebidos nas filezeiras do Pontal da Barra pela forte influência da produção de sentido (*sensemaking*) nas práticas organizativas do artesanato local.

Diante dessa produção de sentido significativa no contexto investigado, as ponderações influenciaram a realização de conclusões que poderão despertar nos indivíduos pesquisados

questionamentos sobre a viabilidade de modificação de práticas, tendo em vista possíveis benefícios institucionais com um *sensemaking* direcionado à adoção de novas práticas entre os membros da organização. Isso se apresenta por ser fundamental a percepção acerca das interconexões existentes no fluxo da realidade organizacional, as quais, através das relações e redes em constante movimento, determinam os resultados e colaboram na mutabilidade da organização (WEICK; PUTNAM, 2006). Assim se entende, uma vez que se observou uma oportunidade da organização analisar os benefícios decorrentes de eventuais inovações adotadas, concomitante aos motivos existentes para a não reincidência de procura por parte de antigos clientes.

Especificamente relacionado à Associação dos Artesãos, tendo em vista que o retorno de clientes representaria uma satisfação com os serviços anteriormente prestados, tal aspecto colaboraria para a preservação da rede de ação da organização, atuando no *sensemaking* das associadas por meio do aditamento de incentivos que oportunizassem reflexos em seus comportamentos. Isso se depreende considerando que o *sensemaking* envolve uma capacidade de interpretação acerca dos eventos ocorridos no *organizing* do contexto no qual o sujeito se encontra inserido (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005). Nessa medida, referida estratégia ainda não adotada se apresenta como uma oportunidade a ser estudada por parte da direção uma vez que envolve a captação de antigos clientes e a possibilidade de abrangência de sua rede de ação, a qual se encontrava com atividades mais concentradas à rede hoteleira, a de agências de viagens e a de feiras artesanais.

Inclusive, entende-se que uma maior descentralização das atividades e a realização de ações pontuais possivelmente colaborariam ao aumento da rede organizacional identificada durante a investigação, bem como, a um *organizing* mais condizente às possibilidades de seu contexto. Tal entendimento se sustenta uma vez que a produção de sentido no ambiente organizacional permite perceber que as pessoas tentam tornar o mundo mais ordenado por meio de suas ações, buscando dar sentido segundo a sua percepção na busca por uma estabilidade (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005) a qual, na verdade, é inalcançável. Assim, a importância da interpretação se releva através de um *sensemaking* que possibilite a compreensão sobre como alcançar essa suposta estabilidade organizacional.

Direcionando a análise para o conjunto de artesãs participantes da pesquisa (da comunidade e da Associação), observou-se que por meio de táticas e estratégias que se desenrolavam no dia a dia dos sujeitos sociais, apresentavam-se como principais influências o turismo cultural e a

necessidade de obtenção de renda. Ao tempo em que percebiam sua atividade tal como uma arte, destacava-se em seu cotidiano a existência de um clima de competição e a carência de união. Nessa acepção, diante da caracterização do campo artístico como o de batalhas e lutas no qual os sujeitos buscam a manutenção ou legitimação de posições por meio do desequilíbrio de uma conjuntura de divisão de poderes (FIGUEIREDO; MARQUESAN, 2014), encontrou-se uma condição semelhante, de batalhas e lutas no contexto do bairro das filezeiras quando arte e artesanato se aproximaram também por esse aspecto. Tal situação, resultava em implicações tanto nas atividades comerciais, como no desenvolvimento local, com consequências diretas na atividade turística desenvolvida no Pontal.

Assim ocorria, considerando o entendimento de que tais aspectos se apresentaram como um obstáculo em potencial à interação entre os sujeitos sociais, implicando em consequências que dificultavam o processo de conhecimento para a adoção de ações favoráveis que possibilitassem o alcance de objetivos em prol da sobrevivência da comunidade. Referida conclusão se sustenta uma vez que o conhecimento nas organizações se opera de forma implícita e tem as rotinas organizacionais como suas portadoras (GHERARDI, 2000). Tais rotinas, permeadas por relações de força manobradas através de estratégias e táticas (CERTEAU, 1998) adotadas pelas filezeiras, eram expressas pela competição existente entre elas de modo que conhecimento derivado da participação dos indivíduos nas atividades cotidianas (GHERARDI, 2000) se apresentava prejudicado, implicando na ausência de ações pontuais com vistas ao desenvolvimento local.

Levando em conta as fortes relações da atividade com os elementos não humanos, foi possível perceber a sociomaterialidade atuante no processo organizacional do artesanato bordado filé. Isso se percebeu diante do entendimento da sociomaterialidade como integrante na vida organizacional (ORLIKOWSKI, 2007) das filezeiras locais, ao tempo em que os artefatos por elas utilizados compunham suas práticas, tanto no âmbito material, como mental. Assim ocorria, diante da impossibilidade de produção decorrente da falta de materiais tidos como indispensáveis, bem como, pelas transformações produzidas em seus comportamentos tendo em conta a característica da prática artesanal atuando como terapia. A referida sociomaterialidade complementava as construções sociais existentes no artesanato, principalmente quando se parte de uma visão do artesanato como um signo que exprime de uma maneira única a sociedade (RAMOS, 2013). Dessa forma, identificou-se significações produzidas pela prática no comportamento das filezeiras, as quais eram transmitidas ao turista

cultural que adquiria um artefato representativo tanto da cultura de um povo, como de todos os significados concatenados ao seu processo de produção.

Referidos significados abrangiam tanto o *sensemaking* das artesãs durante a realização da peça, como a importância do bem-estar, destacada na pesquisa como um fator característico à produção de sentido das filezeiras do Pontal da Barra. Isso se percebeu, pelo fato de que as habilidades mentais beneficiam as organizações no que diz respeito às atividades de quem medita, contribuindo na concentração e no alcance de resultados (WEICK; PUTNAM, 2006). Tal fato foi reconhecido com a prática do bordado filé identificada como uma terapia, similarmente direcionando a benefícios na produção de sentido das praticantes. Esses benefícios superavam as consequências pela exposição a um trabalho que exigia de seus corpos movimentos repetitivos, causadores de dores que interferiam em sua rotina, mas que não se apresentavam como características impeditivas à prática. Desse modo, funcionando como um estabilizador do fluxo contínuo da experiência (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005), o *sensemaking* presente no artesanato do Pontal da Barra se caracterizava como forte motivador à continuidade do processo de produção do artesanato local, motivado pela prática de uma atividade realizada com amor.

O sistema de práticas do artesanato investigado se apresentou como um sistema complexo com práticas ramificadas (BISPO, 2014). Nesse sistema, identificou-se que seu processo organizativo se desenvolvia mediante a conexão de diversas redes de ação, atuando em todas as fases do processo. Isso ocorre diante da influência de uma produção de sentido, a qual remetia as filezeiras a uma gama de significados atribuídos ao seu artesanato. Isso se dá ao tempo em que os significados se apresentam no cotidiano dos sujeitos como uma forma de superação, diferenciação e comparação entre grupos, expressando afinidade ou individualidade (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014), tal como ocorria com o bordado filé para as artesãs locais.

Diante disso, uma vez que “através da operação do *sensemaking*, os eventos podem ser retratados como ações significativas ou ocorrências aleatórias” (CZARNIAWSKA, 2006, p. 1661, tradução nossa), tem-se que referidos significados atribuídos ao artesanato bordado filé, refletiram-se como uma arte, uma terapia, uma cultura, um meio de obtenção de renda e uma sobrevivência, além de fortalecer e manter aspectos vinculados a vantagens e a questões de poder do grupo (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014) na sociedade. Assim, o bordado filé do Pontal da Barra proporcionava aos sujeitos um caráter de enfrentamento, contrapondo-se a situações

dominantes, evitando a resignação e buscando seu lugar no espaço social. As “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998) tais enfrentamentos eram expressados pelas filezeiras, principalmente, através de uma identidade com o bairro. Para tanto, agiam por intermédio de um *sensemaking* que pode ser considerado central visto a compreensão dele compor o lugar inicial de materialização, formação e informação da ação e da identidade pelos significados (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005).

Essas “maneiras de fazer” vinculadas à sobrevivência das artesãs colaboravam na continuidade das atividades relacionadas a um processo artesanal alcançado por uma competição entre as artesãs, implicando em interferências que compunham a dinâmica do processo. As referidas interferências acarretavam em obstáculos a uma maior cooperação entre as diversas redes de ação envolvidas, diante dos prejuízos ao desenvolvimento de práticas coletivas que buscassem, por meio do artesanato local, a sobrevivência dos artesãos da comunidade. Ademais, tendo em conta a forte influência do mercado de consumo identificada entre as artesãs, insta evidenciar os fatores preocupantes relacionados à supervalorização desse mercado em detrimento da cultura, demandando a necessidade de ações que revertam esse quadro e auxiliem na continuidade do saber-fazer o bordado filé vinculado às questões culturais, identitárias e históricas.

Nessa continuidade, a valorização do artesanato como um legado histórico, apesar de ainda existente entre as artesãs do Pontal da Barra, mostrou-se como um desejo enfraquecido nas novas gerações. A percepção da pesquisadora foi de certa temeridade sobre as consequências danosas que possam advir de transformações que incorram em perda de práticas artesanais, considerando que o amor à atividade se mostrou como uma característica direcionada às artesãs mais antigas, algo que, supostamente, tem ficado em segundo plano a favor da lógica do mercado.

Entretanto, diante da dinâmica contínua existente nessa atividade artesanal, seu processo organizativo ocorre por meio de uma sociomaterialidade inerente a um processo de produção próprio que possibilita às praticantes a contraposição aos termos impostos pelo mercado, ao tempo em que as auxilia na formação da identidade de artesã de bordado filé do Pontal da Barra. Isso se depreende tendo em vista não apenas os discursos acerca da inexistência da atividade sem os artefatos materiais peculiares ao processo mas, principalmente, considerando todas as influências decorrentes dessa sociomaterialidade na prática individual de cada

filezeira, a qual se encontra num vasto campo de práticas e amplamente ramificada, organizacionalmente e institucionalmente (BISPO, 2014).

As filezeiras do Pontal da Barra, portanto, organizam-se por meio de práticas ordinárias (CERTEAU, 1998) que buscam adaptar seu artesanato ao mercado de consumo por meio de sua criatividade e adaptações do artesanato pela inserção de novos artefatos, formatos, pontos e atividades que passam a compor seu contexto e sua dinâmica, firmando sua identidade de artesã com a atividade e com o local. A referida identidade é formada por uma produção de sentido (WEICK; SUTCLIFFE; OBSTFELD, 2005) que se mostrou significativa no contexto analisado, influenciando nas práticas das artesãs e se encontrando vinculada à sobrevivência. Desse modo, independente da patrimonialização, observou-se uma oportunidade de estudo direcionada à formação dessa identidade e sua relação com o *organizing* que se processa entre as artesãs de filé do local.

Tal raciocínio se depreende, considerando a necessidade de um aparente respeito a importantes ações que compõem o processo de produção do bordado filé, tais como utilizar linha de algodão, bordar na malha apoiada no tear e usar agulha específica, ou seja, criar a peça respeitando algumas condições de atuação para as práticas que identificam a artesã com seu artesanato. Isso se observa tendo em vista aspectos importantes como o fato do artesanato se apresentar como uma complexa composição que abrange múltiplos fenômenos sociais que envolvem a vivência e a construção da história de um povo (BARBOSA; D'ÁVILA, 2014). Em paralelo, destaca-se no *organizing* uma dinâmica de constantes transformações e fluxos (DUARTE; ALCADIPANI, 2013), apresentando relações que se complementam. Entretanto, ao se considerar a conservação de práticas na formação da identidade da artesã, abre-se uma oportunidade de analisar as relações e implicações desse fenômeno na abordagem do *organizing*, na medida em que as transformações nas práticas levam à transformação da identidade e do próprio *organizing*.

Por último, há de se destacar o fato de que a padronização ocorreu por iniciativa das praticantes dessa atividade artesanal, as quais, atuando por meio de estratégias (CERTEAU, 1998), buscaram uma maior valorização da atividade. Os eventos desenvolvidos no decorrer do processo de obtenção do selo de certificação de IG com a ocorrência do afastamento de diversas filezeiras do Inbordal, tanto abrangeram aspectos conflitantes que permearam as relações entre os sujeitos envolvidos, como também se vincularam às questões identitárias,

abrindo-se novas oportunidades de estudo relacionadas a este fenômeno ocorrido no artesanato bordado filé em Alagoas.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Lei Ordinária Nº 7.285, de 30 de novembro de 2011. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem Patrimônio Cultural Alagoano e dá outras Providências. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**, Alagoas, 01 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.gabinetecivil.al.gov.br/legislacao/leis/leis-ordinarias/2011/lei-ordinaria-7.285>>. Acesso em: 01.fev. 2016.

_____. Secretaria do Estado do Desenvolvimento Econômico e Turismo (Sedetur-AL). **Pontal da Barra é berço do singular bordado filé**. Maceió, 25 jan. 2016a. Disponível em: <<http://www.sedetur.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/2015/pontal-da-barra-e-berco-do-singular-bordado-file>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

_____. Secretaria do Estado do Desenvolvimento Econômico e Turismo. **Bordado Filé recebe selo de Indicação Geográfica e fomenta produção artesanal**. Maceió, 4 ago. 2016b. Disponível em: <<http://www.sedetur.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/2015/bordado-file-recebe-selo-de-indicacao-geografica-e-fomenta-producao-artesanal>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

_____. Secretaria do Estado do Desenvolvimento Econômico e Turismo (Sedetur-AL). **Projeto Café com Arte comercializa mais de R\$ 40 mil em vendas**. Maceió, 6 jan. 2016c. Disponível em: <<http://www.sedetur.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/projeto-cafe-com-arte-comercializa-mais-de-r-40-mil-em-vendas>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

_____. Secretaria de Estado da Cultura. **Conselho Estadual de Cultura aprova pedido de registro de bordado filé alagoano**. Maceió, 26 jun. 2012. Sala de Imprensa. Notícias. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/2012/06/conselho-estadual-de-cultura-aprova-pedido-de-registro-de-bordado-file-alagoano>>. Acesso em: 1º fev. 2016.

ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Teoria Ator-Rede e Análise Organizacional: contribuições e possibilidades de pesquisa no Brasil. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 16, n.51, p. 647-664, 2009.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DO PONTAL DA BARRA. **Estatuto**. Maceió, 2009.
BARBOSA, V. L.; D'ÁVILA, M. I. Mulheres e Artesanato: Um 'Ofício Feminino' no Povoado do Bichinho/Prados-MG. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 141-152, jan./jun. 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Neto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

BISPO, M. S. Aprendizagem Organizacional baseada no conceito de prática: contribuições de Silvia Gherardi. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 14, n. 6, p. 132-161, 2013a.

_____. Estudos baseados em prática: conceitos, história e perspectivas. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 13-33, 2013b.

BISPO, M. S. Processo de organizar em agências de viagens: influências estéticas, etnometodológicas e práticas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 161-182, 2014.

BISPO, M. S.; SANTOS, I. S. A. A organização do cotidiano na orla de João Pessoa: um olhar etnometodológico da prática do voluntariado. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 379-416, 2014.

BISPO, M. S.; SOARES, L. C.; CAVALCANTE, E. D. C. Panorama dos Estudos sobre Prática no Brasil: uma análise da produção. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 38, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [ANPAD], 2014. p. 1-17.

BOCCANERA, N. B.; BOCCANERA, S. F. B.; BARBOSA, M. A. As cores no ambiente de terapia intensiva: percepções de pacientes e profissionais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 343-349, 2006.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **The logic of practice**. Tradução de Richard Nice. Cambridge: Polity, 1990.

BRASIL. Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços. Instituto Nacional da Propriedade Industrial. **Instrução Normativa nº 25/2013**. Brasília, 21 ago. 2013. Disponível em: <http://www.inpi.gov.br/legislacao-1/in_25_21_de_agosto_de_2013.pdf>. Acesso em: 7 maio 2017.

_____. Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços. Instituto Nacional da Propriedade Industrial. **Indicação Geográfica no Brasil**. Brasília, DF, 22 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/menu-servicos/indicacao-geografica/indicacao-geografica-no-brasil>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

_____. Ministério da Indústria Comércio Exterior e Serviços. Instituto Nacional da Propriedade Industrial. **INPI entrega certificado de IG relativo ao Bordado Filé de Alagoas**. Brasília, 4 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.inpi.gov.br/noticias/inpi-participa-da-entrega-de-ig-para-bordado-file-de-alagoas>>. Acesso em: 21 fev. 2017

CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Claudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARVALHO, C. P. Braskem: a moderna indústria química de Alagoas, uma história de 40 anos. In: LEONARDO, S. (Coord.) **Enciclopédia Municípios de Alagoas**. 3. ed. Maceió: Moura Ramos Gráfica Editora, 2012a. p. 485-486.

CARVALHO, C. P. Gráficos Gerais de Maceió. In: LEONARDO, S. (Coord.) **Enciclopédia Municípios de Alagoas**. 3. ed. Maceió: Moura Ramos Gráfica Editora, 2012b. p. 487-491.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de Fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CODÁ, R. **Pontal da Barra nossa terra e nossa gente**. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2015.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59-62.

CZARNIAWSKA, B. On time, space, and action nets. **Organization**, London, v. 11, n. 6, p. 773-791, 2004.

_____. A golden braid: Allport, Goffman, Weick. **Organization Studies**, London, v. 27, n. 11, p. 1661-1674, 2006.

_____. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management**, United Kingdom, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008.

DANTAS, C. L. Da Levada ao Pontal das rendas. In: **Enciclopédia Municípios de Alagoas**. 3 ed. Maceió: Moura Ramos Gráfica Editora, 2012. p. 521.

DAVEL, E.; CAVEDON, N.; FISCHER, T. A vitalidade artesanal da gestão contemporânea. **RIGS- Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 1, n. 3, p. 13-21, 2012.

DUARTE, M. F; ALCADIPANI, R. Contribuições do Organizar (Organizing) para os Estudos Organizacionais. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 23, n. 76, p. 57-72, 2016.

DURAN, M. C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, 2007.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing practice and practicing theory. **Organization Science**, Maryland-USA, v. 22, p. 1240-1253, 2011.

FIGUEIREDO, M. D.; CAVEDON, N. R. Transmissão do Conhecimento Prático como Intencionalidade Incorporada: Etnografia numa Doceria Artesanal. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 336-354, 2015.

FIGUEIREDO, M. D.; MARQUESAN, F. F. S. Artesanato, arte, design... Por que isso importa aos estudos organizacionais? **RIGS - Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 127-143, 2014.

FOUCAULT, M. et al. **O Homem e o Discurso (A Arqueologia de Michel Foucault)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e Grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 64-89.

GHERARDI, S. Practice-based theorizing on learning and knowing in organizations. **Organization**, London, v. 7, n. 2, p. 211-224, 2000.

_____. From organizational learning to practice-based knowing. **Human Relations**, London, v. 54, n. 1, p. 131-139, 2001.

_____. Introduction: the critical power of the 'practice lens'. **Management learning**, London, v. 40, n. 2, p. 115-128, 2009.

GIARD, L. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, M.. **A invenção do cotidiano. 1.Artes de Fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 9-32.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995.

GRABURN, N. H. H. The anthropology of tourism. **Annals of Tourism Research**, United States of America, v. 10, n. 1, p. 9-33, 1983.

GRAVINA, M. E. R. LER-Lesões por Esforços Repetitivos: uma reflexão sobre os aspectos psicossociais. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 65-87, 2002.

GOOGLE MAPS. [Pontal da Barra Maceió-AL] 2017. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-9.6940738,-35.7765398,583m/data=!3m1!1e3>> Acesso em: 13 fev. 2017.

INSTITUTO DO BORDADO FILÉ DA REGIÃO DAS LAGOAS. **Caderno de Instruções do Filé**: um guia de como fazer o tradicional filé alagoano. [Maceió]: Grafmarques, [2015?]. Disponível em: <<http://www.inbordal.org.br/sites/default/files/caderno-bordado-file.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2017.

IPIRANGA, A. S. R. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 65-91, 2009.

LAGES, S. B. et al. **Alagoas: roteiro cultural e turístico**. Maceió: [s.n.] 1979.

LEAL, A. F.; LEAL, E. A. Políticas públicas, culturas populares e patrimônio cultural imaterial: meios e alternativas. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 26, p.247-269, 2012.

LEITE, R. P. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Dados-Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.

LINDBERG, K; WALTER, L. Objects-in-use and organizing in action nets a case of an infusion pump. **Journal of Management Inquiry**, Los Angeles/USA, v. 22, n. 2, p. 212-227, 2013.

MACEIÓ. Secretaria Municipal de Comunicação (SECOM). **Rendeiras reivindicam linhas nas cores do mar de Alagoas**. Maceió, 2 abr. 2013a. Disponível em:

<<http://www.maceio.al.gov.br/secom/noticias/rendeiras-reivindicam-linhas-nas-cores-do-mar-de-alagoas/>> Acesso em: 14 dez. 2015.

MACEIÓ. Secretaria Municipal de Comunicação (SECOM). **Filé inspira coleção de grife nacional**. Maceió, 5 jul. 2013b. Disponível em: <<http://www.maceio.al.gov.br/secom/noticias/file-inspira-colecao-de-grife-nacional/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

_____. Fundação Municipal de Ação Cultural. **Filé produzido na região lagunar é certificado pelo INPI**. Maceió, 3 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.maceio.al.gov.br/2016/08/file-produzido-na-regiao-lagunar-e-certificado-pelo-inpi/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

MARQUESAN, F. F. S; FIGUEIREDO, M. D. De Artesão a Empreendedor: A Ressignificação do Trabalho Artesanal Como Estratégia para a Reprodução de Relações Desiguais de Poder. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 76-97, 2014.

MARTINI, G. T. **Baianas do Acarajé. A uniformização do típico em uma tradição culinária afro-brasileira**. 2007. 291 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Departamento de Antropologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/doc/Tese_075.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2017.

MEYER, J. W.; ROWAN, B. Institutionalized organizations: formal structure as myth and ceremony. **American Journal of Sociology**, Chicago/USA, v. 83, n. 2, p. 340-363, 1977.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

OLIVEIRA, J. S. de; CAVEDON, N. R. Uma abordagem política das práticas cotidianas: um estudo etnográfico num circo. **RiGS-Revista interdisciplinar de gestão social**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 81-104, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Patrimônio Cultural Imaterial**. Brasília, DF:[200-?]. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

ORLIKOWSKI, W. J. Sociomaterial practices: Exploring technology at work. **Organization studies**, Los Angeles, v. 28, n. 9, p. 1435-1448, 2007.

PENA, P G. L.; FREITAS, M. C. S. de; CARDIM, A. Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré, Bahia. **Ciências & Saúde Coletiva**, Manguinhos, RJ, v.16, n.8, p. 3383-3392, 2011.

PIMENTEL, M. R. A experiência turística e a imaginabilidade da paisagem urbana. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, RS, vol. 5, n. 3, p. 421-438, 2013.

POPELKA, C. A.; LITTRELL, M. A. Influence of tourism on handcraft evolution. **Annals of tourism research**, Amsterdam, The Netherlands, v. 18, n. 1, p. 392-413, 1991.

QUINLAN, E. Conspicuous invisibility shadowing as a data collection strategy. **Qualitative Inquiry**, Thousand Oaks, CA, v. 14, n. 8, p. 1480-1499, 2008.

RAMOS, S. P. Políticas e Processos Produtivos do Artesanato Brasileiro como Atrativo de um Turismo Cultural. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, RS, v. 5, n.1, p. 44-59, 2013.

RIGG, C. "It's in the way they talk": a discourse analysis of managing in two small businesses. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, United Kingdom, v. 11, n. 1, p. 58-75, 2005.

ROBINSON, M; SMITH, M. Politics, Power and Play: the shifting contexts of cultural tourism. In: SMITH, M.; ROBINSON, M. **Cultural tourism in a changing world: Politics, participation and (re)presentation**. Toronto: Channel view publications, 2006. p. 1-16.

SÁ-SILVA, J.; ALMEIDA, C. D.; GUIDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Ano 1, n. 1, p. 1-14, 2009.

SANTANA, G. S.; SIMÕES, M. de L. N. Identidade, memória e patrimônio: a festa de Sant'Ana do Rio do Engenho, Ilhéus (BA). **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 87-102, 2015.

SANTANA TALAVERA, A. Turismo cultural, culturas turísticas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 31-57, 2003.

SANT'ANA, M. M. O Pontal da Barra através de um parecer. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, v. 41, jun. 1989, p. 123-139, 1989.

SCARBROUGH, H.; PANOURGIAS, N. S.; NANDHAKUMAR, J. Developing a Relational View of the Organizing Role of Objects: A study of the innovation process in computer games. **Organization studies**, London, v. 36, n. 2, p. 197-220, 2015.

SCHATZKI, T. R. Peripheral vision. The sites of organizations. **Organization Studies**, London, v. 26, n. 3, p. 465-484, 2005.

_____. On organizations as they happen. **Organization Studies**, London, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

SENNETT, R. **O Artífice**. Tradução de Clóvis Marques. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (Sebrae). Agência Sebrae de Notícias. **Bordado filé vira patrimônio imaterial de Alagoas**. Maceió, 31 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/bordado-file-vira-patrimonio-imaterial-de-alagoas,66de5e24d0905410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em: 9 set. 2016.

TEIXEIRA, M. G. et al. Artesanato e desenvolvimento local: o caso da Comunidade Quilombola de Giral Grande, Bahia. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 12, n. 2, p. 149-159, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987. p. 137-173.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage**. Paris, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images//0013/001325/132540e.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

_____. **Introducing Unesco**. [Paris, 200-?]. Disponível em: <<http://en.unesco.org/about-us/introducing-unesco>>. Acesso em: 8 Mar. 2016.

VALLARD, A. Laotian textiles in between markets and the politics of culture. **Journal of Southeast Asian Studies**, Cambridge, v. 42, n. 02, p. 233-252, 2011.

VIEIRA, I.; RODRIGUES, A. P.; TEIXEIRA, M. S. Pequenas cidades históricas e seus visitantes: Aplicação a uma cidade histórica do Norte de Portugal. **PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, Portugal, v. 13, n. 3, p. 521-540, 2015.

WEICK, K. E. Organized sensemaking: A commentary on processes of interpretive work. **Human Relations**, London, v. 65, n. 1, p. 141-153, 2012.

_____.; PUTNAM, T. Organizing for Mindfulness: eastern wisdom and western knowledge. **Journal of Management Inquiry**, Thousand Oaks, CA, v. 15, n. 3, p. 275-287, 2006.

_____.; SUTCLIFFE, K. M.; OBSTFELD, D. Organizing and the process of sensemaking. **Organization Science**, Maryland, USA, v. 16, n. 4, p. 409-421, 2005.

WILHOIT, E. D.; KISSELBURGH, L. G. Collective action without organization: The material constitution of bike commuters as collective. **Organization Studies**, Los Angeles, n. 5, v. 36, p. 573-592, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CRONOGRAMA DE APLICAÇÃO DOS MÉTODOS DE COLETA DE DADOS

| TÉCNICA UTILIZADA | Duração da pesquisa de campo (Semanas) | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|---|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|-----------------|-----------------|---------------------------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|
| Semana de pesquisa | 1 ^a | 2 ^a | 3 ^a | 4 ^a | 5 ^a | 6 ^a | 7 ^a | 8 ^a | 9 ^a | 10 ^a | 11 ^a | 12 ^a | 13 ^a | 14 ^a | 15 ^a | 16 ^a |
| Local de Observação | Estabelecimento Comercial A e B | | | | | | | | | | | Estabelecimento Comercial A e B | | | | |
| Observação Participante | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | | X | X | X | X* | |
| <i>Shadowing</i> | | | | | | | | | | | X** | X | | | X | |
| Entrevistas | | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Participação em evento local e visitas a instituições públicas | | | | | | | | | | | | | | | X | |

(*) Observação participante apenas um dia na semana.

(**) Entrevista com a Presidente da Associação dos Artesãos do Pontal da Barra

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS ARTESÃS DA COMUNIDADE

1. Como você descreve o seu cotidiano no Pontal da Barra?
2. Conte como aconteceu, de forma detalhada, sua aprendizagem no bordado filé, com suas facilidades e dificuldades?
3. Quais as atividades que você considera diárias e indispensáveis como artesã de filé?
4. Quais são os objetos indispensáveis à atividade de um artesão de filé? Como eles são obtidos? Como seria o artesanato filé sem esses objetos?
5. Como você descreve as artesãs de filé da comunidade do Pontal da Barra?
6. Como você avalia a valorização das artesãs de filé do Pontal na sociedade? Por que tem essa opinião?
7. Na sua opinião, quais são as preocupações que um artesão de filé deve ter em relação ao cliente/consumidor?
8. Como você identifica e descreve seus principais clientes/consumidores?
9. Quais os obstáculos encontrados pelo artesanato filé do Pontal e como eles são superados?
10. Quais os auxílios oferecidos ao artesanato filé do Pontal e como eles são aproveitados?
11. Na sua concepção, o que atrai os turistas ao Pontal? Quais os produtos preferidos e porque você acha que eles preferem esses produtos? O que você procura fazer em relação a isso?
12. Em sua opinião, quais os benefícios que o filé tem trazido ao Pontal?
13. Você faz parte da Associação dos Artesãos do Pontal, quais as vantagens de fazer parte dessa Associação? Como ela pode contribuir mais com seu trabalho?
14. O que influencia o seu trabalho e o das demais artesãs?
15. O que te leva a continuar a ser uma artesã de filé?
16. Quais os seus planos futuros relacionados ao bordado filé?

**APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A PRESIDENTE E MEMBROS
DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DO PONTAL
DA BARRA**

1. Descreva o seu cotidiano no Pontal da Barra? (Falar das atividades cotidianas indispensáveis ao artesanato)
2. Como você aprendeu o bordado filé?
3. Como você descreve as artesãs de filé da comunidade do Pontal da Barra?
4. Como surgiu e há quanto tempo a Associação dos Artesãos do Pontal existe?
5. Fale sobre a estrutura existente para realizar o seu trabalho?
6. Como você identifica e descreve os principais clientes/consumidores da Associação? Quais são as preocupações que a Associação tem em relação a eles?
7. Quais são os concorrentes da Associação do Pontal e como a Associação lida com eles?
8. Quais os obstáculos encontrados pelo artesanato filé do Pontal e como eles são superados?
9. Quais os auxílios oferecidos ao artesanato filé do Pontal pelas empresas e órgãos do governo e como eles são aproveitados?
10. Em sua opinião, quais os benefícios que o filé tem trazido ao Pontal?
11. Quais as vantagens de fazer parte da Associação dos Artesãos do Pontal? Como ela tem contribuído com o trabalho das filezeiras do Pontal?
12. O que significa o reconhecimento do filé como patrimônio cultural imaterial do estado para a Associação? Qual a participação da Associação do Pontal nesse reconhecimento?
14. O que influencia o seu trabalho e o das demais artesãs?
15. O que te leva a continuar a ser uma artesã de filé? (Planos futuros)

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Sou Christianne Lobato Ramalho da Silva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Estou realizando uma pesquisa para compreender “como ocorre o processo organizativo do artesanato produzido nas redes de ação decorrentes das práticas cotidianas das artesãs de filé do bairro do Pontal da Barra, no município de Maceió, estado de Alagoas”, relacionando com o contexto que envolve o artesanato de filé do local. Para tanto, estou entrevistando as artesãs de filé do Pontal da Barra e, quando possível, participando de reuniões cuja abordagem seja relacionada à temática do artesanato de filé.

Ao participar desta pesquisa não haverá despesas ou benefícios diretos, mas pretende-se oferecer contribuições para os interessados em entender como as artesãs de filé do Pontal da Barra/Maceió/AL, por meio de suas práticas cotidianas, utilizam-se de um processo organizativo que as possibilita, através de seu artesanato, resistir às opressões sociais, à marginalização e à exclusão social geralmente impostas às classes mais pobres.

Participando desta pesquisa, você responderá algumas perguntas sobre o tema. Não existem respostas certas ou erradas. O intuito é conhecer a sua experiência prática e diária. Caso surja alguma dúvida durante a análise da entrevista, gostaria de entrar em contato para dirimir tais dúvidas.

Se permitir, gravarei a entrevista para não perder detalhes das informações. A gravação será disponibilizada apenas aos pesquisadores responsáveis pela análise dos dados e cinco anos após a sua transcrição ela será apagada. Caso não deseje que seja gravada basta informar.

Essa pesquisa segue critérios da ética em pesquisa com seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Os dados de identificação dos participantes são sigilosos. Os resultados obtidos serão publicados em periódicos e eventos científicos. Para não identificar os respondentes nos dados será utilizado um código, sem identificação pessoal.

A participação na pesquisa não envolve grandes riscos, será solicitado apenas o relato verbal e voluntário sobre opiniões e experiências. Se achar necessário, a qualquer momento pode não responder uma pergunta, encerrar ou cancelar sua participação, sem qualquer prejuízo.

Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento em duas vias, uma do pesquisador e outra do participante, de forma livre e esclarecida para a sua participação nesta pesquisa. Por favor, preencha os itens abaixo:

Eu, _____ após receber as informações sobre a pesquisa com o título provisório "*O Organizing* das artesãs de Filé do Pontal da Barra, em Maceió/AL" concordo em participar deste estudo e estou ciente dos meus direitos abaixo relacionados:

- ✓ a garantia de receber informações a qualquer dúvida relacionada com a pesquisa;
- ✓ a liberdade de deixar de participar da pesquisa a qualquer momento;
- ✓ a segurança de não ser identificado nos dados, mantendo o anonimato das informações e a garantia de que estas serão mantidas e utilizadas somente para fins de pesquisa;
- ✓ o conhecimento que não receberei qualquer incentivo financeiro pela minha participação;
- ✓ a segurança de que não terei nenhum prejuízo ou punição por não participar da pesquisa;

Tenho ciência do exposto e manifesto, livremente, meu desejo em participar da pesquisa.

Maceió, AL, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura da Responsável pela pesquisa

Mestranda Christianne Lobato Ramalho da Silva
Programa de Pós-graduação em Administração
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

E-mail: achristianne@hotmail.com Telefone: (82) 9 9995.0135